H.P. Lovecraft

Autor

O chamado de Cthulhu e outros contos

Título

Guilherme da Silva Braga

organização e tradução

hedra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Copyright _ Hedra 2009

Tradução* _ Guilherme da Silva Braga

Corpo editorial _ Adriano Scatolin,
Alexandre B. de Souza,
Bruno Costa, Caio Gagliardi,
Fábio Mantegari, Iuri Pereira,
Jorge Sallum, Oliver Tolle,
Ricardo Valle, Ricardo Musse

Dados _ Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O chamado de Cthulhu / Lovecraf, Howard Phillips (organização e tradução Guilherme da Silva Braga) - São Paulo : Hedra : 2015

Bibliografia.
ISBN 978-85-7715-116-5

1. Literatura Americana I. Ficção II. Ficção científica III. Terror

92-1393 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura americana: Ficção 813

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

Endereço _
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil

Telefone/Fax _ +55 11 3097 8304

E-mail _ editora@hedra.com.br

Site _ www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

(Providence [Rhode Island], 1890—*id.*, 1937) demonstrou desde a infância grande interesse pelas artes e pelas ciências, logo se tornando um leitor precoce.

Aos dois anos, vive o trauma de ter o pai internado em um manicômio onde permaneceria até morrer cinco anos mais tarde. Lovecraft segue morando com a família, porém a mãe jamais se recupera da perda e começa a sofrer distúrbios mentais que afetam profundamente sua relação com o filho, criando laços doentios entre os dois. Após uma crise nervosa em 1908, quando ainda estava em idade escolar, Lovecraft abandona para sempre os estudos e passa a levar uma existência reclusa até que, em 1914, descobre o jornalismo amador. A partir de então começa a publicar contos de horror e a escrever artigos variados em um número considerável de periódicos, bem como a dedicar-se à vasta correspondência que manteria ao longo de toda a vida. Depois de perder a mãe em 1921 e de casar em 1924, passa uma temporada de penúria em Nova York; esta, somada ao fracasso de seu casamento, obriga-o a voltar para a casa de suas tias em Providence. Mesmo sem nunca ter alcançado a fama em vida, foi por esta época que Lovecraft escreveu alguns dos contos responsáveis por seu renome atual, como "O chamado de Cthulhu" e *O caso de Charles Dexter Ward.* A partir de então, aproxima-se da ficção científica em obras como "A cor que caiu do céu", "Um sussurro nas trevas" e "A sombra fora do tempo". Morreu em 1937, vítima de câncer do intestino.

reúne narrativas escritas ao longo de toda a vida de H.P. Lovecraft, desde a sua estreia literária ("Dagon") até obras concluídas pouco antes de sua morte ("O assombro das trevas"). Também integram a seleção "O chamado de Cthulhu", um dos grandes clássicos de horror do século XX, e o inédito "A música de Erich Zann", considerado pelo próprio autor um de seus melhores escritos. Ao fim do volume, o leitor encontrará no apêndice uma carta escrita por Lovecraft ao amigo R. Michael, em que fala sobre sua personalidade e sua vida, e um artigo em que discute o método que empregava na criação de seus contos fantásticos. *O chamado de Cthulhu e outros contos* é um desconcertante passeio pelo universo macabro de um dos grandes mestres do horror.

é tradutor literário. Traduziu obras de Arthur Conan Doyle, Anaïs Nin e Jack Kerouac. Para a coleção de bolso da Hedra organizou e traduziu *O gato preto e outros contos*, de Edgar Allan Poe e *Flossie, a Vênus de quinze anos*, romance pornográfico atribuído a Algernon Charles Swinburne.

Introdução

"A EMOÇÃO mais antiga e mais forte do homem é o medo, e o medo mais antigo e mais forte é o medo do desconhecido": eis as palavras com que Howard Phillips Lovecraft abre o ensaio *O horror sobrenatural na literatura*, no qual faz o elogio do conto de horror — forma à qual dedicou praticamente toda a sua carreira literária — como forma artística legítima.

Não se pode dizer que o autor não tivesse argumentos sólidos para lançar-se à empreitada: em defesa da causa, evoca autores como Villiers de L'Isle Adam, William Beckford, Ambrose Bierce, S.T. Coleridge, Nathaniel Hawthorne, Washington Irving, Henry James, Guy de Maupassant e R.L. Stevenson, entre inúmeros outros — além, é claro, de Edgar Allan Poe, que em sua opinião foi o primeiro escritor a elevar os contos fantásticos ao patamar da arte no século XIX.

Segundo afirma Lovecraft, no entanto, o horror tem uma longa tradição que remonta aos primórdios da humanidade. Assim, não causa espanto a característica de grande antiguidade comum a celebrações primitivas como a Missa Negra, o Sabá das Bruxas, o Halloween, a Noite de Walpurgis e outros ritos orgiásticos de fertilidade tão frequentes nas histórias de horror de todas as épocas.

O tema do horror ancestral atravessa todas as fases de sua obra: já em "Dagon" (1917), um de seus primeiros contos maduros, o narrador, ao deparar-se com um monolito entalhado, imagina estar diante de representações dos deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou navegadores; uma tribo cujos últimos descendentes haviam perecido eras antes que o primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal nascesse.

"O modelo de Pickman" (1926) também bebe em fontes históricas e tem como pano de fundo os julgamentos das bruxas de Salem, ocorridos no século XVII, embora traga o horror também para o tempo presente. "O chamado de Cthulhu" (1926) menciona os Grandes Anciões, criaturas alienígenas que vieram à Terra e "viveram eras antes do primeiro homem nascer e chegaram a um mundo ainda jovem".

Não será surpresa, portanto, descobrir que Lovecraft era obcecado pelo passado. Mas neste caso, por que mais tarde teria escrito histórias que se aproximam da ficção científica, como "A cor que caiu do céu" (1927), "Um sussurro nas trevas" (1930) ou "A sombra fora do tempo" (1934–35)?

Antes de tudo, é preciso saber que, por mais que celebrasse o século XVIII, Lovecraft estava sempre a par dos avanços científicos de sua época. Certa vez

descreveu os três grandes interesses de sua vida como sendo "(a) O amor ao estranho e ao fantástico. (b) O amor à verdade abstrata e à lógica científica. (c) O amor à antiguidade e à permanência".[1]

Um de seus méritos foi justamente o de combinar a antiga tradição de horror com os avanços da ciência, o que resultou em um tratamento literário e filosófico dos preceitos científicos de então:

É chegado o momento em que a revolta normal contra o tempo, o espaço & a matéria deve assumir uma forma que não seja manifestamente incompatível com o que se sabe acerca da realidade —- o momento em que deve ser satisfeita por imagens que formem *complementos* em vez de *contradições* ao universo visível & mensurável. E o que mais, senão uma forma de *arte cósmica não sobrenatural*, é capaz de apaziguar este sentimento de revolta —- bem como satisfazer a curiosidade correspondente?

O efeito prático da modernização do horror encontra-se bem representado em "O modelo de Pickman": ao contemplar as terríveis cenas históricas infestadas de monstros nas telas do amigo, o narrador se impressiona; mas o horror só é total quando, passando à uma sala contígua, Pickman mostra-lhe seus "estudos modernos" —- pinturas em que criaturas medonhas atacam passageiros do metrô de Nova York.

Outra ruptura inaugurada por Poe e adotada por Lovecraft foi a extinção do que este último chamou de convenções literárias como o final feliz, a virtude recompensada e um didatismo moral vazio generalizado, a aceitação dos valores e padrões populares e os esforços envidados pelo autor para infiltrar suas próprias emoções na história e postar-se ao lado dos partidários das ideias artificiais da maioria.

Assim, o que encontramos nos contos de Lovecraft é uma descrição, sem nenhum juízo de valor, do estado de coisas no mundo fictício habitado por seus personagens —- mundo este que, à exceção do momento em que o horror sobrenatural aparece, é perfeitamente igual ao "mundo real", conforme Lovecraft deixa claro no breve ensaio *Notas sobre a escritura de contos fantásticos*:

Acontecimentos e condições inconcebíveis apresentam-se como um obstáculo a ser transposto, o que só pode ser feito por meio da manutenção de um realismo minucioso em todas as partes da história, exceto naquela em que se aborda o prodígio em questão. O portento deve receber um tratamento deliberado e impressionante —- com uma atenta preparação emocional —- sob pena de soar

banal e pouco convincente. Sendo o principal elemento da história, sua mera existência deve obscurecer todos os demais personagens e acontecimentos.

Este obscurecimento de todos os aspectos do real, que muitas vezes também inclui o obscurecimento da sanidade do protagonista, chama a atenção para outra característica notável dos "mitos" criados por Lovecraft: enquanto nas narrativas mitológicas tradicionais o herói adentra um mundo maravilhoso de onde emerge abençoado, os protagonistas de Lovecraft lançam-se às profundezas do horror e do desespero apenas para emergir com o conhecimento de que a humanidade não tem importância alguma na vastidão do universo:

O mundo e todos os seus habitantes parecem-me imensuravelmente insignificantes, de modo que sempre anseio por insinuar simetrias mais vastas e mais sutis do que aquelas relativas à humanidade.[2]

Eis, em suma, a essência do horror cósmico.

1.1 Uma vida conturbada

Howard Philips Lovecraft, filho de Winfield Scott Lovecraft e Sarah Susan Phillips Lovecraft, nasceu no dia 20 de agosto de 1890 em Providence, Rhode Island, no seio de uma família tradicional e abastada.

Em 1893, quando Lovecraft tinha apenas dois anos, seu pai, após um episódio alucinatório em Chicago, durante uma viagem a trabalho, foi contido e levado às pressas de volta a Providence, onde permaneceu internado no Butler Hospital até 1898, quando faleceu em consequência de uma paresia provavelmente causada pela sífilis.

A mãe, Susan, jamais se recuperou do trauma. O subsequente agravo dos distúrbios psicológicos que antes já a afligiam desencadeou uma relação superprotetora e bastante doentia entre ela e o filho, que assim cresceu isolado do mundo, convivendo apenas com os membros da família que moravam na casa —- a mãe, duas tias e o avô.

Lovecraft foi uma criança precoce. Aos dois anos, recitava poesia. Aos três, aprendeu a ler. Aos cinco, teve contato com as fábulas dos irmãos Grimm e com *As mil e uma noites*, e o fascínio pelas lendas árabes levou-o a adotar o pseudônimo "Abdul Alhazred" — que mais tarde viria a ser o infame autor fictício do terrível *Necronomicon*. Entre seis e sete anos, aventurou-se na escrita: seu primeiro conto, "The Noble Eavesdropper" (1896), não sobreviveu, mas alguns escritos dos anos seguintes — "The Little Glass Bottle" (1897), "The Secret Cave" (1898), "The Mystery of the Grave-Yard" (1898) e "The Mysterious Ship" (1902) —- ainda hoje constituem sua reduzida juvenília. Aos oito, descobriu a obra de Edgar Allan Poe, um dos escritores que mais o influenciaram.

Em 1904, Lovecraft entrou para a Hope Street High School, onde travou relações amigáveis com colegas e professores. O grande interesse que tinha pelas ciências, em especial química e astronomia, fazia da escola um lugar agradável, porém a saúde precária frequentemente o obrigava a faltar às aulas.

No mesmo ano, Lovecraft perdeu o avô, que provinha o sustento do lar. A família começou a enfrentar dificuldades financeiras em virtude da má administração da herança e viu-se obrigada a vender a mansão onde morava para recomeçar a vida em uma residência muito mais modesta. O jovem Lovecraft sofreu tanto com a perda do antigo lar que por um tempo chegou a contemplar o suicídio, mas no fim prosseguiu com os estudos. Em 1908, porém, sofreu uma grave crise nervosa durante a qual destruiu grande parte do material que havia escrito na

infância. O motivo para a crise jamais foi esclarecido a contento, mas talvez estivesse relacionado às dificuldades de Lovecraft no aprendizado de matemática, disciplina indispensável para que realizasse o sonho de tornar-se astrônomo. Nunca mais retomou os estudos, embora tenha compensado amplamente esta falta de educação formal com inúmeras leituras sobre os mais variados assuntos.

Durante os sete anos seguintes, Lovecraft viveu quase como um recluso, até que em 1913, irritado com a baixa qualidade de algumas histórias publicadas na *Argosy*, uma das revistas *pulp* que habitualmente lia, decidiu escrever à publicação uma sarcástica crítica em verso, publicada na seção reservada aos leitores. Houve réplicas e tréplicas e a polêmica estendeu-se por um ano inteiro, mas a despretensiosa correspondência rendeu a Lovecraft seu primeiro emprego: Edward F. Daas, da United Amateur Press Association (UAPA), acompanhou o debate de perto e no fim convidou Lovecraft a trabalhar para a associação. Depois de aceitar o convite, o jornalista estreante começou a escrever para diversos jornais, além de editar seu próprio periódico, chamado *The Conservative* (1915–1923). Nos anos seguintes, ocupou vários cargos importantes dentro da UAPA e também da National Amateur Press Association (NAPA).

Graças ao jornalismo amador, Lovecraft teve contato com inúmeras pessoas que compartilhavam de seus interesses e passaram a admirá-lo. W. Paul Cook leu dois contos seus que haviam sido publicados — "A fera na caverna" (1905) e "O alquimista" (1908) — e incentivou-o a continuar escrevendo. Assim, ainda em 1917 Lovecraft completou "A tumba" e "Dagon", que, assim como "Polaris" (1918) e "O navio Branco" (1919), foram enviados para a apreciação de um seleto grupo de correspondentes — os primeiros leitores de sua ficção.

Mais tarde o autor também ficaria famoso pela vasta correspondência que manteve com outros expoentes da literatura de horror, fantasia e ficção científica, como August Derleth, Clark Ashton Smith, Donald Wandrei, Frank Belknap Long, Robert Bloch e Robert E. Howard, entre muitos outros.

Por esta mesma época, em 1919, Susan Lovecraft sofreu um colapso nervoso e foi internada no mesmo hospital psiquiátrico onde seu marido havia falecido. Diagnosticada com distúrbios mentais, permaneceu internada no Butler Hospital até 1921, quando morreu em decorrência de uma malfadada operação na vesícula.

Com o choque da perda, Lovecraft voltou a ter pensamentos suicidas, mas desta vez recuperou-se muito mais depressa e apenas um mês mais tarde compareceu

a uma convenção de jornalistas amadores em Boston, onde conheceu Sonia Haft Greene, para quem na época prestava alguns dos serviços de revisão editorial que, ao lado de uma pequena herança familiar, constituíam seu parco rendimento desde a juventude, uma vez que o dinheiro obtido com seus próprios escritos jamais bastou para garantir-lhe o sustento. Os dois descobriram afinidades e casaram-se três anos mais tarde, em 1924. Ninguém foi convidado para a cerimônia: as testemunhas da união foram os próprios funcionários da igreja onde o casal esteve, e as tias de Lovecraft só foram comunicadas uma semana mais tarde — talvez porque o prospecto de trazer ao seio da família uma judia ucraniana proprietária de uma loja de chapéus na Fifth Street fosse arrojado demais para as conservadoras senhoras.

Após o casamento, Lovecraft foi morar com a esposa em Nova York. A princípio, deslumbrou-se com a cidade, os museus, as bibliotecas e mil outras maravilhas; mas o encanto inicial durou pouco. A herança que o sustentava ficava dia a dia mais escassa, e a situação financeira e afetiva do casal piorou até se tornar insustentável: a loja de chapéus de Sonia faliu; sua saúde deteriorou-se; Lovecraft não conseguia, por mais que tentasse, arranjar um emprego fixo; e, somado a tudo isso, Sonia sofria com o total desinteresse do marido pelo sexo. Assim, passados dez meses de vida a dois, mudou-se para Cleveland, onde teria arranjado um bom emprego, enquanto Lovecraft foi morar sozinho em uma vizinhança sórdida do Brooklyn.

Na época, o ódio do autor por Nova York — devido em grande parte aos sentimentos racistas que nutria em relação aos imigrantes — foi transformado em contos como "Ele" (1925), "O horror em Red Hook" (1925) e "Ar frio" (1926).

Ao saber da situação difícil em que o amigo se encontrava, Frank Belknap Long, Jr., escreveu para as tias de Lovecraft em Providence, que então o convidaram a voltar para casa — um convite que o escritor esperava havia tempo, mas não tinha coragem de pedir. Lovecraft voltou à sua amada cidade natal em 1926, embora desacompanhado da esposa: suas tias acharam que seria desonroso para a família ter uma mulher cuidando de uma loja em Providence, ou mesmo em Boston, e assim vetaram este plano. Na prática foi o fim do casamento, embora Sonia tenha pedido o divórcio apenas mais tarde e Lovecraft jamais o tenha assinado.

Quando retornou sozinho a Providence, no entanto, Lovecraft não era mais o eremita de outrora: havia se tornado uma pessoa mais integrada ao mundo e ocupava parte de seu tempo com viagens e visitas a antiquários; além do mais, continuava dedicando-se a sua volumosa correspondência.

Foi nesta época que começou o período mais fértil de toda a sua carreira: ainda em 1926, escreveu o mais famoso de todos os seus contos, "O chamado de Cthulhu". No ano seguinte, dedicou-se a narrativas mais longas, como *À procura de Kadath* e *O caso de Charles Dexter Ward*. A maior complexidade das novas histórias, no entanto, tornava-as menos vendáveis aos olhos dos editores, o que reduzia ainda mais o já escasso sustento do autor. O pouco dinheiro que obtinha com revisões e *ghostwriting* obrigava-o a levar uma vida extremamente limitada.

Em 1935, Lovecraft começou a ter sintomas de câncer no intestino, mas recusou-se a buscar ajuda médica, talvez porque temesse uma cirurgia desastrosa como a que ceifara a vida de sua mãe. Quando as dores causadas pela doença tornaram-se insuportáveis e obrigaram-no a buscar tratamento, já era tarde demais: Lovecraft morreu no dia 15 de março de 1937, apenas cinco dias após sua internação no Jane Brown Memorial Hospital.

1.2 Reconhecimento tardio

Em vida, Lovecraft jamais alcançou um público maior do que os leitores de revistas *pulp* para as quais escrevia. O único livro que conseguiu publicar — *The Shadow Over Innsmouth* (1936) — saiu em uma edição descuidada de baixa tiragem (cerca de duzentos exemplares) pela Visionary Publishing Company, uma pequena editora especializada em fantasia e ficção científica. Tudo parecia indicar que o destino final de sua obra, dispersa em vários periódicos, seria o esquecimento.

Mas os correspondentes August Derleth e Donald Wandrei, movidos pelo desejo de preservar a obra de Lovecraft, ofereceram os contos do amigo a vários editores. Como não encontrassem ninguém interessado, uniram esforços e, em 1939, fundaram a editora Arkham House a fim de publicar as obras de H.P. Lovecraft em livro. A primeira coletânea, *The Outsider and Others*, foi lançada no mesmo ano. Logo vieram muitos outros volumes, que no entanto não chamaram suficiente atenção da crítica para alçar a obra de Lovecraft ao nível de literatura.

Na década de 40, Lovecraft começou a despertar alguma atenção por parte de especialistas, embora os comentários ainda fossem tímidos, quando não de todo negativos. Foi somente após a publicação do primeiro volume de sua correspondência em *Selected Letters* I (Arkham House, 1965) que Lovecraft passou a desfrutar de algum prestígio nos círculos literários. Alguns anos mais tarde, em 1979, foi fundado o periódico *Lovecraft Studies*, dedicado exclusivamente ao estudo do autor.

O reconhecimento definitivo tardou quase setenta anos, mas veio em 2005 com a publicação de *Tales*, um volume inteiramente dedicado a Lovecraft na prestigiosa coleção da Library of America, que desde 1982 publica autores canônicos de língua inglesa. E assim o horror instalou-se definitivamente na biblioteca.

Faig, J.R.; KENNETH, W. "The parents of Howard Phillips Lovecraft". In: LOVECRAFT, Howard Philips; SCHULTZ, David E.; JOSHI, S.T. *An Epicure in the Terrible*. Fairleigh Dickinson University Press, 1991.

Jones, Stephen (ed.). *H. P. Lovecraft's Book of the Supernatural*. Pegasus Books, 2006.

Joshi, S.T. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Phillips; JOSHI, S.T. (org.). *The Call of Cthulhu and Other Stories*. Penguin Classics, 1999.

_____. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Phillips; JOSHI, S.T. (org.). *The*

Thing on the Doorstep and Other Weird Stories. Penguin Classics, 2001.

_____. "Introduction". In: LOVECRAFT, Howard Philips; SCHULTZ, David E.; JOSHI, S.T. *An Epicure in the Terrible*. Fairleigh Dickinson University Press, 1991.

Lévy, Maurice. *Lovecraft, a Study in the Fantastic*. Trad. S. T. Joshi. Wayne State University Press, 1988.

Lovecraft, Howard Phillips. *Supernatural Horror in Literature*. With a new introduction by E.F. Bleiler. Dover Publications, Inc., 1973.

Lowell, Mark. Lovecraft's "Cthulhu Mythos". *Explicator* 63, nº 1, Fall 2004, pp. 47–50.

Price, Robert M. "H.P. Lovecraft: Prophet of Humanism." *The Humanist* 61, nº 4, July-August 2001, pp. 26–29.

---

1 A carta de Lovecraft é citada por JOSHI (1991), p. 22.

2 Lovecraft citado por LÉVY (1988), p. 34

Parte I
o chamado de cthulhu e outros contos

Dagon

ESCREVO essa história sob uma pressão mental considerável, uma vez que hoje à noite me apago. Sem dinheiro, com o estoque da droga que torna a vida suportável próximo do fim, não aguento mais essa tortura; estou prestes a me atirar pela janela da água-furtada na desolação da rua lá embaixo. Não entenda minha dependência da morfina como uma fraqueza ou uma perversão. Quando o senhor ler essas páginas rabiscadas às pressas poderá entender, ainda que não por completo, a minha ânsia pelo esquecimento ou pela morte.

Foi numa das regiões mais abertas e menos frequentadas do enorme Pacífico que o paquete em que eu era supervisor de carga caiu vítima das forças alemãs. Era o início da grande guerra, e as forças oceânicas dos teutos ainda não haviam afundado ao nível da degradação posterior; de modo que nossa embarcação foi capturada como um troféu legítimo, enquanto nós, da tripulação, fomos tratados com toda a justeza e consideração devida aos prisioneiros navais. A postura de nossos captores, a bem dizer, era tão tolerante que cinco dias após a abordagem consegui escapar sozinho em um pequeno barco, levando comigo água e provisões suficientes para um período considerável.

Quando por fim me vi livre, à deriva, eu tinha pouca ideia das minhas coordenadas. Sendo um navegador de poucas habilidades, eu só conseguia ter uma vaga noção, graças ao sol e às estrelas, de que estava ao sul do Equador. Quanto à longitude eu não fazia a menor ideia, e não havia nenhuma ilha ou litoral à vista. O tempo manteve-se bom e, por dias incontáveis, fiquei à deriva sob o sol escaldante; esperando que algum navio passasse ou que as ondas me conduzissem à orla de um lugar habitável. Mas nem o navio nem a costa apareceram, e comecei a entrar em desespero com a solidão em meio à grandeza opressiva do infinito panorama azul.

A mudança operou-se enquanto eu dormia. Jamais conhecerei os detalhes; pois o meu sono, mesmo sendo agitado e cheio de pesadelos, foi ininterrupto. Quando por fim acordei, vi-me parcialmente sugado pelo lodo de um infernal pântano negro, que se estendia à minha volta em ondulações monótonas até onde a vista alcançava, e onde o meu barco estava ancorado a alguma distância.

Mesmo que se possa imaginar a minha reação de surpresa ante uma transformação tão prodigiosa e súbita no cenário, a verdade é que eu sentia mais terror do que espanto; pois no ar e no solo putrescente havia algo de sinistro que me enregelava até o âmago. O lugar fedia a restos pútridos de peixes em decomposição e de outras coisas indescritíveis que eu via erguerem-se do lodo asqueroso que recobria a infindável planície. Talvez eu não devesse tentar pôr em

meras palavras o horror indescritível que o silêncio absoluto e a imensidão estéril podem encerrar. Não se ouvia nada, não se via nada afora a vastíssima extensão de lodo negro; mas era a perfeição do silêncio e a constância do cenário o que me oprimia com um terror nauseante.

O sol ardia em um céu que parecia quase negro em sua crueldade límpida; como se a refletir o palude escuro como nanquim sob os meus pés. Enquanto eu retornava ao barco, percebi que só havia uma teoria para explicar a minha situação. Por obra de alguma erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do solo marítimo fora arremessada em direção à superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos haviam repousado em silêncio nas insondáveis profundezas oceânicas. Tamanha era a extensão de terra assim surgida que eu não conseguia ouvir o rumor do mar, por mais que tentasse. Tampouco se viam aves marítimas a procurar comida entre as carcaças.

Por longas horas fiquei pensando ou cogitando no barco, que estava de lado a fim de projetar alguma sombra enquanto o sol movia-se no firmamento. À medida que o dia avançava o chão ficava menos pegajoso e dava a impressão de que em pouco tempo estaria seco o suficiente para uma caminhada. Dormi pouco à noite e, no dia seguinte, preparei um suprimento de comida e água, antevendo uma jornada por terra em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã o solo estava seco o bastante para que eu pudesse caminhar sem dificuldade. O odor dos peixes era enlouquecedor; mas eu estava compenetrado em assuntos muito mais graves para incomodar-me com um mal tão insignificante e, assim, lancei-me rumo ao desconhecido. Andei o dia inteiro em direção ao Ocidente, guiado por um promontório que se erguia mais alto do que qualquer outra elevação naquele vasto deserto. Acampei naquela noite e, no dia seguinte, prossegui em direção ao promontório, que no entanto parecia quase tão distante quanto no momento em que o vi pela primeira vez. Na quarta noite cheguei ao pé da elevação, muito mais alta do que parecera ao longe; um vale destacava seus contornos em meio ao panorama geral. Exausto demais para escalar, dormi à sombra do promontório.

Não sei por que meus sonhos foram tão fantásticos naquela noite; mas antes que a formidável lua gibosa subisse às alturas celestes, acordei, suando frio, determinado a não mais dormir. Eu não seria capaz de aguentar mais uma vez aquelas visões. O luar mostrou-me o quão tolo eu fora ao viajar durante o dia. Sem o brilho do sol escaldante, minha jornada teria consumido menos energia; em verdade, naquele instante eu sentia-me apto a empreender a escalada que me vencera ao pôr do sol. De posse dos meus suprimentos, parti em direção ao pico daquela eminência.

Disse eu que a monotonia constante da paisagem inspirava-me um horror vago; mas acredito que meu horror tenha sido ainda maior quando ganhei o cume do promontório e olhei para o outro lado, em direção a um enorme fosso ou cânion, cujos negros recessos a lua ainda não subira o bastante para iluminar. Senti-me nos limites do mundo, olhando para o caos insondável de uma noite eterna. Meu terror era atravessado por reminiscências do *Paraíso Perdido* e da terrível escalada de Satã pelos domínios da escuridão primordial.

À medida que a lua subia, comecei a notar que os declives do vale não eram tão íngremes quanto eu imaginara a princípio. Saliências e escarpas na rocha proporcionavam uma descida relativamente fácil e, após algumas dezenas de metros, o declive tornava-se bastante gradual. Tomado por um impulso que não sou capaz de explicar, desci pelo caminho de pedra e postei-me no declive mais suave lá embaixo, olhando aquelas profundezas infernais onde luz alguma jamais havia penetrado.

De repente minha atenção dirigiu-se a um enorme e singular objeto que se erguia a pique no declive do outro lado, a uns cem metros de distância; um objeto que resplandecia em brancura com os raios recém-chegados da lua ascendente. Logo me convenci de que era uma enorme rocha; mas por algum motivo eu tive a nítida impressão de que aquele contorno e aquela disposição não podiam ser obra da Natureza. Um exame mais atento encheu-me de sensações inexplicáveis; pois, apesar da enorme magnitude e da proximidade ao abismo hiante que repousava no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi sem a menor dúvida que o estranho objeto era um monolito bem-formado, cuja opulência conhecera o trabalho e talvez a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Confuso e assustado, mas sentindo o entusiasmo dos cientistas e arqueólogos, examinei meus arredores em maior detalhe. A lua, já próxima ao zênite, resplandeceu com um brilho estranho acima do sobranceiro promontório que circundava o abismo e revelou um enorme volume de água lá embaixo, que se estendia para os dois lados e quase batia-me nos pés enquanto eu permanecia no declive. No outro lado do pélago, pequenas ondas quebravam junto à base do monolito ciclópico, onde se viam inscrições e esculturas primitivas. A escrita usava um sistema de hieróglifos que eu ignorava, diferente de todos aqueles vistos nos livros, e consistia, na maior parte, de símbolos aquáticos estilizados, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e outros. Muitos hieróglifos representavam coisas marinhas desconhecidas ao mundo moderno, mas cujos corpos em decomposição eu avistara na planície que se erguera do mar.

Era o estilo pictórico, no entanto, o que mais me hipnotizava. Claramente visível na água, graças a suas enormes proporções, havia um conjunto de baixos-relevos cujos temas teriam despertado a inveja de um Doré. Acho que as figuram representadas eram homens — ou pelo menos um certo tipo de homem; no entanto, as criaturas apareciam divertindo-se como peixes na água de alguma gruta marinha ou rendendo homenagens em um templo monolítico que também parecia estar sob as ondas. Os rostos e as formas eu não ouso descrever em detalhe, pois a simples lembrança faz-me fraquejar. Grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, o contorno geral das figuras era muito humano, apesar das mãos e pés com membranas natatórias, dos impressionantes lábios carnudos e molengos, dos olhos vidrados, arregalados, e de outros traços de lembrança desagradável. Tive a curiosa impressão de que os desenhos estavam bastante fora de proporção com o cenário ao redor; uma das criaturas aparecia matando uma baleia, representada em tamanho só um pouco maior do que ela própria. Como eu disse, reparei no aspecto grotesco e no tamanho exagerado das figuras; mas no instante seguinte pensei que aqueles seriam apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou navegadores; uma tribo cujos últimos descendentes haviam perecido eras antes que o primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal nascesse. Estupefato com o vislumbre de um passado que extrapolava a imaginação do mais ousado antropólogo, pus-me a meditar enquanto a lua lançava reflexos singulares sobre o silencioso canal à minha frente.

Então, de repente eu vi. Com um leve rumor que marcou sua chegada à superfície, a coisa apareceu acima das águas escuras. Vasto como um Polifemo, horrendo, aquilo dardejava como um pavoroso monstro saído de algum pesadelo em direção ao monolito, ao redor do qual agitava os braços escamosos ao mesmo tempo que inclinava a cabeça hedionda e emitia sons compassados. Acho que foi naquele instante que perdi a razão.

Em relação à escalada frenética do aclive e do promontório e à jornada delirante rumo ao barco não recordo quase nada. Acho que cantei um bocado e irrompi em gargalhadas estranhas quando não consegui mais cantar. Tenho lembranças difusas de uma forte tempestade algum tempo depois de retornar ao barco; de qualquer modo, sei que ouvi trovoadas e outros sons que a Natureza só emite em seus momentos de maior furor.

Quando emergi das trevas eu estava num hospital em São Francisco; quem me levou até lá foi o capitão do navio americano que resgatou meu barco, à deriva no oceano. Falei muito em meu delírio, mas descobri que haviam dado pouca atenção às minhas palavras. Meus benfeitores não sabiam nada a respeito de terras emersas no Pacífico; e não julguei apropriado insistir em algo que eu sabia

ser inacreditável. Certa vez falei com um etnólogo famoso e diverti-o com perguntas um tanto peculiares sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe; mas logo, ao perceber que o estudioso era irremediavelmente ordinário, desisti das minhas perguntas.

É à noite, em especial quando a lua está gibosa e minguante, que vejo a coisa. Tentei morfina; mas a droga mostrou-se um alívio apenas temporário e prendeu-me em suas garras como a um escravo desesperançado. Agora, tendo escrito um relato completo para a informação ou para o deleite zombeteiro de meus semelhantes, pretendo pôr um fim a tudo. Muitas vezes pergunto-me se tudo não seria a mais pura ilusão — um simples delírio enquanto eu jazia vociferando durante uma insolação no barco exposto aos elementos, logo após escapar da belonave alemã. Eis o que me pergunto, mas sempre tenho uma visão nítida do terror em resposta. Não consigo pensar nas profundezas oceânicas sem estremecer ao imaginar as coisas inomináveis que neste exato momento podem estar deslizando e arrastando-se pelo fundo viscoso, rendendo homenagens a antigos ídolos de pedra e esculpindo sua execranda imagem em obeliscos submarinos de granito úmido. Sonho com o dia em que possam erguer-se acima das ondas para arrastar ao fundo, em suas garras fétidas, os resquícios dessa humanidade pífia e devastada pela guerra — com o dia em que a terra há de afundar, e o fundo escuro do oceano erguer-se em meio ao pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um barulho na porta, como o de um enorme corpo escorregadio batendo contra a madeira. Jamais vão me encontrar. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

Ar frio

O SENHOR pede que eu explique por que temo as lufadas de ar frio; por que estremeço mais do que outros ao entrar em um recinto frio e pareço sentir náuseas e repulsa quando o frio noturno sopra em meio ao calor dos dias amenos do outono. Há quem diga que respondo ao frio como outros reagem a um odor desagradável, e a comparação parece-me apropriada. O que me proponho a fazer é relatar a circunstância mais horrenda que jamais presenciei e deixar para o senhor a decisão de aceitá-la ou não como justificativa para a minha excentricidade.

É um erro achar que o horror está necessariamente associado à escuridão, ao silêncio, à solidão. Encontrei-o em pleno sol do meio-dia, no rumor de uma metrópole e em meio a uma pensão rústica e ordinária, com uma senhoria prosaica e dois homens robustos ao meu lado. Na primavera de 1923, consegui um trabalho editorial tedioso e mal remunerado em uma revista de Nova York; sem condições de pagar grandes somas por um aluguel, comecei a vagar de uma pensão barata a outra, em busca de um quarto que combinasse as qualidades de razoável limpeza, móveis duradouros e preço acessível. Logo ficou claro que a única opção viável seria escolher entre os diferentes males, mas, passado um tempo, descobri uma casa na West Fourteenth Street que me desagradava muito menos do que as outras.

Era uma mansão de quatro andares em arenito, construída, a julgar pela aparência, no fim da década de 1840, com detalhes em madeira e mármore cujo esplendor manchado e encardido denunciava a decadência em relação a níveis de opulência outrora elevados. Sobre os quartos, grandes e espaçosos, e decorados com papéis de parede impossíveis e cornijas de estuque com ornamentos ridículos, pairava uma umidade deprimente e um resquício de cozinhas obscuras; mas o piso era limpo, as roupas de cama bastante decentes e a água quente não ficava fria ou desligada com muita frequência, de modo que comecei a encarar a pensão ao menos como um lugar tolerável para hibernar até que eu pudesse voltar de fato à vida. A senhoria, uma espanhola vulgar e quase barbada que atendia pelo nome de Herrero, não me aborrecia com fofocas nem com críticas a respeito da luz que permanecia acesa até o avançado da noite em meu quarto no terceiro andar; e os demais inquilinos eram tão quietos e indiferentes quanto se podia desejar, sendo a maioria deles espanhóis só um pouco acima da maior grosseria e da maior vileza. O único aborrecimento incontornável era o fragor dos bondes na rua lá embaixo.

Eu estava na pensão havia umas três semanas quando ocorreu o primeiro incidente estranho. Pelas oito horas da noite, escutei o barulho de algum líquido

espalhando-se no chão e logo senti um cheiro pungente de amônia. Olhando ao redor, percebi que o teto estava úmido e gotejava; o líquido parecia vir de um canto, no lado que dava para a rua. Ansioso por resolver o problema antes que piorasse, apressei-me em falar com a senhoria; e fui informado de que o problema se resolveria logo em breve…

"El seniôr Munõz", gritou ela, enquanto subia os degraus correndo à minha frente, "derramô algun producto químico. El está mui doliente para tratarse — cada vez más doliente — pero no acepta aiúda de ninguiên. Es una dolência mui ecsquisita — todos los dias el toma unos bánios con tcheiro ecstránio, pero no consigue merrorar ni calentarse. Todo el trabarro doméstico es el que lo face — el quartito está repleto de garrafas i máquinas, i el no trabarra mas como médico. Pero iá fue famosso — mio pai en Barcelona conocia el nombre — i hace poco le curô el braço a un encanador que se matchucô de repente. El hombre no sale nunca, i mio filho Esteban le lheva comida i ropas i medicamentos i productos químicos para el. Dios mio, la sal amoníaca que el hombre usa para conservar el frio!"

A sra. Herrero desapareceu pela escada em direção ao quarto andar, e eu retornei ao meu quarto. A amônia parou de pingar e, enquanto eu limpava a sujeira e abria a janela para ventilar o quarto, ouvi os pesados passos da senhoria logo acima da minha cabeça. Eu jamais ouvira o dr. Muñoz, salvo por alguns sons como os de uma máquina a gasolina; uma vez que suas passadas eram gentis e suaves. Por um instante perguntei-me que estranha moléstia afligia esse homem, e também se a obstinação em recusar ajuda externa não seria o resultado de uma excentricidade com pouco ou nenhum fundamento. Ocorreu-me o pensamento nada original de que existe um páthos incrível na situação de uma pessoa eminente caída em desgraça.

Eu talvez jamais tivesse conhecido o dr. Muñoz se não fosse pelo infarto súbito que me acometeu certa manhã enquanto eu escrevia em meu quarto. Os médicos já me haviam alertado para o perigo desses ataques, e eu sabia que não havia tempo a perder; assim, relembrando as palavras da senhoria a respeito da ajuda oferecida pelo inválido ao encanador ferido, arrastei-me até o quarto andar e bati de leve na porta acima da minha. A batida foi respondida em excelente inglês por uma voz curiosa, à esquerda, que perguntou meu nome e o objetivo da visita; uma vez que as expus, a porta ao lado daquela em que bati abriu-se.

Fui recebido por uma rajada de ar frio; e, ainda que o dia fosse um dos mais quentes no final de junho, estremeci ao cruzar o umbral rumo ao interior de um apartamento cuja decoração rica e de bom gosto surpreendeu-me naquele antro

de imundície e sordidez. Um sofá-cama desempenhava seu papel diurno de sofá, e a mobília em mogno, as tapeçarias suntuosas, as pinturas antigas e as estantes de livros lembravam muito mais o estúdio de um cavalheiro do que o quarto de uma casa de pensão. Percebi que o quarto logo acima do meu — o "quartito" das garrafas e máquinas que a sra. Herrero havia mencionado — era apenas o laboratório do doutor; e que os cômodos onde vivia ficavam no espaçoso quarto ao lado, com alcovas e um grande banheiro contíguo que lhe facultavam esconder todas as prateleiras e demais instrumentos. O dr. Muñoz era, sem dúvida, alguém de boa posição social, culto e de bom gosto.

O homem à minha frente era baixo, mas de proporções notáveis, e usava um traje algo formal de corte e caimento perfeitos. Um semblante altivo de expressão dominadora, mas não arrogante, era adornado por uma curta barba grisalha, e um *pince-nez* à moda antiga protegia os penetrantes olhos escuros e apoiava-se em um nariz aquilino, que conferia um toque mouro à fisionomia, ademais um bocado celtibérica. Os cabelos grossos e bem-cortados, que denunciavam as tesouradas precisas do barbeiro, apareciam repartidos com graça logo acima da fronte elevada; o aspecto geral era de notável inteligência e de linhagem e educação superiores.

No entanto, ao ver o dr. Munõz em meio à rajada de ar frio, senti uma repulsa que nada em sua aparência poderia justificar. Apenas o tom lívido da pele e a frieza do toque poderiam oferecer alguma base física para o sentimento, e até mesmo essas coisas seriam desculpáveis a levar-se em conta a notória invalidez do médico. Também pode ter sido o frio singular o que me alienou; pois uma rajada como aquela parecia anormal em um dia tão quente, e tudo o que é anormal suscita aversão, desconfiança e medo.

Mas a repulsa logo deu lugar à admiração, pois a perícia do estranho médico ficou evidente mesmo com o toque gélido e os tremores que afligiam suas mãos exangues. O dr. Munõz compreendeu a situação assim que pôs os olhos em mim e, em seguida, administrou-me os medicamentos necessários com a destreza de um mestre; ao mesmo tempo, assegurou-me, com uma voz modulada, ainda que oca e sem timbre, que era o mais ferrenho inimigo da morte e que havia gasto toda a fortuna e perdido todos os amigos ao longo de uma vida de experimentos devotados à sua derrota e aniquilação. Ele tinha algo em comum com os fanáticos benevolentes, e seguiu desfiando uma conversa quase trivial enquanto auscultava o meu peito e preparava uma mistura com drogas retiradas do pequeno quarto onde funcionava o laboratório. Era óbvio que o dr. Muñoz havia encontrado, na companhia de um homem bem-nascido, uma grata surpresa em meio à atmosfera decadente e, assim abandonou-se a um tom incomum na medida em que as lembranças de dias melhores surgiam.

A voz dele, ainda que estranha, era ao menos tranquilizadora; e eu sequer percebia sua respiração enquanto as frases bem-articuladas saíam de sua boca. O doutor tentou distrair a atenção que eu dispensava ao meu surto falando de suas teorias e experiências; e lembro da maneira gentil como me consolou a respeito do meu coração fraco, insistindo que a força de vontade e a consciência são mais fortes do que a própria vida orgânica, de modo que um corpo mortal saudável e bem-preservado, por meio do aprimoramento científico dessas qualidades, é capaz de reter uma certa animação nervosa a despeito de graves problemas, defeitos ou até mesmo ausência de órgãos específicos. Em tom meio jocoso, disse que um dia poderia ensinar-me a viver — ou pelo menos a desfrutar de uma existência consciente — mesmo sem coração! De sua parte, o dr. Muñoz sofria com uma pletora de moléstias que exigiam um tratamento rigoroso à base de frio constante. Qualquer aumento prolongado na temperatura poderia ter consequências fatais; e em seu apartamento gélido — onde fazia cerca de 12 ou 13 graus centígrados — havia um sistema de resfriamento por amônia, cujo motor a gasolina eu ouvira repetidas vezes no meu quarto, logo abaixo.

Quando senti o coração aliviado, deixei o gélido recinto na condição de discípulo e devoto do talentoso recluso. A partir de então comecei a fazer-lhe visitas frequentes, sempre encasacado; eu ouvia o doutor falar sobre pesquisas secretas e resultados quase hediondos e estremecia de leve ao examinar os tomos antigos e raros nas estantes. Devo acrescentar que fui quase curado da minha doença graças a sua grande habilidade clínica. O dr. Muñoz não desprezava os encantos dos medievalistas, pois acreditava que aquelas fórmulas crípticas encerrassem estímulos psicológicos bastante raros, que poderiam muito bem ter efeitos singulares em um sistema nervoso abandonado pelas pulsações orgânicas. Fiquei comovido com seu relato sobre o dr. Torres de Valencia, que lhe havia acompanhado durante os primeiros experimentos e ficado a seu lado durante uma longa doença dezoito anos atrás, de onde provinham as moléstias então presentes. Mas assim que o médico idoso salvou o colega, ele próprio sucumbiu ao implacável inimigo que havia combatido. Talvez o esforço tivesse sido grande demais; pois, em um sussurro, o dr. Muñoz deixou claro — mesmo sem dar muitos detalhes — que os métodos usados para a cura haviam sido os mais extraordinários, com expedientes e processos um tanto malvistos pelos Galenos mais velhos e conservadores.

Com o passar das semanas, notei, com grande pesar, que meu novo amigo estava de fato perdendo o vigor físico aos poucos, mas de forma incontestável, como a sra. Herrero havia mencionado. O aspecto lívido em seu semblante intensificara-se, a voz tornara-se mais vazia e indistinta, os movimentos musculares coordenavam-se de maneira cada vez menos perfeita e a mente e a determinação apresentavam-se menos constantes e menos ativas. O dr. Muñoz

não parecia alheio a essas tristes mudanças, e aos poucos seu rosto e sua voz assumiram um tom de terrível ironia, que me fez sentir mais uma vez a leve repulsa que eu sentira de início.

Começou a desenvolver estranhos caprichos, adquirindo um gosto tão intenso por especiarias exóticas e incenso egípcio que seu quarto cheirava como a tumba de um Faraó sepultado no Vale dos Reis. Ao mesmo tempo a necessidade por ar frio tornou-se mais premente, e com a minha ajuda o doutor aumentou o encanamento de amônia no quarto e modificou as bombas e a alimentação do sistema refrigerador até que conseguisse manter a temperatura do quarto entre um e quatro graus, e finalmente a dois graus negativos; o banheiro e o laboratório, naturalmente, não eram tão frios para evitar que a água congelasse e os processos químicos fossem prejudicados. O inquilino ao lado reclamou do ar frio que vazava pela porta entre os quartos, então ajudei o dr. Muñoz a instalar pesadas tapeçarias a fim de solucionar o problema. Uma espécie de horror crescente, de origem singular e mórbida, dava a impressão de possuí-lo. O inválido discorria sem parar sobre a morte, mas dava gargalhadas ocas quando se falava em enterro ou em procedimentos funerários.

No geral, o dr. Muñoz tornou-se um companheiro desconcertante e até mesmo repulsivo; mas a gratidão que eu sentia pela cura não me permitia abandoná-lo aos estranhos que o cercavam, e eu espanava seu quarto e cuidava de suas necessidades dia após dia, enrolado em um pesado sobretudo que eu havia comprado especialmente para este fim. Da mesma forma, eu me encarregava de fazer suas compras, e ficava pasmo com alguns dos produtos químicos que ele encomendava de farmácias e lojas de suprimentos laboratoriais.

Uma atmosfera de pânico cada vez maior e mais inexplicável dava a impressão de pairar sobre o apartamento. Como eu disse, o prédio inteiro tinha um cheiro desagradável; mas naquele quarto era ainda pior — apesar de todas as especiarias e incensos e, também, dos químicos de odor pungente usados pelo doutor nos banhos de imersão, que insistia em tomar sozinho. Percebi que tudo deveria estar relacionado à sua doença e estremeci ao imaginar que doença poderia ser essa. Depois de abandonar o doutor inteiramente aos meus cuidados, a sra. Herrero passou a fazer o sinal da cruz ao vê-lo; não permitia sequer que o filho Esteban continuasse a desempenhar pequenas tarefas para o velho. Quando eu sugeria outros médicos, o doente manifestava toda a raiva de que parecia capaz. Era visível que temia os efeitos físicos dessas emoções violentas, mas sua determinação e seus impulsos cresciam em vez de minguar, e ele recusava-se a ficar de cama. A lassitude da antiga doença deu lugar a um ressurgimento de seu ferrenho propósito, de forma que o dr. Muñoz dava a impressão de estar pronto para enfrentar o demônio da morte no mesmo instante em que esse ancestral

inimigo atacava-o. O pretexto das refeições, quase sempre uma formalidade, foi praticamente abandonado; e apenas o poder da mente parecia evitar um colapso total.

O dr. Muñoz adquiriu o hábito de escrever longos documentos que eram selados com todo o cuidado e entregues a mim, com instruções para que, após sua morte, eu os entregasse a certas pessoas que nomeava — em sua maioria indianos letrados, mas também a um físico francês outrora célebre e dado por morto, de quem se diziam as coisas mais inconcebíveis. A verdade é que eu queimei todos esses papéis, sem os entregar a ninguém nem abri-los. O aspecto e a voz do médico tornaram-se horríveis, e sua presença, quase insuportável. Certo dia, em setembro, um relance inesperado do médico provocou um ataque epilético em um homem que viera consertar sua lâmpada de leitura; o dr. Muñoz receitou-lhe a medicação adequada enquanto mantinha-se longe de vista. O mais curioso é que o homem havia enfrentado todos os terrores da Grande Guerra sem sofrer nenhum surto parecido em todo o seu decurso.

Então, no meio de outubro, o horror dos horrores veio com um ímpeto vertiginoso. Uma noite, por volta das onze horas, a bomba do sistema de refrigeração quebrou, de modo que, passadas três horas, o processo de resfriamento por amônia tornou-se impossível. O dr. Muñoz convocou-me por meio de fortes passadas contra o chão, e eu, desesperado, tentei consertar o estrago enquanto meu companheiro praguejava em um tom de voz cujo caráter estertorante e vazio estaria além de qualquer descrição. Meus débeis esforços, no entanto, mostraram-se inúteis; e quando chamei o mecânico da oficina vinte e quatro horas, descobrimos que nada poderia ser feito antes do amanhecer, quando um novo pistão seria comprado. O medo e a raiva do eremita moribundo, tendo escalado a proporções grotescas, aparentavam estar prestes a estilhaçar o quanto restava de seu físico debilitado; ato contínuo, um espasmo fez com que levasse as mãos aos olhos e corresse até o banheiro. O dr. Muñoz saiu de lá com o rosto coberto por ataduras, e nunca mais vi seus olhos.

A temperatura do apartamento aumentava sensivelmente, e por volta das cinco horas o doutor retirou-se para o banheiro com ordens de que eu lhe fornecesse todo o gelo que pudesse encontrar nas lojas e cafés vinte e quatro horas. Ao retornar dessas jornadas desanimadoras e largar meus espólios em frente à porta fechada do banheiro, eu escutava um chapinhar incansável lá dentro e uma voz encorpada grasnando "Mais — mais!". Por fim o dia raiou, e as lojas abriram uma após a outra. Pedi a Esteban que me ajudasse a providenciar o gelo enquanto eu procurava o pistão da bomba ou que comprasse o pistão enquanto eu continuava com o gelo; instruído pela mãe, no entanto, o garoto recusou com veemência.

Por fim paguei um vagabundo sórdido que encontrei na esquina da Eighth Avenue para fornecer ao paciente o gelo disponível em uma lojinha, onde o apresentei, e empenhei toda a minha diligência na tarefa de encontrar um pistão novo para a bomba e contratar mecânicos competentes para instalá-lo. A tarefa parecia interminável, e tive um surto de raiva quase como o do eremita ao perceber que as horas passavam num ciclo frenético e incansável de telefonemas inúteis e buscas de um lugar ao outro, para lá e para cá no metrô e no bonde. Próximo ao meio-dia encontrei uma loja de peças no centro da cidade e, por volta da uma e meia, cheguei de volta à casa de pensão com a parafernália necessária e dois mecânicos robustos e inteligentes. Eu fiz tudo o que pude, e tinha a esperança de que ainda houvesse tempo.

O terror negro, no entanto, havia chegado mais depressa. A casa estava em pandemônio, e acima das vozes exaltadas escutei alguém rezando em uma voz de baixo profundo. Havia algo demoníaco no ar, e os inquilinos rezavam as contas de seus rosários enquanto sentiam o cheiro fétido que saía por baixo da porta fechada do médico. O desocupado que eu arranjara havia fugido em meio a gritos e com o olhar vidrado logo após a segunda remessa de gelo; talvez como resultado de uma curiosidade excessiva. É claro que não poderia ter chaveado a porta atrás de si; mas nesse instante ela estava trancada, provavelmente pelo lado de dentro. Não se ouvia som algum exceto um inominável gotejar, lento e viscoso.

Depois de uma breve consulta à sra. Herrero e aos mecânicos, apesar do temor que me corroía a alma, decidi pelo arrombamento da porta; mas a senhoria deu um jeito de girar a chave pelo lado de fora usando um pedaço de arame. Já havíamos aberto as portas de todos os outros quartos no andar e escancarado todas as janelas ao máximo. Nesse instante, com os narizes protegidos por lenços, adentramos, trêmulos, o amaldiçoado aposento sul, que resplandecia com o sol da tarde que começava.

Uma espécie de rastro escuro e viscoso se alastrava desde a porta aberta do banheiro até a porta do corredor, e de lá para a escrivaninha, onde uma terrível poça havia se acumulado. Lá encontrei algo escrito a lápis, com uma caligrafia tenebrosa e cega, numa folha horrivelmente manchada como que pelas mesmas garras que às pressas haviam traçado as últimas linhas. Então o rastro seguia até o sofá e acabava de forma indizível.

O que estava ou havia estado no sofá é algo que não consigo e não ouso descrever. Mas aqui relato o que, com as mãos trêmulas, decifrei no papel coberto por manchas grudentas antes de puxar um fósforo e reduzi-lo a cinzas; o que decifrei horrorizado enquanto a senhoria e os dois mecânicos corriam em

pânico daquele aposento infernal para balbuciar suas histórias incoerentes na delegacia mais próxima. As palavras nauseantes pareciam inacreditáveis sob o brilho dourado do sol, em meio ao rumor dos carros e caminhões vindos da movimentada Fourteenth Street, mas confesso que lhes dei crédito naquele instante. Se ainda lhes dou crédito agora, honestamente não sei. Existem coisas sobre as quais é melhor não especular, e tudo o que posso dizer é que odeio o cheiro de amônia e sinto-me prestes a desmaiar com uma lufada de ar um pouco mais frio.

"O fim", dizia o rabisco abjeto, "é aqui. Não há mais gelo — o homem olhou e fugiu. O calor aumenta a cada instante e os tecidos não têm como aguentar. Imagino que o senhor saiba — o que eu falei sobre a vontade e os nervos e o corpo preservado depois que os órgãos param de funcionar. A teoria era boa, mas na prática não tinha como durar para sempre. Houve uma deterioração gradual que eu não havia previsto. O dr. Torres sabia, mas o choque matou-o. Ele não suportou o que tinha de fazer — precisou levar-me a um lugar estranho e escuro quando deu atenção à minha carta e me trouxe de volta. Mas os órgãos jamais voltaram a funcionar. Tinha de ser feito à minha moda — preservação — pois fique sabendo que morri dezoito anos atrás."

O que a lua traz consigo

ODEIO A LUA — tenho-lhe horror — pois às vezes, quando ilumina cenas familiares e queridas, transforma-as em coisas estranhas e odiosas.

Foi durante o verão espectral que a lua brilhou no velho jardim por onde eu errava; o verão espectral de flores narcóticas e úmidos mares de folhagens que evocam sonhos extravagantes e multicoloridos. E enquanto eu caminhava pelo raso córrego cristalino percebi extraordinárias ondulações rematadas por uma luz amarela, como se aquelas águas plácidas fossem arrastadas por correntezas irresistíveis em direção a estranhos oceanos para além deste mundo. Silentes e suaves, frescas e fúnebres, as águas amaldiçoadas pela lua corriam a um destino ignorado; enquanto, dos caramanchões à margem, flores brancas de lótus desprendiam-se uma a uma no vento opiáceo da noite e caíam desesperadas na correnteza, rodopiando em um torvelinho horrível por sob o arco da ponte entalhada e olhando para trás com a resignação sinistra de serenos rostos mortos.

E enquanto eu corria ao longo da margem, esmagando flores adormecidas com meus pés relapsos e cada vez mais desvairado pelo medo de coisas ignotas e pela atração exercida pelos rostos mortos, percebi que o jardim não tinha fim ao luar; pois onde durante o dia havia muros, descortinavam-se novos panoramas de árvores e estradas, flores e arbustos, ídolos de pedra e pagodes, e curvas do regato iluminado para além das margens verdejantes e sob grotescas pontes de pedra. E os lábios daqueles rostos mortos de lótus faziam súplicas tristes e pediam que eu os seguisse, mas não parei de andar até que o córrego se transformasse em rio e desaguasse, em meio a pântanos de juncos balouçantes e praias de areia refulgente, no litoral de um vasto mar sem nome.

Neste mar a lua odiosa brilhava, e acima das ondas silentes estranhas fragrâncias pairavam. E lá, quando vi os rostos de lótus desaparecerem, anseei por redes para que eu pudesse capturá-los e deles aprender os segredos que a lua havia confiado à noite. Mas quando a lua moveu-se em direção ao Ocidente e a maré estagnada refluiu para longe da orla tétrica, pude ver sob aquela luz os antigos coruchéus que as ondas quase revelavam e colunas brancas radiantes com festões de algas verdes. E, sabendo que todos os mortos estavam congregados naquele lugar submerso, estremeci e não quis mais falar com os rostos de lótus.

Contudo, ao ver um condor negro ao largo descer do firmamento para descansar em um enorme recife, senti vontade de interrogá-lo e perguntar sobre os que conheci ainda em vida. Era o que eu teria perguntado se a distância que nos separava não fora tão vasta, mas o pássaro estava demasiado longe e sequer pude vê-lo quando se aproximou do gigantesco recife.

Então observei a maré vazar à luz da lua que aos poucos baixava, e vi os coruchéus brilhando, as torres e os telhados da gotejante cidade morta. E enquanto eu observava, minha narinas tentavam bloquear a pestilência de todos os mortos do mundo; pois, em verdade, naquele lugar ignorado e esquecido reuniam-se todas as carnes dos cemitérios para que os túrgidos vermes marinhos desfrutassem e devorassem o banquete.

Impiedosa, a lua pairava logo acima desses horrores, mas os vermes túrgidos não precisam da lua para se alimentar. E enquanto eu observava as ondulações que denunciavam a agitação dos vermes lá embaixo, pressenti um novo calafrio vindo de longe, do lugar para onde o condor voara, como se a minha carne houvesse sentido o horror antes que meus olhos o vissem.

Tampouco a minha carne estremecera sem motivo, pois quando ergui os olhos percebi que a maré estava muito baixa, deixando à mostra boa parte do enorme recife cujo contorno eu já avistara. E quando vi que o recife era a negra coroa basáltica de um horripilante ícone cuja fronte monstruosa surgia em meio aos baços raios do luar e cujos temíveis cascos deviam tocar o lodo fétido a quilômetros de profundidade, gritei e gritei com medo de que aquele rosto emergisse das águas, e de que os olhos submersos avistassem-me depois que a maligna e traiçoeira lua amarela desaparecesse.

E para escapar a essa coisa medonha, atirei-me sem hesitar nas águas pútridas onde, entre muros cobertos de algas e ruas submersas, os túrgidos vermes marinhos devoram os mortos do mundo.

A música de Erich Zann

EXAMINEI diversos mapas da cidade com o maior cuidado, mas jamais reencontrei a Rue d'Auseil. Não foram só mapas modernos, pois eu sei que os nomes mudam. Pelo contrário, investiguei a fundo a antiguidade do lugar e explorei pessoalmente todas as regiões, independente do nome, que pudessem corresponder à rua que conheci como Rue d'Auseil. Mas, apesar de todo o esforço, persiste o fato humilhante de que não consigo encontrar a casa, a rua ou mesmo a localidade onde, durante os últimos meses da minha humilde vida como estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Que a memória esteja fraca não me espanta; pois a minha saúde física e mental sofreu um grave abalo durante o período em que morei na Rue d'Auseil, e lembro de que não levei nenhum de meus conhecidos até lá. Mas que eu não consiga reencontrar o local é ao mesmo tempo singular e espantoso; pois ficava a meia hora a pé da universidade e destacava-se por características que dificilmente seriam esquecidas por alguém que lá houvesse estado. Jamais encontrei outra pessoa que tenha visto a Rue d'Auseil.

A Rue d'Auseil ficava de frente para um rio escuro, bordejado por altíssimos depósitos de tijolo à vista com janelas embaçadas e atravessado por uma opressiva ponte em pedra escura. O caminho ao longo do rio ficava sempre à sombra, como se a fumaça das fábricas vizinhas fosse uma barreira perpétua contra o sol. O rio também era malcheiroso, com odores fétidos que jamais senti em outra parte e que, algum dia, talvez me ajudem a encontrá-lo, visto que eu os reconheceria de imediato. Além da ponte ficavam as estreitas ruelas calçadas com seus trilhos; e então vinha a subida, a princípio suave, mas de um aclive vertiginoso na altura da Rue d'Auseil.

Nunca vi outra rua tão estreita e tão íngreme como a Rue d'Auseil. Era quase um penhasco, fechada aos veículos, consistindo, em boa parte, de lances de escada, e terminando, no cume, em um alto muro tomado por hera. A pavimentação era irregular; ora lajes, ora paralelepípedos e, às vezes, terra batida com uma resistente vegetação verde-acinzentada. As casas eram altas, com telhados triangulares, antiquíssimas, e inclinavam-se de maneira bizarra para trás, para a frente e para os lados. Às vezes casas opostas, ambas inclinadas para a frente, quase se tocavam por sobre a rua, como um arco; e sem dúvida evitavam que a luz chegasse até o solo. Havia algumas pontes entre as casas nos dois lados da rua.

Os habitantes da Rue d'Auseil me impressionaram de forma bastante peculiar; no início, pensei que era por serem silenciosos e reticentes; mas depois descobri que

era por serem todos muito velhos. Não sei como fui parar em uma rua como aquela, mas decerto eu estava fora de mim ao me mudar para lá. Eu havia morado em muitos lugares pobres, sendo sempre despejado por falta de pagamento; até que enfim cheguei à casa inclinada de Blandot, o paralítico, na Rue d'Auseil. Era a terceira casa a partir do alto da rua e, por uma boa margem, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto andar; a única habitação ocupada, uma vez que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei ouvi uma estranha música no sótão logo acima e, no dia seguinte, perguntei ao velho Blandot do que se tratava. Ele explicou-me que era um velho violista alemão, um homem estranho e mudo que assinava como Erich Zann e que à noite tocava na humilde orquestra de algum teatro; e acrescentou que o gosto de Zann por tocar à noite após voltar das apresentações era o motivo por que havia escolhido o isolamento do quartinho no sótão, cuja trapeira solitária era o único ponto em toda a rua de onde se podia enxergar por cima do muro em direção ao declive e ao panorama além.

A partir de então eu ouvia Zann todas as noites e, ainda que ele mantivesse-me desperto, eu me sentia assombrado pela estranheza daquela música. Mesmo com meus parcos conhecimentos de arte, eu tinha certeza de que nenhuma daquelas harmonias tinha relação alguma com as músicas que eu ouvira antes; e concluí que Zann era um compositor de gênio altamente original. O quanto mais eu escutava, mais crescia o meu fascínio, até que, passada uma semana, resolvi conhecer o velho.

Certa noite, quando Zann retornava do trabalho, interceptei-o ainda no corredor e disse que gostaria de conhecê-lo e de estar em sua companhia enquanto tocasse. Ele era um homenzinho magro, encurvado, com trajes puídos, olhos azuis, um rosto grotesco, de sátiro, e quase careca; diante das minha palavras, pareceu a um só tempo irritado e assustado. Meus modos afáveis, no entanto, terminaram por vencê-lo; mesmo um pouco contrariado, Zann gesticulou para que eu o seguisse pelas escadarias escuras, rangentes e decrépitas. Seu quarto, um de apenas dois na íngreme água-furtada, dava para o Oeste, em direção ao alto muro que demarcava o fim da rua. O cômodo era muito amplo e parecia ainda maior devido à austeridade e ao abandono extremos. A mobília consistia apenas em uma estreita cama de ferro, uma pia imunda, uma pequena mesa, uma grande estante de livros, uma estante de música e três cadeiras à moda antiga. No chão, partituras amontoavam-se sem nenhuma ordem aparente. As paredes eram de tábuas cruas, e davam a impressão de jamais terem recebido uma camada de reboco; enquanto a abundância de pó e teias de aranha fazia o lugar parecer mais deserto do que habitado. Era evidente que o belo mundo de Erich Zann ficava em algum cosmo longínquo da imaginação.

Apontando para uma cadeira, o mudo cerrou a porta, fechou a enorme trava de madeira e acendeu uma outra vela além da que trazia consigo. A seguir tirou a viola de uma capa roída pelas traças e, com ela em mãos, sentou-se na cadeira menos desconfortável. Zann não usou a estante de música, mas, sem oferecer nenhuma alternativa e tocando de memória, encantou-me por mais de uma hora com melodias que eu jamais ouvira; melodias que devem ter sido sua própria criação. Descrever a natureza exata daquelas composições é impossível para alguém ignorante em música. Eram uma espécie de fuga, com passagens recorrentes das mais cativantes, mas chamaram-me a atenção pela ausência daquelas estranhas notas que eu ouvira do meu quarto em outras ocasiões.

Eu lembrava daquelas notas assombrosas, que amiúde tentei cantarolar e assobiar para mim mesmo, de modo que, por fim, quando o violista largou o arco, perguntei se poderia executar algumas delas. Assim que comecei meu pedido o rosto enrugado de sátiro perdeu a tranquilidade enfadonha que mantivera durante a apresentação e pareceu exibir aquela mesma mistura de irritação e susto que percebi na primeira vez em que abordei o velho. Por um instante senti-me inclinado a usar da persuasão, sem levar muito em conta os caprichos da senilidade; e tentei despertar a veia mais excêntrica de meu anfitrião assobiando algumas das melodias que eu havia escutado na noite anterior. Mas não insisti por mais do que um instante; pois quando o violista mudo reconheceu a ária que eu assobiava, seu rosto crispou-se de repente em uma expressão que transcende qualquer análise, e sua mão direita, esguia, fria e ossuda, estendeu-se para tapar a minha boca e silenciar aquela imitação grosseira. Quando fez esse gesto, Zann demonstrou mais uma vez sua excentricidade ao olhar de relance para a janela solitária, com a cortina fechada, como se temesse algum invasor — um olhar duplamente absurdo, uma vez que a água-furtada pairava alta e inacessível acima de todos os demais telhados, sendo o único ponto em toda a extensão da rua, segundo o senhorio havia me dito, de onde era possível ver além do muro em seu ponto mais alto.

O olhar do velho fez-me recordar o comentário de Blandot, e, por puro capricho, senti o desejo de olhar para fora, em direção ao amplo e vertiginoso panorama de telhados ao luar e luzes citadinas além do alto da montanha, que, de todos os moradores da Rue d'Auseil, apenas o músico irritadiço podia ver. Fiz um movimento em direção à janela e teria aberto as cortinas ordinárias quando, com uma raiva assustada ainda maior, o locatário mudo lançou-se outra vez sobre mim; dessa vez, apontando a porta com a cabeça, enquanto insistia em me arrastar para fora com ambas as mãos. Sentindo repulsa do meu anfitrião, ordenei que me soltasse e disse que eu partiria de imediato. Zann afrouxou a mão, e, quando percebeu a minha repulsa e o meu desgosto, sua própria raiva pareceu atenuar-se um pouco. Logo ele voltou a apertar os dedos que se haviam

relaxado, mas dessa vez com modos amistosos, e pôs-me sentado em uma cadeira; então dirigiu-se com um aspecto melancólico até a mesa abarrotada, onde escreveu umas quantas palavras a lápis, no francês rebuscado dos estrangeiros.

O bilhete que por fim entregou-me era um apelo à tolerância e ao perdão. Zann explicava que era velho, solitário e perturbado por medos e transtornos nervosos causados pela música e por outras coisas. Tinha apreciado minha companhia e gostaria que eu o visitasse mais vezes, sem reparar nessas excentricidades. Mas ele não conseguia tocar suas estranhas melodias para os outros nem aguentava ouvi-las dos outros; tampouco aguentava que os outros encostassem nos objetos de seu quarto. Antes de nossa conversa no corredor, Zann não sabia que suas melodias eram audíveis do meu quarto e, no bilhete, perguntou se eu poderia solicitar a Blandot que me acomodasse em um andar mais baixo, onde eu não pudesse ouvi-las à noite. O músico prontificava-se a pagar a diferença do aluguel.

Enquanto fiquei sentado decifrando aquele francês execrável, senti-me um pouco mais tolerante em relação ao velho. Ele era vítima de moléstias físicas e nervosas, assim como eu; e meus estudos metafísicos haviam me ensinado a bondade. Em meio ao silêncio, ouvi um som discreto na janela — como se a veneziana houvesse sacudido com o vento noturno, e por algum motivo dei um sobressalto quase tão violento como o de Erich Zann. Então, quando terminei de ler, apertei a mão de meu anfitrião e [1] despedi-me como amigo.

No dia seguinte Blandot providenciou-me um quarto mais caro no terceiro piso, entre o apartamento de um velho agiota e o quarto de um estofador muito respeitável. O quarto andar estava vazio.

Não custou muito para eu descobrir que o entusiasmo de Zann em relação à minha companhia não era tão grande como parecera de início, enquanto tentava persuadir-me a morar em um apartamento mais baixo. Ele não solicitava nenhuma visita e, quando eu o visitava, Zann parecia irrequieto e tocava sem atenção. As visitas eram sempre à noite — durante o dia ele dormia e não recebia ninguém. Minha simpatia pelo violista mudo não aumentou, ainda que o quarto na água-furtada e a estranha música continuassem me inspirando um singular fascínio. Eu sentia o vivo desejo de olhar por aquela janela, por cima do muro, e avistar o declive oculto com os telhados esplendorosos e os coruchéus que deveria haver por lá. Certa vez, subi até a água-furtada enquanto Zann tocava no teatro, mas a porta estava trancada.

Tive de me contentar em escutar a música do velho mudo. No início eu subia, pé

ante pé, até o meu antigo quinto andar, mas logo tomei coragem suficiente para subir o último lance de escadas decrépitas que conduzia ao sótão. No estreito corredor, junto à porta trancada e à fechadura coberta, muitas vezes eu ouvia sons que me infundiam um temor indefinível — o temor de prodígios vagos e mistérios ameaçadores. Não que os sons fossem terríveis, pois não era esse o caso; mas vinham carregados de vibrações que não sugeriam nada existente nesse mundo e, em certos momentos, assumiam uma qualidade sinfônica que eu relutava em atribuir a um único instrumentista. Sem dúvida, Erich Zann era um gênio de talento inigualável. À medida que as semanas passavam, a música tornava-se mais frenética, enquanto o velho músico exibia um esgotamento e uma furtividade cada vez mais pronunciados, dignos de compaixão. A essa altura Zann recusava-se a me receber em quaisquer circunstâncias, e evitava-me sempre que nos víamos nas escadas.

Então, certa noite, enquanto eu ouvia junto à porta, escutei a viola estridente irromper em uma babel de sons caóticos; um pandemônio que me teria levado a duvidar da minha própria sanidade frágil se, de trás do intransponível portal, não viesse uma prova lamentável de que o horror era real — o grito terrível e desarticulado que só os mudos conseguem proferir e que surge apenas nos momentos de mais intenso temor e angústia. Bati várias vezes na porta, mas não obtive resposta. Fiquei esperando no corredor escuro, tremendo de frio e de medo, até escutar os débeis esforços empreendidos pelo pobre músico a fim de se reerguer com a ajuda de uma cadeira. Acreditando que Zann houvesse recuperado a consciência após um breve desmaio, voltei a bater na porta, ao mesmo tempo em que exclamava o meu nome para tranquilizá-lo. Escutei-o cambalear até a janela, fechar os caixilhos e as venezianas e então cambalear até a porta, que abriu com certa dificuldade. Dessa vez, o prazer que sentiu em me ver era legítimo; pois aquele rosto distorcido irradiou alívio quando o pobre homem se agarrou ao meu casaco como uma criança agarra-se à saia da mãe.

Tremendo de forma patética, o velho fez-me sentar em uma cadeira ao mesmo tempo em que se deixou cair sobre outra, junto à qual se viam a viola e o arco atirados no piso. Zann ficou sentado por um tempo sem esboçar reação alguma, meneando a cabeça, mas aparentando, de maneira paradoxal, uma concentração intensa e apreensiva. Logo ele pareceu dar-se por satisfeito e, dirigindo-se a uma cadeira junto à mesa, escreveu um bilhete, entregou-me e retornou à mesa, onde começou a escrever sem parar com grande rapidez. O bilhete implorava, em nome da compaixão e também da minha curiosidade, que eu ficasse onde estava enquanto ele escrevia, em alemão, um relato completo de todos os terrores que o afligiam. Esperei enquanto o lápis do mudo corria sobre a página.

Foi talvez uma hora mais tarde, enquanto eu seguia esperando e as folhas escritas às pressas pelo velho músico continuavam a acumular-se sobre a escrivaninha, que vi Zann dar um sobressalto diante do que parecia ser a insinuação de um choque horrendo. Sem dúvida ele estava olhando para a janela de cortinas fechadas e escutando, ao mesmo tempo em que tremia. Então eu também tive a impressão de ouvir um som; ainda que não fosse um som horrível, mas antes uma nota musical extremamente grave e infinitamente distante, sugerindo um músico em alguma das casas vizinhas ou em alguma habitação para além do elevado muro sobre o qual eu jamais conseguira olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois, deixando o lápis cair, de repente ele se levantou, pegou a viola e começou a rasgar a noite com a execução mais arrebatada que eu jamais ouvira de seu arco, salvo as vezes em que eu o escutara do outro lado da porta.

Seria inútil tentar descrever o modo como Erich Zann tocou naquela noite pavorosa. Foi mais terrível do que qualquer coisa que eu jamais tivesse ouvido, porque dessa vez eu podia ver a expressão no rosto dele e ter certeza de que sua motivação era o medo em estado bruto. Zann tentava fazer barulho; afastar alguma coisa ou abafar alguma outra — o quê, eu não era capaz de imaginar, por mais prodigioso que me parecesse. A execução tornou-se fantástica, delirante e histérica, mas manteve todas as qualidades do gênio supremo que aquele estranho senhor possuía. Eu reconhecia a ária — era uma animada dança húngara, bastante popular nos teatros, e pensei por um instante que aquela era a primeira vez que eu ouvia Zann tocar a obra de um outro compositor.

Cada vez mais altos, cada vez mais frenéticos soavam os gritos e os resmungos da viola desesperada. O músico pingava uma quantidade extravagante de suor e retorcia-se como um macaco, sempre com o olhar fixo na janela de cortinas fechadas. Naquele esforço insano eu quase distinguia a sombra de sátiros e bacantes dançando e rodando ensandecidos por entre abismos de nuvens e fumaça e relâmpagos. Então pensei ouvir uma nota mais estridente, mais constante, que não emanava da viola; uma nota calma, ponderada, resoluta e zombeteira vinda de algum ponto longínquo no Ocidente.

Nesse instante a veneziana começou a chacoalhar com os uivos de um vento noturno que soprava do lado de fora como se respondesse à música insana que soava no lado de dentro. A estridente viola de Zann superava a si mesma, emitindo sons que eu jamais imaginei saídos de um instrumento musical. A veneziana chacoalhou com mais força, abriu-se e começou a bater contra a janela. Então o vidro quebrou com os impactos persistentes e o vento gélido entrou no quarto, fazendo as velas bruxulearem e agitando as folhas de papel na mesa onde Zann havia começado a escrever seu terrível segredo. Olhei para o músico e percebi que ele estava além de qualquer observação consciente. Seus

olhos estavam esbugalhados, vidrados e baços, e a execução frenética havia se transformado em uma orgia cega, mecânica, irreconhecível, que nenhuma pena seria capaz de sugerir.

Uma rajada súbita, mais forte do que as anteriores, arrastou o manuscrito em direção à janela. Desesperado, segui as folhas esvoaçantes, mas elas se foram antes que eu pudesse alcançar as vidraças estilhaçadas. Então lembrei do meu antigo desejo de olhar por essa janela, a única em toda a Rue d'Auseil de onde se podia ver o declive além do muro e a cidade que se estendia lá embaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade ardiam, e eu esperava vê-las em meio ao vento e à chuva. Porém, quando olhei através daquela que era a mais alta dentre todas as trapeiras, enquanto as velas bruxuleavam e a viola insana ululava com o vento noturno, não enxerguei cidade alguma lá embaixo, nem as luzes amigáveis das ruas que eu conhecia, mas apenas a escuridão do espaço infinito; um espaço inimaginável, vivo graças ao movimento e à música, sem nenhuma semelhança com qualquer coisa terrena. E enquanto fiquei olhando, aterrorizado, o vento apagou as duas velas no interior do antigo sótão, deixando-me em uma escuridão selvagem e impenetrável com o caos e o pandemônio diante de mim e a loucura endemoniada da viola que ladrava às minhas costas.

Sem ter como acender um lume, cambaleei para trás na escuridão, esbarrando na mesa, virando uma cadeira e por fim tateando até chegar ao ponto onde a escuridão gritava uma música impressionante. Eu poderia ao menos tentar salvar a mim mesmo e a Erich Zann, quaisquer que fossem os poderes contra mim. A certa altura senti alguma coisa gelada roçar em mim e gritei, mas o meu grito foi abafado pelo som da hedionda viola. De repente, na escuridão, o arco enlouquecido atingiu-me, e então eu soube que estava próximo ao músico. Estendi a mão e descobri o espaldar da cadeira de Zann; então encontrei e sacudi seu ombro, em um esforço por trazê-lo de volta à razão.

Ele não reagiu, e a viola continuou a gritar sem trégua. Levei as mãos à cabeça, cujos acenos mecânicos logrei deter, e gritei em seu ouvido que precisávamos fugir dos inexplicáveis mistérios da noite. Mas Zann não respondeu nem diminuiu o ardor de sua música inefável, enquanto por toda a água-furtada estranhas correntes de vento pareciam dançar na escuridão e no caos. Quando minha mão encostou em sua orelha, estremeci, mesmo sem saber por quê — só descobri quando toquei seu rosto imóvel; o rosto gélido, fixo, estático, cujos olhos vidrados esbugalhavam-se em vão no meio do nada. Então, depois de encontrar a porta e a enorme trava de madeira como que por milagre, precipitei-me para longe daquela coisa de olhos vidrados na escuridão e para longe dos uivos fantasmáticos da viola amaldiçoada cuja fúria seguia aumentando mesmo enquanto eu me afastava.

Saltar, flutuar, voar pelas intermináveis escadarias do prédio escuro; correr sem pensar em direção à estreita, íngreme e antiga rua das escadarias e das casas inclinadas; estrondear pelos degraus e pelo calçamento até as ruas mais baixas e o rio pútrido junto ao vale dos depósitos; arquejar ao longo da grande ponte escura até as ruas mais largas, mais felizes, e até os *boulevards* que todos conhecemos; eis as horríveis lembranças que trago comigo. E lembro-me de que o vento não soprava, não havia lua e todas as luzes da cidade cintilavam.

Apesar das minhas buscas e investigações minuciosas, desde então fui incapaz de reencontrar a Rue d'Auseil. Mas talvez não haja apenas motivos para lastimar; nem esse fato nem a perda, em abismos insondáveis, das folhas escritas em caligrafia miúda que traziam a única explicação possível para a música de Erich Zann.

O modelo de Pickman

Você não precisa achar que sou louco, Eliot — muitas pessoas têm superstições ainda mais estranhas. Por que você não ri do avô de Oliver, que se recusa a andar de carro? Se eu não gosto daquele maldito metrô, o problema é meu; e além disso chegamos mais depressa de táxi. Com o metrô, precisaríamos ter subido o morro desde a Park Street.

Eu sei que estou mais nervoso do que estava quando você me viu ano passado, mas você também não precisa criar caso. Tenho bons motivos, só Deus sabe, e considero-me um homem de sorte por não ter enlouquecido. Mas afinal, por que esse interrogatório? Você não era tão inquisitivo.

Bem, se você quer saber, não vejo por que não contar. Talvez você deva saber mesmo, pois me escreveu como um pai preocupado quando soube que eu havia deixado o Art Club e me afastado de Pickman. Agora que ele sumiu eu apareço no clube de vez em quando, mas os meus nervos já não são mais os mesmos.

Não, não sei que fim levou Pickman, e não gosto sequer de imaginar. Você deve ter concluído que eu tinha alguma informação privilegiada quando o abandonei — e é por isso que eu não quero nem imaginar para onde ele foi. A polícia que trate de descobrir o quanto puder — não vai ser muita coisa, sendo que até agora eles ainda não sabem de nada a respeito do velho estúdio que Pickman alugava em North End sob o nome de Peters.

Nem eu sei se saberia voltar lá — e de qualquer forma não pretendo tentar, nem mesmo à luz do dia!

Sim, eu sei, ou temo saber, por que ele o alugava. Já vou chegar lá. E acho que antes de eu acabar você vai entender por que não comunico a polícia. Eles me pediriam para guiá-los, mas eu não conseguiria voltar lá nem que soubesse o caminho. Havia alguma coisa lá — e agora não consigo mais andar de metrô nem (fique à vontade para rir disto também) descer a porão algum.

Achei que você saberia que eu não me afastei de Pickman pelas mesmas razões estúpidas que levaram velhas caprichosas como o dr. Reid ou Joe Minot ou Rosworth a abandoná-lo. A arte mórbida não me choca, e quando um homem tem o gênio de Pickman eu me sinto honrado ao conhecê-lo, independente do caráter de sua arte. Boston jamais teve um pintor maior do que Richard Upton Pickman. Eu disse e repito, e não mudei em nada a minha opinião quando ele me mostrou aquele *Ghoul se alimentando*. Você lembra? Foi naquela época que Minot o cortou.

Sabe, é preciso um profundo talento e uma profunda compreensão da Natureza para produzir obras como as de Pickman. Qualquer amador que desenhe capas de revistas pode espalhar a tinta de um jeito qualquer e chamar o resultado de pesadelo ou de sabá das bruxas ou de retrato do demônio, mas só um grande pintor consegue fazer uma coisa dessas parecer realmente assustadora ou convincente. É por isso que só um artista de verdade conhece a fundo a anatomia do terror ou a psicologia do medo — o tipo exato de linhas e proporções que se ligam a instintos latentes ou memórias hereditárias de pavor, e os contrastes e a iluminação que despertam o sentimento de estranheza adormecido. Não preciso dizer a você por que um Fuseli faz nossos ossos literalmente se enregelarem, enquanto um frontispício de história de terror só nos faz rir. Existe alguma coisa que esses sujeitos captam — algo além da vida — que eles conseguem nos fazer captar por um breve instante. Com Doré era assim. Com Sime é assim. Com Angarola, de Chicago, é assim. E quanto a Pickman — nenhum homem jamais foi como ele e, por Deus, espero que jamais seja outra vez.

Não me pergunte o que eles veem. Você sabe, na arte convencional existe uma enorme diferença entre as coisas vivas, de verdade, criadas a partir da natureza ou de modelos, e o lixo artificial que os peixes pequenos em geral produzem num estúdio precário. Bem, devo dizer que um artista realmente excêntrico tem um tipo de visão que cria modelos, ou invoca alguma coisa equivalente a cenas reais do mundo espectral em que vive. Seja como for, Pickman consegue resultados que se distinguem dos sonhos alucinados de um impostor mais ou menos como os resultados obtidos por um pintor da natureza distinguem-se das garatujas de um cartunista formado por correspondência. Se eu alguma vez tivesse visto o que Pickman via — mas não! Escute, vamos beber alguma coisa antes de continuar o assunto. Meu Deus, eu não estaria vivo hoje se tivesse visto o que aquele homem — se é que era um homem — via!

Você lembra que o forte de Pickman eram os rostos. Acho que ninguém, desde Goya, foi capaz de representar o inferno em estado bruto nos traços de um rosto ou em uma expressão contorcida. E antes de Goya você precisa voltar até os sujeitos medievais que fizeram os gárgulas e as quimeras em Notre-Dame e em Mont Saint-Michel. Eles acreditavam em todo tipo de coisa — e talvez também vissem todo tipo de coisa, afinal a Idade Média teve umas fases bem curiosas. Eu lembro que uma vez, um ano antes da sua partida, você perguntou a Pickman de onde raios ele tirava aquelas ideias e visões. Foi bem macabra a risada que ele deu, não? Em parte foi por causa daquela risada que Reid se afastou dele. Reid, você sabe, mal havia começado a estudar patologia comparada e já estava cheio de "conhecimentos especializados" pomposos sobre a importância biológica ou evolutiva deste ou daquele sintoma mental ou físico. Ele disse que Pickman o repelia mais a cada dia, e que nos últimos tempos quase o assustava — que os

traços e a expressão no rosto dele aos poucos se desenvolviam de um modo que não o agradava; de um modo que não era humano. Reid veio cheio de conversas sobre alimentação e disse que Pickman deveria ser anormal e excêntrico ao extremo. Imagino que você tenha dito a Reid, se vocês trocaram alguma correspondência a respeito, que os nervos ou a imaginação dele ficavam muito abalados com as pinturas de Pickman. Eu ao menos disse — na época.

Mas lembre que eu não me afastei de Pickman por nada disso. Pelo contrário, minha admiração por ele só aumentava; aquele *Ghoul se alimentando* era uma obra magnífica. Como você sabe, o clube se recusou a exibi-lo, e o Museu de Belas Artes não o aceitou nem de presente; além do mais, ninguém queria comprá-lo, então o quadro ficou pendurado na casa de Pickman até o dia em que ele sumiu. Agora está com o pai dele em Salem — você sabe que Pickman vem de uma antiga família de Salem, e que algum antepassado dele foi enforcado por bruxaria em 1692.

Habituei-me visitar Pickman com certa frequência, em especial depois que comecei a tomar notas para escrever uma monografia sobre arte fantástica. Foi provavelmente o trabalho dele que enfiou essa ideia na minha cabeça e, de qualquer modo, ele se revelou uma verdadeira mina de informações e sugestões quando resolvi levar o projeto adiante. Pickman me mostrou todas as pinturas e desenhos que tinha; inclusive alguns rascunhos em bico-de-pena que, acredito, teriam rendido uma expulsão do clube se os outros membros tivessem-nos visto. Logo eu tinha virado quase um seguidor, e ficava como um colegial, escutando, por horas a fio, teorias estéticas e especulações filosóficas loucas o bastante para que o internassem no hospício de Danvers. Essa devoção ao meu herói, somada ao fato de que em geral as pessoas tinham cada vez menos contato com ele, levaram-no a depositar muita confiança em mim; e em uma certa noite ele insinuou que se eu ficasse de bico fechado e não fizesse alarde, ele me mostraria algo um tanto incomum — algo um pouco mais forte do que qualquer outra coisa na casa.

"Você sabe", disse ele, "certas coisas não foram feitas para a Newbury Street — coisas que ficam deslocadas e que de qualquer modo são impensáveis aqui. O meu interesse é captar as sutilezas da alma, e você não vai achar nada parecido com isso em um conjunto de ruas cheias de novos-ricos em um aterro. A Back Bay não é Boston — ainda não é nada, porque não teve tempo de guardar memórias e atrair espíritos locais. Se existem fantasmas aqui, são os fantasmas mansos de um pântano salgado e de uma pequena gruta; mas eu quero fantasmas humanos — fantasmas de seres inteligentes o bastante para terem visto o inferno e compreendido o que viram.

"O lugar ideal para um artista morar é o North End. Se os estetas fossem sinceros, aguentariam os bairros pobres em nome das tradições acumuladas. Por Deus! Você não vê que lugares como aquele não foram simplesmente construídos, mas cresceram de verdade? Gerações e mais gerações viveram e sofreram e morreram por lá, e numa época em que as pessoas não tinham medo de viver e sofrer e morrer. Você não sabe que havia um moinho em Copp's Hill em 1632, e que metade das ruas atuais já existiam em 1650? Posso mostrar para você casas que estão de pé há mais de dois séculos e meio; casas que presenciaram coisas que fariam uma casa moderna desabar em ruínas. O que os modernos entendem sobre a vida e as forças que se escondem por trás dela? Você diz que a bruxaria de Salem é uma mera superstição, mas eu aposto que a vó da minha bisavó teria histórias para contar. Ela morreu enforcada em Gallows Hill, sob o olhar farisaico de Cotton Mather. Mather, que o diabo o carregue, temia que alguém conseguisse escapar dessa maldita prisão de monotonia — como eu queria que alguém o tivesse enfeitiçado ou chupado seu sangue à noite!

"Posso mostrar a você a casa onde ele morava e também uma outra onde tinha medo de entrar, apesar de todo aquele falatório destemido. Ele sabia de coisas que não ousou escrever naquela estupidez de *Magnalia* ou nos deslumbres pueris de *Wonders of the Invisible World*. Escute, você sabia que por todo o North End havia um conjunto de túneis que ligavam as casas umas às outras, e também ao cemitério e ao mar? Os caçadores de bruxas podiam procurar à vontade na superfície — dia após dia aconteciam coisas fora do alcance deles, e vozes indefiníveis riam à noite!

"Ah, pegue dez casas construídas antes de 1700 ainda no terreno original e aposto que em oito delas eu descubro alguma coisa estranha no porão. É raro passar um mês sem que você leia uma notícia sobre trabalhadores que, ao demolir construções antigas, descobrem arcadas fechadas com tijolos e poços que não levam a lugar nenhum — no ano passado dava para ver uma casa assim quando o trem elevado passava pela Henchman Street. Havia bruxas e o que os feitiços delas invocavam; piratas e o que traziam do mar; corsários — é o que eu digo, antigamente as pessoas sabiam viver e ampliar os horizontes da vida! Esse não era o único mundo que um homem sábio e destemido podia conhecer — pfui! E pensar nos dias de hoje, com intelectos tão apagados que até mesmo um clube de supostos artistas sente calafrios e convulsões se uma pintura ofende a sensibilidade de uma mesa de chá na Beacon Street!

"O único aspecto positivo do presente é que ele é estúpido demais para fazer perguntas detalhadas acerca do passado. O que os mapas e registros e guias de viagem nos informam a respeito do North End? Ha! Eu garanto que vou levá-lo a trinta ou quarenta vielas e emaranhados de vielas ao norte da Prince Street que

não são conhecidos por mais de dez pessoas além dos estrangeiros que se amontoam por lá. E o que aqueles carcamanos entendem disso? Não, Thurber, esses lugares antigos têm sonhos maravilhosos e transbordam enlevo e horror e fugas dos lugares-comuns, mas nem assim aparece uma vivalma que os compreenda ou se beneficie deles. Ou melhor, existe uma alma — afinal, não estive revirando o passado a troco de nada!

"Quem diria, você se interessa por essas coisas. E se eu dissesse que tenho um outro estúdio por lá, onde posso captar o espírito noturno de horrores ancestrais e pintar coisas que eu não conseguiria sequer imaginar na Newbury Street? Claro que as titias velhas do clube não sabem disso — com Reid, maldito seja, espalhando boatos de que sou algum tipo de monstro descendo o tobogã da evolução reversa. É, Thurber, há muito tempo eu decidi que, assim como a beleza, também se deve pintar o terror a partir da observação, então explorei alguns lugares onde eu tinha motivos para acreditar que o terror habitava.

"Além de mim, não mais do que três homens nórdicos devem ter visto o lugar. Não fica muito longe do trem elevado, mas em relação à alma são séculos de distância. Escolhi ficar lá por causa do velho poço de tijolos no porão — um dos que mencionei há pouco. A construção está prestes a cair, então ninguém quer morar por lá, e eu detestaria contar a você a bagatela que estou pagando. As janelas estão fechadas com tábuas, mas isso é ainda melhor para mim, já que não preciso de luz solar para o meu trabalho. Eu pinto no porão, onde a inspiração atinge o grau máximo, mas também tenho outras salas no térreo. O proprietário é siciliano, e aluguei o estúdio sob o nome Peters.

"Se você estiver a fim, posso levá-lo hoje à noite até lá. Acho que você iria gostar dos quadros, pois, como eu disse, deixei a imaginação correr solta. Não é longe — às vezes faço o trajeto a pé, porque não quero chamar atenção aparecendo de táxi num lugar daqueles. Podemos pegar o trem na South Station em direção à Battery Street, e de lá é só uma caminhada curta."

Bem, Eliot, não me restou muita coisa a fazer depois de todo esse falatório senão conter a vontade de sair correndo e pegar o primeiro táxi livre que aparecesse na nossa frente. Trocamos para o trem elevado na South Station e, por volta do meio-dia, já tínhamos descido a escadaria da Battery Street e chegado ao antigo porto depois de Constitution Wharf. Eu não prestei atenção nas ruas transversais e não saberia dizer em qual delas entramos, mas sei que não foi em Greenough Lane.

Quando dobramos, foi para subir pela desolação da viela mais antiga e mais imunda que eu já vi em toda a minha vida, cheia de empenas que pareciam

prestes a desmoronar, janelinhas quebradas e chaminés arcaicas que se erguiam meio decrépitas contra o céu enluarado. Acho que eu não vi nem três casas construídas depois da época de Cotton Mather — tenho certeza de que vi pelo menos duas com beirais, e lá pelas tantas tive a impressão de ver um telhado de duas águas anterior às mansardas, embora os antiquários digam que não restou nenhuma casa assim em Boston.

Ao sair dessa viela, que tinha iluminação tênue, dobramos à esquerda em direção a uma outra viela tão silenciosa quanto e ainda mais estreita, sem iluminação alguma: em seguida, no escuro, fizemos o que eu acredito ter sido uma curva em ângulo obtuso à direita. Logo Pickman sacou uma lanterna e revelou uma porta antediluviana de dez painéis que parecia devastada pelos cupins. Depois de abri-la, ele me levou por um corredor vazio guarnecido com o que em outras épocas tinham sido lambris de carvalho escuro — um mero detalhe, mas que fazia pensar em Andros e em Phipps e na bruxaria. Então passamos por uma porta à esquerda, ele acendeu uma lamparina a óleo e disse que eu podia ficar à vontade.

Eliot, você sabe que eu sou o tipo de sujeito que costumam chamar de "durão", mas confesso que fiquei perturbado com o que vi nas paredes daquele cômodo. Eram as pinturas — as pinturas que Pickman não podia pintar nem exibir na Newbury Street — e ele tinha toda a razão quando disse que havia deixado a imaginação "correr solta". Vamos — peça outra bebida — eu, ao menos, preciso de mais uma!

Nem adianta eu tentar descrever os quadros para você, porque o horror blasfemo e a inacreditável repulsa e decadência moral vinham de toques discretos, muito além do poder descritivo das palavras. Não havia nenhum elemento da técnica exótica que se vê nas obras de Sidney Sime, nada parecido com os cenários trans-saturnianos e fungos lunares que Clark Ashton Smith usa para nos gelar o sangue. Os cenários eram em grande parte igrejas antigas, bosques densos, escarpas à beira-mar, túneis de cimento, antigos corredores com lambril ou simples arcadas em cantaria. O cemitério de Copp's Hill, que não podia ficar muito longe daquela casa, era um dos cenários mais frequentes.

A loucura e a monstruosidade ficavam por conta das figuras em primeiro plano — pois a arte mórbida de Pickman consistia acima de tudo em retratos demoníacos. As figuras raramente eram humanas, mas muitas vezes apresentavam vários traços humanoides. Os corpos, apesar de bípedes, em sua maioria eram curvados para a frente e tinham traços vagamente caninos. A textura parecia algo borrachuda e era um tanto desagradável. Ugh! É como se eu os estivesse vendo nesse instante! As ocupações deles — bem, não me peça para

entrar em detalhes. Em geral estavam se alimentando — não direi do quê. De vez em quando apareciam aos bandos em cemitérios ou passagens subterrâneas, e muitas vezes pareciam disputar uma presa — ou, melhor dizendo, um tesouro. E que expressividade incrível Pickman dava aos rostos inertes daqueles espólios macabros! Às vezes as criaturas apareciam saltando por janelas abertas à noite, ou agachadas sobre o peito de pessoas adormecidas, observando suas gargantas. Uma tela mostrava as criaturas latindo em volta de uma bruxa enforcada em Gallows Hill, cuja expressão cadavérica guardava uma estreita semelhança com a expressão delas.

Mas não ache que foi a escolha dos temas e cenários tétricos o que me levou a fraquejar. Não sou nenhuma criança, e já vi muita coisa assim antes. Eram os rostos, Eliot, aqueles malditos rostos com sorrisos de escárnio e fios de baba pendente que pareciam sair da tela com o sopro da vida! Por Deus, eu pensei que estivessem vivos! Aquele mago repulsivo tinha despertado os fogos do inferno em pigmento, e o pincel dele conjurou terríveis pesadelos. Passe-me a garrafa, Eliot!

Havia um quadro chamado *A lição* — Deus me perdoe por ter visto aquilo! Escute — você consegue imaginar um grupo de seres caninos inomináveis, agachados em círculo num cemitério, ensinando uma criança a se alimentar como eles? O preço de uma criança trocada, imagino — você conhece a velha lenda sobre pessoas estranhas que deixavam suas crias nos berços em troca dos bebês humanos que raptavam. Pickman estava mostrando o que acontece às crianças raptadas — como é a vida delas — e então eu comecei a ver uma semelhança pavorosa entre os rostos humanos e os inumanos. Pickman, com todas as gradações de morbidez entre o manifestamente inumano e a humanidade degradada, estabelecia uma linhagem e uma evolução sardônica. As criaturas caninas descendiam de humanos!

Eu mal havia me perguntado o que aconteceria às crias daqueles seres deixadas ao cuidado de humanos quando avistei uma pintura que materializava esse mesmo pensamento. Era o interior de uma antiga casa puritana — um cômodo com inúmeras vigas e gelosias, um arquibanco e outros móveis desengonçados do século XVII, com toda a família sentada enquanto o pai lia uma passagem da Bíblia. Todos os rostos, com a exceção de um, tinham uma expressão nobre e reverente, mas aquele um refletia o escárnio das profundezas. Era o rosto de um garoto, sem dúvida tido por filho daquele pai tão devoto, mas que na verdade tinha parentesco com os seres impuros. Era a outra criança trocada — e, num espírito de suprema ironia, Pickman havia pintado o rosto do garoto com notável semelhança ao seu próprio.

Nesse ponto Pickman já havia acendido uma lamparina no cômodo ao lado e, com excelentes modos, segurou a porta aberta para que eu passasse; perguntou se eu gostaria de ver seus "estudos modernos". Eu não tinha conseguido comunicar a ele as minhas impressões — o pavor e a repulsa me emudeciam — mas acho que ele entendeu o que se passava e considerou tudo aquilo um grande elogio. E mais uma vez, Eliot, faço questão de repetir que não sou nenhum maricas que sai gritando ao ver qualquer coisa que se afaste um pouco do trivial. Sou um homem de meia-idade, sofisticado, e você me viu na França e sabe que não me deixo afetar por qualquer coisa. Também não esqueça que eu mal havia recuperado o fôlego e me acostumado àquelas figuras pavorosas que transformavam a Nova Inglaterra colonial em um anexo do inferno. Mas, bem, apesar de tudo isso, o cômodo seguinte me fez soltar um grito, e precisei me agarrar ao vão da porta para não cair. O primeiro aposento mostrava grupos de ghouls e de bruxas à solta no mundo de nossos antepassados, mas esse outro trazia o horror para a nossa vida cotidiana!

Meu Deus, como aquele homem pintava! Ele tinha um estudo chamado *Acidente no metrô* em que um bando das criaturas vis saía de alguma catacumba desconhecida por uma rachadura no piso da estação na Boston Street e atacava a multidão de pessoas que aguardava na plataforma. Um outro mostrava um baile entre os túmulos de Copp's Hill, com uma paisagem contemporânea ao fundo. Além disso, havia inúmeras cenas em porões com monstros passando através de buracos e frestas na cantaria e rindo agachados atrás de barris ou fornalhas enquanto esperavam a primeira vítima descer as escadas.

Uma tela repugnante parecia mostrar uma parte de Beacon Hill tomada por exércitos dos monstros mefíticos enfiados em inúmeras tocas que conferiam ao chão o aspecto de um favo de mel. Bailes nos cemitérios de hoje eram temas recorrentes, e uma outra composição me chocou mais do que todas as outras — uma cena no interior de uma arcada desconhecida, onde inúmeras criaturas amontoavam-se em torno de uma outra, que tinha nas mãos um famoso guia de Boston e estava sem dúvida lendo em voz alta. Todos apontavam para uma certa passagem, e cada um daqueles rostos parecia tão desfigurado pelas risadas epilépticas e reverberantes que eu quase pude ouvir os ecos demoníacos. O título da obra era *Holmes, Lowell e Longfellow enterrados em Mount Auburn.*

Enquanto aos poucos eu me recompunha e habituava-me ao segundo aposento de crueldade e morbidez, comecei a analisar algumas características da minha repulsa. Em primeiro lugar, disse eu para mim mesmo, aquelas coisas me repeliam devido ao caráter absolutamente inumano e à crueza impiedosa que revelavam em Pickman. O sujeito deveria ser um inimigo ferrenho de toda a humanidade para sentir tamanho júbilo com a tortura de carnes e miolos e a

degradação do invólucro mortal. Em segundo lugar, me aterrorizavam justamente por causa de sua grandeza. Aquele era o tipo de arte que convence — ao ver as pinturas, víamos os próprios demônios e sentíamos medo. E o mais estranho era que Pickman não obtinha esse efeito com requintes fantásticos ou bizarrias. Não havia elementos borrados, distorcidos ou estilizados; os contornos eram nítidos e realistas, e os detalhes, executados à perfeição. E os rostos!

Não era a simples interpretação de um artista o que víamos; era o pandemônio encarnado, claro e objetivo como um cristal. Céus! Aquele homem não era um romântico ou um fantasista, não! Ele sequer tentava representar o caráter inquieto, prismático e efêmero dos sonhos; em vez disso, com frieza e sarcasmo, refletia um mundo de horror perene, mecanístico e bem-estabelecido, que ele enxergava com abrangência, brilhantismo, objetividade e decisão. Só Deus sabe onde aquele mundo poderia estar, ou onde Pickman teria vislumbrado as formas blasfemas que andavam, corriam e arrastavam-se por lá; mas qualquer que fosse a assombrosa origem das imagens, uma coisa estava clara. Pickman era, em todos os sentidos — na composição e na execução — um realista talentoso, esmerado e quase científico.

Meu anfitrião conduziu-me pelas escadas até o porão onde ficava o estúdio propriamente dito, e eu me preparei para mais cenas demoníacas em meio às telas inacabadas. Quando chegamos ao fim da úmida escadaria ele virou a lanterna para um canto do amplo espaço à nossa frente, revelando um contorno circular de tijolos que sem dúvida era um grande poço no chão de terra batida. Chegamos mais perto e eu vi que o poço deveria ter um metro e meio de diâmetro, com paredes de uns trinta centímetros de espessura a cerca de quinze centímetros do chão — uma sólida construção do século XVII, a não ser que eu estivesse muito enganado. Aquilo, disse Pickman, era o tipo de coisa sobre as quais vinha falando — um acesso ao sistema de túneis que existia sob o morro. Percebi quase sem querer que a abertura do poço não estava cimentada, e que um disco de madeira fazia as vezes de tampa. Ao pensar nas coisas que aquele poço evocava se os comentários de Pickman não fossem pura retórica, estremeci de leve; então me virei para subir mais um degrau e atravessar uma porta estreita que conduzia a um aposento bastante amplo, com piso de madeira e equipado como estúdio. Uma lamparina a acetileno providenciava a iluminação necessária para o trabalho.

As telas inacabadas sobre os cavaletes ou apoiadas de encontro à parede eram tão macabras quanto as do andar superior, e demonstravam a apurada técnica do artista. As cenas pareciam esboçadas com extremo cuidado, e os contornos a lápis denunciavam a técnica minuciosa que Pickman usava para obter a perspectiva e as proporções corretas. O homem era genial — e digo isso agora,

mesmo sabendo de tudo o que eu sei. Uma enorme câmera fotográfica em cima de uma mesa chamou a minha atenção, e Pickman me disse que a usava para fotografar os cenários e pintá-los a partir das fotografias, no estúdio, em vez de sair carregando toda a sua parafernália pela cidade. Ele achava que uma fotografia servia tão bem quanto um cenário ou um modelo real, e declarou que as usava com bastante frequência.

Havia algo de muito perturbador naqueles esboços nauseantes e monstruosidades inacabadas que escarneciam ao nosso redor, e quando Pickman de repente levantou o pano que cobria uma enorme tela no lado mais afastado da luz eu não consegui evitar um grito — o segundo que soltei naquela noite. O grito ecoou e ecoou pelas arcadas tenebrosas do antigo e nitroso porão, e precisei sufocar uma reação impetuosa que ameaçava irromper como um surto de gargalhadas histéricas. Misericórdia! Eliot, eu não sei o quanto era real e o quanto era delírio. Não me parece possível que a Terra abrigue um sonho como aquele!

Era uma blasfêmia colossal, inominável, com olhos em brasa, e trazia nas garras ossudas algo que podia ser um homem ao mesmo tempo em que lhe roía a cabeça como uma criança mordisca um doce. A criatura estava meio agachada, e dava a impressão de que a qualquer momento poderia largar a presa em busca de uma refeição mais suculenta. Mas para o inferno com tudo, não era o tema demoníaco o que fazia daquela pintura uma fonte imortal de pavor — nem sequer o rosto canino com orelhas pontudas, olhos injetados, nariz achatado e lábios salivantes. Não eram as garras escamadas nem o corpo recoberto de mofo nem os cascos — não, mesmo que alguns desses elementos pudessem ter levado um homem impressionável à loucura.

Era a técnica, Eliot — aquela técnica ímpia, maldita, sobrenatural! Assim como eu estou vivo, em nenhuma outra ocasião vi o sopro da vida tão presente em uma tela. O monstro estava lá — roendo com raiva e com raiva roendo — e eu sabia que só uma suspensão das leis da Natureza poderia facultar a um homem pintar uma coisa daquelas sem ter um modelo — sem vislumbrar o mundo das profundezas jamais vislumbrado pelos mortais que não venderam a alma ao Diabo.

Preso com um percevejo a um canto vazio da tela havia um papel enrolado — provavelmente, imaginei, uma fotografia que Pickman estava usando a fim de pintar um cenário tão hediondo quanto o pesadelo que deveria incrementar. Estendi a mão para desenrolá-lo e ver do que se tratava quando, de repente, vi Pickman dar um sobressalto tão grande como se houvesse levado um tiro. Ele vinha prestando muita atenção aos sons ambientes desde que o meu grito de horror despertou ecos estranhos no porão escuro, e naquele instante pareceu

levar um susto que, embora pequeno em relação ao meu, era de natureza muito mais física do que espiritual. Pickman sacou um revólver e fez um gesto pedindo silêncio, então deixou o aposento rumo ao porão principal e fechou a porta atrás de si.

Acho que fiquei paralisado por um instante. Atentando aos sons como Pickman, julguei ter ouvido um leve rumor em algum lugar, e uma série de grunhidos ou batidas em uma direção que eu não conseguia determinar. Pensei em ratos gigantes e estremeci. Então sobreveio um ruído que me deu calafrios pelo corpo inteiro — um ruído furtivo, incerto, embora nem eu saiba ao certo como pôr isso em palavras. Era como o som de madeira caindo na pedra ou em tijolos — madeira em tijolos — no que isso me fez pensar?

O ruído voltou, mais alto. Na segunda vez tive a impressão de que a madeira havia caído um pouco mais longe do que na primeira. Logo depois ouvi um rangido estridente, uma frase incompreensível de Pickman e a descarga ensurdecedora dos seis cartuchos do revólver, deflagrados de modo espetacular, como um domador de leões atira para o alto a fim de impressionar a plateia. Um grunhido ou um chiado e a seguir uma batida. Então mais uma vez o atrito de madeira contra tijolos, uma pausa, e porta se abriu — e nesse ponto eu confesso que dei um sobressalto violento. Pickman reapareceu com o revólver fumegante, amaldiçoando os ratos inchados que infestavam o antigo poço.

"Nem o diabo sabe o que eles comem, Thurber", disse ele, sorrindo, "afinal esses túneis arcaicos se ligavam a cemitérios e covis de bruxas e orlas marítimas. Mas, seja o que for, deve ter acabado, porque eles estavam loucos para sair. Acho que o seu grito os deixou agitados. É melhor tomar cuidado nesses lugares antigos — nossos amigos roedores são a única desvantagem, mesmo que às vezes eu os considere úteis para criar a atmosfera ideal."

Bem, Eliot, esse foi o fim da minha aventura noturna. Pickman tinha prometido me mostrar o estúdio, e Deus sabe que ele cumpriu a promessa. Tenho a impressão de que depois ele me conduziu para longe daquele emaranhado de vielas por um outro caminho, pois quando avistamos um poste de iluminação estávamos numa rua meio familiar com fileiras monótonas de condomínios e casas antigas. Era a Charter Street, mas eu ainda estava muito impressionado para notar a altura exata. Já era tarde demais para pegar o trem elevado, e assim caminhamos até o centro pela Hanover Street. Lembro bem daquele muro. Da Tremont pegamos a Beacon, e Pickman me deixou na esquina com a Joy, de onde parti. Nunca mais falei com ele.

Por que eu me afastei? Não seja tão impaciente. Espere até eu pedir um café. Já

bebemos um bocado, mas eu ainda preciso tomar alguma coisa. Não — não foi por causa das pinturas que vi naquele lugar; mas eu juro que elas seriam o suficiente para causar o ostracismo de Pickman em nove de cada dez lares e clubes de Boston, e acho que agora você deve entender por que não entro mais em metrôs nem em porões. Foi — foi por causa de uma coisa que eu achei no bolso do meu casaco na manhã seguinte. Era o papel enrolado que estava preso àquela horrível tela no porão, sabe; a coisa que eu imaginei ser uma fotografia de alguma cena que ele pretendesse usar como cenário para o monstro. O último susto veio quando eu estava estendendo a mão para desenrolá-lo, e acho que inadvertidamente o pus no bolso. Ah, aqui está o café — tome-o puro, Eliot, se você for capaz.

Sim, foi por causa daquele papel que eu me afastei de Pickman; Richard Upton Pickman, o maior artista que eu conheci — e o ser mais asqueroso a ultrapassar os limites da vida rumo às profundezas do mito e da loucura. Eliot — o velho Reid tinha razão. Pickman não era humano. Ou ele nasceu em uma estranha região sombria, ou então descobriu um jeito de abrir os portais secretos. Mas agora não vem ao caso; Pickman desapareceu — em meio às trevas fabulosas que tanto gostava de visitar. Escute, vamos acender o lustre.

Não me pergunte ou sequer faça conjecturas a respeito do que eu queimei. Também não me pergunte o que havia por trás daqueles ruídos parecidos com os de toupeiras que Pickman fez questão de atribuir aos ratos. Você sabe, existem segredos que podem ter sobrevivido desde os antigos tempos de Salem, e Cotton Mather fala sobre coisas ainda mais estranhas. E você lembra de como as pinturas de Pickman eram realistas — de como todos nós nos perguntávamos de onde ele tirava aqueles rostos.

Bem — aquele papel não era a fotografia de um cenário. Mostrava simplesmente o ser monstruoso que ele estava pintando naquela tela horrenda. Era o modelo de Pickman — e o cenário ao fundo era apenas a parede do estúdio no porão. Mas por Deus, Eliot, *era uma fotografia!*

O assombro das trevas

(*Dedicado a Robert Bloch*)

Vi o abismo do negro universo
Onde os astros vagueiam no escuro
Onde vagam em horror indizível,
Sem passado, presente ou futuro.

Nêmesis

INVESTIGADORES cautelosos hesitarão em questionar a crença popular de que Robert Blake foi morto por um raio ou por um profundo choque nervoso proveniente de uma descarga elétrica. É verdade que a janela para a qual estava voltado encontrava-se intacta, mas a natureza já se mostrou capaz de muitos feitos extraordinários. A expressão em seu rosto poderia muito bem ter origem em algum estímulo muscular obscuro sem relação alguma com o que viu, enquanto as anotações em seu diário são claramente o resultado de uma imaginação fantasiosa excitada por certas superstições locais e certos assuntos obscuros nos quais se aprofundara. Quanto às condições anômalas na igreja abandonada de Federal Hill — o investigador perspicaz não tarda em atribuí-las a um certo charlatanismo, consciente ou inconsciente, com o qual Blake mantinha relações secretas.

Afinal de contas, a vítima foi um escritor e pintor devotado ao campo da mitologia, do sonho, do terror e da superstição, ávido em sua busca por cenas e efeitos de natureza bizarra, espectral. Sua primeira estada na cidade — em visita a um estranho homem tão interessado em ocultismo e sabedoria secreta quanto o próprio Blake — acabara em meio ao fogo e à morte, e algum instinto mórbido deve tê-lo levado de volta ao lar em Milwaukee. Apesar das negativas no diário, Blake devia conhecer as velhas histórias, e sua morte pode ter cortado pela raiz uma farsa de proporções gigantescas, destinada a ter reflexos literários.

Contudo, entre os que examinaram e correlacionaram todas as evidências, há muitos que defendem teorias menos racionais e menos triviais. Estes tendem a interpretar literalmente o conteúdo do diário de Blake e apontam fatos relevantes como a autenticidade indubitável do antigo registro da igreja, a existência comprovada da malquista e pouco ortodoxa seita da Sabedoria Estrelada antes de 1877, o sumiço documentado de um repórter investigativo chamado Edwin M. Lillibridge em 1893 e — acima de tudo — a expressão de pânico monstruoso e transfigurador no rosto do jovem artista quando seu corpo foi encontrado. Foi um adepto dessa versão que, levado ao extremo do fanatismo, atirou na baía a singular pedra angulosa e a estranha caixa lavrada em metal encontradas no

velho coruchéu da igreja — no escuro coruchéu sem janelas, e não na torre onde o diário de Blake afirma que estas coisas foram originalmente encontradas. Mesmo tendo recebido inúmeras censuras oficiais e extraoficiais, este homem — um físico renomado com um gosto por lendas inusitadas — asseverou ter livrado a Terra de algo perigoso demais para habitá-la.

Entre as duas escolas opinativas, o leitor deve escolher a de sua filiação. Os documentos relatam os detalhes tangíveis de maneira cética, deixando a outros a tarefa de pintar o quadro tal como Robert Blake o via — ou imaginava ver — ou fingia ver. Façamos então um resumo atento, desapaixonado e sem pressa da nefasta cadeia de eventos segundo as opiniões expressas por seu principal ator.

O jovem Blake voltou a Providence no inverno de 1934-5, quando ocupou o piso superior de um vistoso prédio em um gramado próximo à College Street — no alto do enorme morro a Oeste junto ao campus da Brown University e atrás do prédio de mármore da John Hay Library. Era um lugar agradável e fascinante em um pequeno oásis paisagístico que lembrava os vilarejos antigos, onde enormes gatos amistosos tomavam sol no alto de um conveniente galpão. A quadrada casa georgiana tinha trapeiras no telhado, vão da porta em estilo clássico, com entalhes em leque, janelas pequenas e todas as outras características típicas das casas do início do século XIX. Dentro haviam portas de seis painéis, pisos de tabuão, uma escadaria curva em estilo colonial, consolos brancos do período adâmico e, nos fundos, alguns cômodos três degraus abaixo do nível da casa.

O escritório de Blake, de orientação sudoeste, dava para o jardim da frente em um lado, enquanto as janelas a Oeste — diante das quais ficava a sua escrivaninha — revelavam o alto do morro e comandavam um esplêndido panorama dos telhados por toda a cidade baixa e também dos pôres do sol místicos que lhes chamejavam por detrás. No horizonte longínquo ficavam as colinas púrpura do campo aberto. Mais atrás, a uns três quilômetros de distância, erguia-se o vulto espectral de Federal Hill, salpicado com aglomerações de telhados e coruchéus cujas silhuetas remotas oscilavam cheias de mistério, assumindo formas incríveis enquanto a fumaça da cidade espiralava em direção ao céu e as envolvia. Blake tinha a curiosa impressão de estar olhando para um mundo desconhecido, etéreo, que poderia ou não se refugiar em sonhos caso um dia resolvesse procurá-lo e desvendá-lo pessoalmente.

Após solicitar o envio da maioria dos livros que tinha em casa, Blake comprou móveis antigos de acordo com a nova morada e dedicou-se a escrever e a pintar — morando sozinho e cuidando ele próprio dos simples afazeres domésticos. O estúdio ficava em um quarto voltado para o Norte, no sótão, onde as trapeiras

propiciavam uma iluminação admirável. Durante aquele primeiro inverno Blake escreveu cinco de suas mais célebres histórias — "The Burrower Beneath", "The Stairs in the Crypt", "Shaggai", "In the Vale of Pnath" e "The Feaster from the Stars" — e pintou sete telas; estudos de monstros inomináveis, inumanos, e cenários alienígenas e extraterrenos.

Ao pôr do sol, muitas vezes sentava-se à escrivaninha e ficava olhando como que num sonho em direção ao Ocidente — as torres negras do Memorial Hall logo abaixo, o campanário do tribunal geórgico, os sobranceiros pináculos do centro da cidade e, ao longe, o difuso outeiro rematado pelos coruchéus, cujas ruas desconhecidas e empenas labirínticas exerciam tamanha influência sobre sua imaginação. Dos poucos conhecidos na região, aprendeu que a colina mais distante era o bairro italiano, ainda que a maioria das casas fossem herança de antigos americanos e irlandeses. De tempos em tempos Blake apontava o binóculo para aquele mundo espectral e inalcançável além da fumaça; escolhia telhados e chaminés e coruchéus individuais e especulava sobre os mistérios curiosos e bizarros que poderiam abrigar. Mesmo com o instrumento óptico, Federal Hill parecia de alguma forma alienígena, meio fabulosa e ligada aos portentos irreais e intangíveis nas histórias e telas do próprio Blake. A sensação persistia por muito tempo depois que o morro desaparecia no crepúsculo violeta, salpicado de lâmpadas, e as luzes do tribunal e o holofote vermelho do Industrial Trust iluminavam-se para deixar a noite grotesca.

De todos os objetos distantes em Federal Hill, uma certa igreja enorme e escura era o que mais fascinava Blake. A construção ficava muito visível durante certas horas do dia, e ao pôr do sol a enorme torre e o coruchéu pontiagudo erguiam-se como sombras contra o céu chamejante. A igreja parecia ficar em terreno elevado; pois a sinistra fachada e a lateral norte, avistada de viés com o telhado oblíquo e o alto de enormes frestões, dominavam orgulhosas as inúmeras cumeeiras e chaminés ao redor. De aspecto particularmente tétrico e austero, o templo parecia ser construído em pedra manchada e desgastada pela fumaça e pelas tempestades de mais de um século. O estilo, pelo que se via com o binóculo, era remanescente dos primórdios do neogótico que precedeu o opulento período Upjohn e mantinha algumas das silhuetas e proporções da época georgiana. Talvez datasse de 1810 ou 1815.

À medida que os meses passavam, Blake observava a severa estrutura distante com crescente interesse. Como as enormes janelas jamais se acendessem, ele sabia que a construção devia estar abandonada. E quanto mais observava, mais sua fantasia excitava-se, até que por fim começou a imaginar coisas um tanto curiosas. Blake acreditava que uma aura vaga e singular de sordidez pairava sobre a igreja, de modo que os pombos e andorinhas evitavam-lhe os beirais

esfumaçados. Ao redor de outras torres e campanários o binóculo revelava grandes revoadas de pássaros, mas na igreja eles não pousavam jamais. Enfim, foi isso o que Blake pensou e anotou em seu diário. Ele mostrou o lugar a vários amigos, mas nenhum deles jamais estivera em Federal Hill ou tinha a mais remota ideia sobre o que a igreja era ou havia sido.

Na primavera uma grande inquietude apossou-se de Blake. Ele havia começado seu tão planejado romance — baseado na suposta sobrevivência do culto às bruxas no Maine —, mas, por algum estranho motivo, não conseguiu levar a ideia adiante. Com frequência cada vez maior, sentava-se à janela oeste e punha-se a observar o morro longínquo e o austero coruchéu negro evitado pelos pássaros. Quando as delicadas folhas surgiram nos galhos do jardim, o mundo foi tomado por uma nova beleza, mas a inquietação de Blake só fez aumentar. Foi então que pensou pela primeira vez em atravessar a cidade e escalar aquela fabulosa colina em direção ao mundo de sonhos envolto em fumaça.

No fim de abril, logo antes do Walpurgis à sombra dos éons, Blake fez sua primeira incursão rumo ao desconhecido. Depois de avançar pelas intermináveis ruas do centro e pelos ermos quarteirões decrépitos mais além, enfim chegou até a avenida ascendente com a escadaria de degraus gastos pelo século, os pórticos dóricos abaulados e as cúpulas de vidros baços que, segundo imaginava, conduziriam ao inalcançável mundo além da névoa que de longa data conhecia. Havia imundas placas brancas e azuis com nomes de ruas que não significavam nada para ele, e nesse instante Blake percebeu os rostos estranhos e sombrios da multidão de passantes e os símbolos estrangeiros acima de curiosas lojas em construções marrons desgastadas pelo tempo. Em nenhuma parte ele encontrou os objetos que avistara de longe; assim, mais de uma vez imaginou que a Federal Hill daquele vislumbre longínquo era um mundo de sonho que jamais seria galgado em vida por pés humanos.

De vez em quando surgia a fachada de uma igreja em ruínas ou de um coruchéu prestes a desmoronar, mas nunca o vulto obscuro que ele procurava. Quando perguntou a um lojista pela enorme igreja de pedra, o homem sorriu e sacudiu a cabeça, ainda que falasse inglês de bom grado. À medida que Blake subia, a região tornava-se cada vez mais estranha, com intrincados labirintos de agourentas ruelas marrons que conduziam eternamente ao Sul. Ele atravessou duas ou três avenidas largas e, a certa altura, imaginou ter vislumbrado uma torre familiar. Mais uma vez perguntou a um comerciante pela imponente igreja de pedra, e nessa segunda tentativa ele poderia jurar que a alegação de ignorância era falsa. O rosto bronzeado do homem tinha uma expressão de medo que ele tentava ocultar, e Blake o viu fazer um curioso gesto com a mão direita.

Então, de repente, um coruchéu negro delineou-se contra o céu anuviado à sua esquerda, acima dos incontáveis telhados marrons que ladeavam as emaranhadas ruelas ao Sul. Blake soube no mesmo instante do que se tratava e apressou-se pelas vielas sórdidas e sem pavimentação que subiam a partir da avenida. Por duas vezes ele perdeu o caminho, mas por algum motivo não ousou fazer perguntas aos patriarcas e donas de casa que estavam sentados na soleira das portas nem às crianças que gritavam e brincavam no barro das vielas sombrias.

Enfim avistou a torre a Sudoeste, e um enorme vulto de pedra ergueu-se, sinistro, no fim de uma ruela. Nesse instante Blake estava em uma praça aberta, de pavimentação esquisita, com um elevado muro de aterro no extremo oposto. Este era o fim de sua busca; pois sobre o vasto platô com grades de ferro e coberto de hera que a muralha sustentava — um mundo à parte, menor, dois metros acima das ruas em volta — assomava um vulto titânico e nefasto cuja identidade, apesar da nova perspectiva de Blake, estava além de qualquer dúvida.

A igreja deserta apresentava sinais de profunda decrepitude. Alguns dos altos contrafortes de pedra haviam desabado, e muitos remates frágeis jaziam meio perdidos entre ervas daninhas e gramas marrons e negligenciadas. As fuliginosas janelas góticas estavam em boa parte intactas, embora vários mainéis de pedra estivessem faltando. Blake perguntou-se como as vidraças pintadas com tamanha negrura poderiam ter resistido tão bem aos conhecidos hábitos dos garotos mundo afora. As portas maciças estavam em excelentes condições e firmemente trancadas. Em torno do espigão da muralha, cercando todo o terreno, havia uma cerca de ferro cujo portão — no alto do lance de escadas que subia desde a praça — estava fechado a cadeado. O caminho do portão até a igreja estava coberto por mato. A desolação e a decadência estendiam-se como uma mortalha sobre o lugar, e nos beirais vazios de pássaros e nas muralhas negras, despidas de hera, Blake sentiu um toque sinistro que não seria capaz de definir.

Havia pouquíssimas pessoas na praça, mas Blake viu um policial no lado norte e aproximou-se dele com perguntas acerca da igreja. O homem era um irlandês robusto, e a Blake pareceu estranho que não fizesse muito mais do que se persignar e balbuciar coisas sobre as pessoas jamais falarem a respeito daquela construção. Quando Blake o pressionou, o policial irlandês disse às pressas que o padre italiano advertia a todos contra a igreja, jurando que outrora um mal monstruoso havia habitado o lugar e lá deixado sua marca. O próprio irlandês ouvira histórias lúgubres contadas a meia-voz por seu pai, que relembrava certos sons e rumores da infância.

Nos velhos tempos uma seita vil reunia-se lá — uma seita clandestina que

invocava coisas terríveis dos ignotos abismos da noite. Fora preciso um excelente padre para exorcizar o que então surgiu, embora algumas pessoas dissessem que apenas a luz poderia bani-lo. Se o padre O'Malley estivesse vivo ele teria muitas histórias para contar. Mas naquele ponto não havia mais nada a fazer, salvo esquecer a igreja. Ela já não prejudicava ninguém, e seus proprietários estavam mortos ou vivendo em lugares distantes. Todos haviam fugido como ratos após os ameaçadores boatos de 1877, quando as pessoas começaram a notar que de tempos em tempos alguém sumia da vizinhança. Um dia a cidade tomaria a frente e assumiria a posse da construção devido à inexistência de herdeiros, mas essa medida não resultaria em nada de bom. O melhor seria deixá-la ruir com o passar dos anos e não mexer com coisas que devem descansar para sempre em abismos sombrios.

Depois que o policial afastou-se, Blake ficou contemplando o soturno monte dos coruchéus. Ficou empolgado com a ideia de que aos outros a estrutura parecesse tão sinistra quanto para si, e assim passou a imaginar que verdade esconder-se-ia por trás das velhas histórias contadas pelo policial. O mais provável era que fossem meras lendas motivadas pelo aspecto maléfico da construção, mas as semelhanças com uma de suas próprias histórias eram incríveis.

O sol da tarde emergiu de trás das nuvens que se dispersavam, mas pareceu incapaz de iluminar as paredes manchadas e fuliginosas do velho templo que assomava no altaneiro platô. Era estranho que o verde primaveril não houvesse tocado as ervas marrons e secas daquele pátio cercado. Aos poucos Blake aproximou-se do terreno elevado e começou a examinar o muro e a cerca enferrujada em busca de uma via de ingresso. Sobre o templo obscuro pairava um fascínio terrível, a que não se podia resistir. A cerca não tinha nenhuma abertura próxima aos degraus, mas no lado norte algumas barras estavam faltando. Blake subiu os degraus e caminhou pelo estreito espigão da muralha, por fora da cerca, até alcançar a passagem. Se as pessoas nutriam um temor tão intenso pela construção ele não haveria de encontrar nenhum obstáculo.

Blake estava no aterro e já quase no interior da cerca antes que alguém o notasse. Então, olhando para baixo, viu as poucas pessoas que estavam na praça afastarem-se e fazer o mesmo gesto que o lojista da avenida fizera com a mão direita. Muitas janelas fecharam-se, e uma mulher gorda disparou em direção à rua e arrastou algumas crianças pequenas para dentro de uma casa decrépita e sem pintura. A falha no cercado não oferecia dificuldades à passagem, e sem demora Blake estava a desbravar o emaranhado de mato putrescente no terreno abandonado. Aqui e acolá o fragmento desgastado de uma lápide indicava que o local era um antigo cemitério; mas isso deveria ter sido em épocas remotas. O vulto descomunal da igreja pareceu-lhe ainda mais opressivo de perto, mas Blake

logo se recompôs e aproximou-se para tentar abrir as enormes portas da fachada. Todas estavam trancadas a chave, e assim ele começou a rodar o perímetro da construção ciclópica em busca de alguma entrada secundária mais acessível. Sequer nesse instante Blake poderia dizer ao certo se desejava entrar naquele covil de abandono e escuridão, mas a estranheza do lugar impelia-o adiante.

Uma janela aberta e desprotegida que dava para o porão ofereceu-lhe a passagem necessária. Ao perscrutar o interior, Blake viu um abismo subterrâneo de teias de aranha e poeira, iluminado pelos tênues raios de sol que filtravam pela janela a Oeste. Destroços, barris velhos, caixas arruinadas e várias peças de mobiliário surgiram diante de seus olhos, embora tudo estivesse coberto por uma mortalha de poeira que abrandava todos os contornos salientes. As ruínas enferrujadas de uma fornalha de ar quente indicavam que o prédio estivera em uso e em boas condições até a metade do período vitoriano.

Agindo quase por instinto, Blake deslizou o corpo pela janela e desceu do outro lado, no chão de concreto forrado de pó e obstruído pelos destroços. O porão abobadado era amplo e não tinha repartições; em um canto à direita, envolto em densas trevas, havia uma arcada sombria que sem dúvida conduzia ao andar superior. Blake foi acometido por um peculiar sentimento de opressão por estar de fato no interior da igreja espectral, mas logrou contê-lo enquanto procedia a uma cautelosa exploração — encontrando em seguida um barril intacto em meio ao pó e rolando-o até a janela aberta para assim garantir seu egresso. Então, tomando coragem, atravessou o amplo espaço festoado por teias de aranha em direção à arcada. Meio sufocado pela onipresença do pó e coberto por diáfanas fibras fantasmáticas, Blake ganhou e começou a galgar os degraus carcomidos que se erguiam rumo às trevas. Não havia iluminação alguma, mas ele prosseguia às apalpadelas. Passada uma curva acentuada, encostou numa porta logo à frente e, depois de tatear mais um pouco, encontrou sua antiga trava. A porta abriu para dentro, e além do umbral Blake percebeu um corredor iluminado, com painéis roídos pelos cupins em ambos os lados.

Depois de chegar ao térreo, Blake começou uma rápida exploração. Todas as portas internas estavam destrancadas, de modo que lhe foi possível transitar à vontade entre os vários ambientes. A gigantesca nave era um lugar quase preternatural com os aglomerados e as montanhas de pó que recobriam os bancos, o altar, o púlpito e o dossel, e também com as titânicas cordas de teia de aranha que se estendiam em meio aos arcos pontiagudos da galeria e envolviam o conjunto das colunas góticas. No geral, aquela desolação silenciosa irradiava uma horripilante luz plúmbea, enquanto os raios do sol poente filtravam pelos estranhos vitrais enegrecidos das enormes janelas absidais.

Os vitrais nessas janelas estavam tão obscurecidos pela fuligem que Blake mal pôde decifrar o que representavam, mas o pouco que conseguiu identificar não lhe agradou em nada. Os desenhos eram em grande parte convencionais, e o conhecimento de Blake acerca de símbolos obscuros revelou-lhe um bocado sobre alguns dos vetustos motivos. Os poucos santos representados traziam no semblante expressões visivelmente criticáveis, ao passo que um dos vitrais parecia trazer simples espirais de peculiar luminosidade. Afastando-se das janelas, Blake notou que a cruz envolta por teias de aranha logo acima do altar não era uma cruz convencional, mas representava o *ankh* primitivo ou a *crux ansata* do Egito umbroso.

Nos fundos, em uma sacristia junto à abside, Blake descobriu uma escrivaninha podre e estantes que se erguiam até o teto, repletas de livros bolorentos e rotos. A essa altura ele recebeu o primeiro choque de horror objetivo, pois os títulos dos livros disseram-lhe um bocado. Eram as coisas negras e proibidas sobre as quais a maioria das pessoas em sã consciência jamais ouviu falar, ou então ouviu falar apenas em sussurros furtivos e temerosos; os repositórios proscritos e temidos de ambíguas fórmulas secretas e imemoriais que haviam acompanhado o fluxo do tempo desde a juventude dos homens e das eras difusas e fabulosas anteriores ao nascimento do primeiro homem. O próprio Blake lera uns quantos deles — uma versão latina do execrando *Necronomicon*, o sinistro *Liber Ivonis*, o infame *Cultes des Goules* do Comte d'Erlette, o *Unaussprechlichen Kulten* de Von Juntz e o infernal *De Vermis Mysteriis* do velho Ludvig Prinn. Mas havia outros que conhecia apenas de nome, ou sequer assim — os *Manuscritos Pnakóticos*, o *Livro de Dzyan* e um volume caindo aos pedaços com caracteres absolutamente indecifráveis, que no entanto trazia certos símbolos e diagramas pavorosamente familiares aos iniciados nas ciências ocultas. Ficou evidente que os rumores locais não eram infundados. O lugar outrora havia sediado uma ordem maléfica mais antiga do que a humanidade e maior do que o universo conhecido.

Na escrivaninha decrépita havia um pequeno registro encadernado em couro que continha estranhos apontamentos em algum sistema criptográfico. As anotações no manuscrito consistiam nos símbolos tradicionais usados hoje na astronomia e em tempos remotos na alquimia, na astrologia e em outras artes duvidosas — figuras representando o sol, a lua, os planetas, os aspectos e os signos zodiacais —, amontoados em páginas inteiras de texto, com divisões e quebras de parágrafo que sugeriam que cada símbolo correspondia a uma letra do alfabeto.

Na esperança de mais tarde resolver o criptograma, Blake pôs o volume no bolso do casaco. Muitos dos enormes tomos nas estantes fascinavam-no a extremos inefáveis, e ele sentiu-se tentado a tomá-los de empréstimo em um momento oportuno. Imaginou como os livros poderiam ter permanecido lá por tanto tempo

sem que ninguém os perturbasse. Seria ele o primeiro a vencer o medo implacável e dominador que por quase sessenta anos havia protegido aquele lugar deserto contra os visitantes?

Ao dar por encerrada a exploração no piso térreo, Blake mais uma vez atravessou a poeira da nave espectral em direção ao vestíbulo, onde avistara uma porta e uma escadaria que julgava conduzir à torre e ao coruchéu enegrecidos — objetos que conhecia de longe havia muito tempo. A subida foi uma experiência sufocante, visto que o pó acumulava-se em grossas camadas enquanto as aranhas mostravam do que eram realmente capazes naquele espaço exíguo. A escada era uma espiral com degraus altos e estreitos, e a espaços Blake passava por uma janela baça que oferecia um vertiginoso panorama da cidade. Mesmo sem ter visto corda alguma no andar de baixo, esperava descobrir um sino ou um carrilhão na torre cujos frestões e adufas seu binóculo amiúde examinara. Porém ele estava fadado à decepção; pois, quando ganhou o alto da escadaria, encontrou o interior da torre vazio de sinos e visivelmente equipado para fins muito diferentes.

O aposento quadrado, com cerca de cinco metros de lado, recebia a iluminação tênue de quatro frestões, um em cada extremo, cobertos pela proteção das adufas decrépitas. Estas, por sua vez, haviam sido guarnecidas com telas firmes e opacas, que no entanto já estavam em boa parte apodrecidas. No centro do chão poeirento erguia-se um pilar de pedra estranhamente anguloso com cerca de um metro e vinte de altura e sessenta centímetros de diâmetro, coberto em ambos os lados por hieróglifos bizarros, de execução primitiva e absolutamente irreconhecíveis. No pilar repousava uma caixa metálica de peculiar formato assimétrico; a tampa estava aberta para trás e o interior abrigava o que, sob o denso pó das décadas, parecia ser um objeto oval ou um esfera irregular com cerca de dez centímetros de comprimento. Ao redor do pilar, quase em círculo, estavam dispostas sete cadeiras góticas de espaldar alto e muito bem conservadas, enquanto atrás delas, ao longo dos painéis escuros que revestiam as paredes, viam-se sete imagens colossais de estuque arruinado, pintadas de preto, que lembravam acima de tudo os crípticos megálitos entalhados da misteriosa Ilha da Páscoa. Em um dos cantos da câmara recoberta por teias de aranha havia uma escada incrustada na parede, conduzindo a um alçapão fechado que dava acesso ao coruchéu sem janelas logo acima.

Quando Blake acostumou-se à iluminação tênue, percebeu os peculiares baixo-relevos na estranha caixa de material amarelado. Ao aproximar-se, tentou limpar a poeira com as mãos e com um lenço, e notou que as figuras eram de uma raça monstruosa e inteiramente alienígena; representações de entidades que, embora parecessem vivas, não guardavam semelhança alguma com as

formas de vida que evoluíram em nosso planeta. A esfera de dez centímetros revelou-se na verdade um poliedro quase negro com veios rubros e inúmeras superfícies planas irregulares; ou uma notável espécie de cristal, ou um objeto factício entalhado em rocha de alto polimento. O poliedro não tocava no fundo da caixa; mantinha-se suspenso por meio de uma cinta de metal ao redor de seu centro, com sete apoios de formato inusitado que se estendiam na horizontal até os ângulos da parede interna da caixa, na altura do topo. A pedra, uma vez percebida, exerceu sobre Blake um fascínio quase alarmante. Ele mal conseguia desgrudar os olhos do objeto e, enquanto observava as superfícies brilhosas, por pouco não o imaginava transparente, com difusos universos fabulosos no interior. Em sua imaginação flutuavam cenas de orbes alienígenas com enormes torres de pedra e de outros orbes com montanhas titânicas sem nenhum sinal de vida, e de espaços ainda mais remotos onde apenas uma agitação na negrura indefinível indicava a presença de consciência e de vontade.

Quando por fim desviou o olhar, foi para notar um peculiar amontoado de pó no canto mais distante, próximo à escada que dava acesso ao coruchéu. Blake não saberia dizer por que motivo aquilo chamou sua atenção, mas algo na silhueta transmitiu-lhe uma mensagem inconsciente. Enquanto caminhava com dificuldade naquela direção e desvencilhava-se das teias de aranha à medida que avançava, começou a perceber alguma coisa funesta. A mão e o lenço não tardaram em revelar a verdade, e Blake arquejou com uma atordoante mistura de emoções. Era um esqueleto humano, que deveria estar lá desde muito tempo. As roupas estavam viradas em andrajos, mas alguns botões e fragmentos de tecido indicavam um terno masculino cinza. Havia mais evidências — sapatos, fivelas de metal, enormes abotoaduras de punhos duplos, um alfinete de gravata à moda antiga, um crachá de repórter com o nome do antigo *Providence Telegram* e uma carteira de couro caindo aos pedaços. Blake examinou atentamente esta última, descobrindo em seu interior diversas cédulas antigas, um calendário promocional de celuloide de 1893 com o nome "Edwin M. Lillibridge" e um papel coberto de apontamentos a lápis.

Este papel era de natureza um tanto críptica, e Blake o leu com muita atenção junto à baça janela oeste. O texto desconexo incluía frases como as que seguem: Prof. Enoch Bowen volta do Egito em maio de 1844 — compra a antiga Igreja do Livre-Arbítrio em julho — autor de célebres trabalhos arqueológicos & ocultistas.

Dr. Drowne da 4ª Batista alerta contra a Sabedoria Estrelada no sermão de 29 dez. 1844.

Congregação 97 no fim de 1845.

1846 — 3 desaparecimentos — primeira menção ao Trapezoedro Reluzente.

7 desaparecimentos 1848 — começam as histórias de sacrifício de sangue.

Investigação 1853 não dá em nada — histórias de sons.

Pe. O'Malley fala em adoração ao demônio com a caixa encontrada entre a grandes ruínas egípcias — diz que eles invocam uma coisa incapaz de existir na luz. Foge da luz fraca e é banido pela luz forte. Então precisa ser invocado outra vez. Provavelmente recebeu a informação no leito de morte de Francis X. Feeney, que se converteu à Sabedoria Estrelada em 1849. Segundo dizem essas pessoas o Trapezoedro Reluzente mostra-lhes o céu & outros mundos, & o Assombro das Trevas de algum modo lhes conta segredos.

História de Orrin B. Eddy 1857. Invocam-no olhando para o cristal & falam em uma língua que lhes é própria.

200 ou mais na cong. 1863, sem contar os homens na frente de batalha.

Garotos irlandeses reúnem-se em frente à igreja após o desaparecimento de Patrick Regan em 1869.

Artigo velado no J. de 14 de março de 1872, mas as pessoas não comentam.

6 desaparecimentos 1876 — comitê secreto convoca o prefeito Doyle.

Providências prometidas para fev. 1877 — a igreja fecha em abril.

Gangue — garotos de Federal Hill — ameaçam o dr. — e os sacristãos em maio.

181 pessoas deixam a cidade ainda em 1877 — sem menção de nomes.

Histórias de fantasmas começam por 1880 — confirmar relatos de que ninguém entra na igreja desde 1877.

Pedir a Lanigan a fotografia do lugar tirada em 1851...
Após recolocar o papel na carteira e guardar esta última no bolso, Blake virou-se para examinar o esqueleto empoeirado. As implicações desses apontamentos eram claras, e não havia dúvida de que aquele homem havia chegado ao edifício deserto quarenta e dois anos atrás em busca de um furo de reportagem que ninguém mais fora destemido o suficiente para investigar. Talvez ninguém mais conhecesse o plano — como saber? Mas o homem jamais voltou à redação. Teria algum medo enfrentado com bravura conseguido vencê-lo e assim provocado um ataque cardíaco? Blake debruçou-se sobre os ossos brilhantes e

estudou seu peculiar aspecto. Alguns estavam espalhados, e uns poucos pareciam ter se dissolvido nas extremidades. Outros haviam adquirido um estranho tom amarelo, que de certo modo sugeria algum chamuscamento. Alguns retalhos de tecido também estavam chamuscados. O crânio estava em condições um tanto peculiares — manchado de amarelo e com um orifício chamuscado na calota, como se algum ácido poderoso houvesse corroído a ossatura sólida. O que teria acontecido ao esqueleto durante as quatro décadas passadas no silencioso mausoléu estava além da imaginação de Blake.

Antes que desse por si, ele estava mais uma vez olhando em direção à pedra e deixando que aquela curiosa influência conjurasse um desfile nebuloso em sua imaginação. Viu procissões de silhuetas inumanas cobertas por mantos e capuzes e avistou quilômetros intermináveis de deserto cercado por monolitos lavrados que alcançavam o céu. Viu torres e muralhas nas profundezas noturnas sob o mar e redemoinhos siderais em que rastros de névoa sombria pairavam ante o brilho diáfano da fria neblina grená. E ainda mais adiante vislumbrou um abismo infinito de escuridão, onde vultos sólidos e semissólidos eram percebidos apenas pelas agitações do vento e forças nebulosas pareciam impor ordem ao caos e estender uma chave para todos os paradoxos e arcanos dos universos conhecidos.

Então de repente o encanto foi quebrado por um surto de medo obstinado, indefinível. Sufocado, Blake afastou-se da pedra, ciente de que uma invisível presença alienígena vigiava-o de perto com terrível atenção. Ele sentiu-se ligado a algo — algo que não estava na pedra, mas que havia olhado através dela em sua direção — algo que haveria de segui-lo incansavelmente graças a uma percepção além da visão física. Sem dúvida o lugar estava irritando seus nervos — como não poderia deixar de ser em vista de um achado tão macabro. A luz também se extinguia, e, como não tivesse uma lanterna ou fósforos consigo, Blake sabia que teria de ir embora logo.

Foi nesse instante de crepúsculo iminente que julgou ter visto uma luminosidade tênue na esquisita pedra angulosa. Tentou olhar para outro lado, mas alguma compulsão obscura atraiu novamente o seu olhar. Será que não havia uma sutil fosforescência radioativa em torno daquela coisa? O que os apontamentos do morto haviam dito sobre um Trapezoedro Reluzente? O quê, afinal de contas, seria aquele covil abandonado de maldade cósmica? O que acontecera naquele lugar, e o que ainda poderia estar a espreita por trás das sombras evitadas pelos pássaros? Um miasma furtivo parecia haver surgido em algum local próximo, ainda que sua origem não fosse evidente. Blake pôs a mão sobre a caixa aberta havia tanto tempo e cerrou-a. A tampa moveu-se com facilidade sobre as dobradiças alienígenas e fechou-se sobre a pedra, que cintilava a olhos vistos.

Com o distinto clique da caixa fechando, um rumor discreto fez-se ouvir na escuridão eterna do coruchéu acima, no outro lado do alçapão. Ratos, sem dúvida — os únicos seres vivos a revelarem sua presença naquele vulto amaldiçoado desde o momento em que entrara. Mesmo assim o rumor no coruchéu assustou Blake a tal ponto que, às raias do desespero, arrojou-se escadaria abaixo, atravessou a nave espectral, adentrou o porão abobadado, saiu em meio ao acúmulo de pó na praça deserta e desceu as ruelas fervilhantes e assombradas de Federal Hill em direção à normalidade das ruas centrais e das familiares calçadas de tijolo no distrito universitário.

Nos dias a seguir, Blake não contou a ninguém sobre a expedição. Em vez disso, leu uma porção de coisas em certos livros, examinou jornais antigos no arquivo central e laborou com ardor no criptograma daquele volume encadernado em couro descoberto entre as teias da sacristia. O código, ele logo percebeu, não era nada simples; e após reiterados esforços Blake convenceu-se de que a língua não era inglês, latim, grego, francês, espanhol, alemão nem italiano. Estava claro que teria de beber nas fontes mais profundas de sua estranha erudição.

Todas as noites o velho impulso de olhar para o Ocidente retornava, e ele via o coruchéu negro como outrora, em meio aos telhados eriçados de um mundo distante, meio fabuloso. Mas agora havia uma outra nota de terror. Blake conhecia a herança maligna que lá se escondia e, de posse desse conhecimento, sua visão exacerbava-se de maneiras um tanto bizarras. Os pássaros da primavera aos poucos retornavam e, enquanto Blake observava seus voos ao pôr do sol, desviavam do coruchéu macabro e solitário com uma intensidade até então jamais vista. Quando uma revoada chegava perto, os pássaros rodopiavam e dispersavam-se em um pânico confuso — e não era difícil imaginar seus chilreios desesperados, incapazes de alcançá-lo a tantos quilômetros.

Foi naquele junho que o diário de Blake registrou sua vitória sobre o criptograma. O texto, segundo pôde averiguar, estava escrito na obscura língua aklo, usada por certos cultos malignos ancestrais e conhecida de Blake graças a suas pesquisas anteriores. O diário guarda uma estranha reticência em relação ao conteúdo da mensagem, mas é evidente que Blake ficou assombrado e desconcertado. Há referências a um Assombro das Trevas que desperta quando alguém olha para o Trapezoedro Reluzente, além de conjecturas insanas acerca dos negros abismos do caos de onde fora invocado. Este ser caracteriza-se por deter todo o conhecimento e exigir sacrifícios monstruosos. Algumas das anotações de Blake demonstram um temor de que a coisa, a seu ver já conjurada, pudesse espreitar livremente; embora afirme que a iluminação pública funciona como uma muralha intransponível.

Em relação ao Trapezoedro Reluzente as referências são fartas; Blake trata-o como uma janela que se abre ao tempo e ao espaço e descreve sua trajetória desde a época em que foi criado no sombrio planeta Yuggoth, antes mesmo que os Anciões trouxessem-no à Terra. O artefato foi preservado e posto em sua curiosa caixa pelas coisas crinoides da Antártida, salvo das ruínas pelos homens-serpente de Valúsia e admirado éons mais tarde em Lemúria pelos primeiros humanos. Atravessou terras e mares estranhos e afundou com Atlântis antes que um pescador minoano capturasse-o em sua rede e vendesse-o a mercadores de tez escura vindos da umbrosa Khem. O faraó Nephren-Ka construiu ao redor do Trapezoedro um templo com uma cripta fechada e a seguir fez aquilo que levou seu nome a ser apagado de todos os monumentos e registros. Então o objeto dormiu nas ruínas daquele mausoléu destruído pelos sacerdotes e pelo novo faraó, até que a pá dos escavadores mais uma vez restaurasse-o à luz do dia para amaldiçoar a humanidade.

Por estranho que seja, no início de julho os jornais corroboraram as anotações de Blake, porém de modo tão sumário e casual que só mesmo o diário chamou atenção para essas contribuições. Parece que um novo terror vinha pairando sobre Federal Hill desde que um forasteiro adentrara a temível igreja. Aos sussurros, os italianos comentavam estranhas movimentações e estrondos e arranhões vindos do sombrio coruchéu sem janelas e pediam aos padres que banissem a entidade que assombrava seus sonhos. Alguma coisa, diziam, estava de guarda dia e noite na porta, esperando um momento escuro o suficiente para se aventurar mais longe. Os jornais faziam menção às antigas superstições locais, mas não esclareciam muita coisa a respeito dos motivos para tamanho horror. Evidente que os repórteres de hoje não são antiquários. Ao escrever essas coisas no diário, Blake expressa uma curiosa espécie de remorso e fala sobre o dever de enterrar o Trapezoedro Reluzente e banir a entidade que havia conjurado, deixando que a luz do dia invadisse o proeminente coruchéu nefando. Ao mesmo tempo, no entanto, demonstra a perigosa dimensão de seu fascínio e admite um desejo mórbido — presente até mesmo em sonhos — de visitar a torre amaldiçoada e mais uma vez contemplar os segredos cósmicos da pedra cintilante.

Então, na manhã de 17 de julho, alguma notícia do *Journal* despertou no diarista um grave surto de horror. Não passava de uma variante sobre o tema algo jocoso da inquietude em Federal Hill, mas para Blake a notícia era terrível ao extremo. À noite uma tempestade comprometera o sistema de iluminação da cidade por uma hora inteira, e neste interlúdio escuro os italianos haviam quase enlouquecido de pavor. Os que moravam próximo à temível igreja juravam que a coisa no coruchéu aproveitara-se da ausência de iluminação pública para descer até a nave da igreja, cambaleando e debatendo-se de maneira viscosa,

absolutamente horripilante. Após algum tempo, subiu cambaleante até a torre, onde ouviram-se sons de vidro quebrando. Aquele ser poderia ir até onde as trevas alcançassem, mas a luz sempre o poria em fuga.

Quando a corrente elétrica voltou houve uma terrível comoção na torre, pois até mesmo a tênue iluminação que filtrava pelas janelas fuliginosas e protegidas por adufas era demais para a coisa. Ela cambaleou e deslizou até o coruchéu envolto em trevas bem a tempo — pois uma exposição prolongada à luz tê-la-ia mandado de volta ao abismo de onde o forasteiro louco a invocara. Durante aquela hora no escuro, sob a chuva, multidões reuniram suas preces ao redor da igreja com velas acesas protegidas por papéis dobrados e guarda-chuvas — uma vigília de luz para salvar a cidade do pesadelo que espreita nas trevas. Segundo os que estavam mais próximos à igreja, em um dado momento a porta externa chacoalhou de maneira horripilante.

Mas o pior ainda estava por vir. Aquela noite, no *Bulletin*, Blake leu sobre o que os repórteres haviam encontrado. Enfim cientes do inusitado valor jornalístico daquele desespero, dois deles resolveram desafiar as multidões frenéticas de italianos e esgueirar-se igreja adentro pela janela do porão, após uma tentativa frustrada de entrar pelas portas. Descobriram que a poeira do vestíbulo e da nave espectral havia sido revirada de forma bastante peculiar, com almofadas rotas e o forro dos bancos de cetim atirados por toda parte. Um odor envolvia toda a construção, e aqui e acolá surgiam manchas amarelas e retalhos que pareciam chamuscados. Ao abrir a porta de acesso à torre depois de uma pausa momentânea por conta de um ruído suspeito no andar superior, encontraram o estreito lance de escadas em espiral quase limpo por algo que se arrastara ao passar.

No interior da torre, a cena era bastante similar. Os repórteres mencionavam o pilar de pedra heptagonal, as cadeiras góticas viradas e as bizarras imagens de estuque; mas era estranho que não constasse nada acerca da caixa metálica e do velho esqueleto mutilado. O que mais perturbava Blake — afora as menções de manchas e chamuscados e odores pungentes — era o detalhe final que explicava o estilhaçamento das vidraças. Todas as vidraças dos frestões estavam quebradas, e dois deles haviam sido obscurecidos de maneira primitiva e apressada com o forro dos bancos de cetim e da crina das almofadas, socados no espaço entre as lâminas das adufas externas. Outros fragmentos de cetim e tufos de crina estavam espalhados pelo chão recém-pisado, como se alguém tivesse sido interrompido no ato de restaurar a torre ao estado de escuridão absoluta em que outrora se encontrava.

Manchas amarelas e retalhos chamuscados apareceram na escada que conduzia

ao coruchéu sem janelas, mas quando um dos repórteres subiu, abriu o alçapão horizontal e direcionou o facho da lanterna para dentro daquele espaço negro e fétido, não viu nada além de trevas e de um amontoado heterogêneo de fragmentos disformes próximo à entrada. O veredicto, claro, era charlatanismo. Alguém havia pregado uma peça nos montanheses supersticiosos, ou então algum fanático tentara incitar o medo tendo o bem da população em vista. Ou talvez alguns dos moradores mais jovens e mais sofisticados tivessem armado uma farsa complexa para enganar o mundo lá fora. Houve um desdobramento divertido quando um policial foi enviado para averiguar os relatos. Três policiais em sequência arranjaram pretextos para se furtar à tarefa, e o quarto foi contrariado e voltou em pouco tempo sem nenhuma informação a acrescentar.

Desse ponto em diante o diário de Blake registra uma maré crescente de horror insidioso e apreensão nervosa. Ele se censura por não tomar uma atitude e faz especulações mirabolantes sobre as consequências de um outro colapso na rede elétrica. Já se verificou que em três ocasiões — sempre durante tempestades — Blake telefonou para a companhia elétrica em uma veia frenética e pediu que se tomassem medidas desesperadas para evitar uma pane no fornecimento de luz. Vez por outra seus apontamentos demonstram preocupação com o fato de os repórteres não terem encontrado a caixa metálica com a pedra nem o esqueleto profanado ao explorar a torre. Blake supôs que esse objetos houvessem sido removidos — mas sequer imaginava para onde, por quem ou pelo quê. Seus maiores medos, no entanto, diziam respeito a si próprio e à ligação profana que julgava existir entre a sua mente e a do horror que espreitava no coruchéu longínquo — aquela coisa monstruosa da noite, invocada por sua imprudência do supremo espaço obscuro. Blake parecia sentir constantes impulsos contrários à sua vontade, e visitantes lembram que, na época, ficava absorto junto à escrivaninha, observando pela janela oeste o longínquo outeiro do coruchéu proeminente além da fumaça citadina. Seus monótonos apontamentos concentram-se em pesadelos e no fortalecimento da ligação profana durante o sono. Há menção a uma noite em que despertou completamente vestido, na rua, enquanto caminhava ao Oeste, na direção de College Hill. Muitas e muitas vezes ele reafirma que a coisa no coruchéu sabe onde encontrá-lo.

A semana após o dia 30 de julho é relembrada como a época de seu colapso parcial. Blake sequer se vestia, e solicitava a comida por telefone. Os visitantes perceberam as cordas que mantinha junto à cama, e Blake afirmava que o sonambulismo forçara-o a amarrar os tornozelos à noite com nós que provavelmente o manteriam preso ou então fariam com que acordasse durante o esforço para desatar as amarras. No diário ele relatava a assombrosa experiência que precipitara o colapso. Após recolher-se na noite do dia 30, Blake de repente viu-se às apalpadelas em um recinto quase tomado pela escuridão.

Tudo o que via eram fachos curtos, tênues e horizontais de luz azulada, mas ao mesmo tempo percebia um miasma pungente e escutava uma mistura de sons abafados e furtivos acima de sua cabeça. Ao menor movimento ele esbarrava em alguma coisa, e a cada ruído ouvia-se um som como que em resposta vindo de cima — uma vaga movimentação, somada ao discreto ruído de madeira roçando contra madeira.

Em dado momento suas mãos tateantes encontraram um pilar de pedra sem nada no topo, e a seguir ele viu-se agarrado aos degraus de uma escada incrustada na parede e quando então subiu indeciso por aquele caminho em direção a um fedor ainda mais intenso, quando uma súbita rajada quente e escaldante veio a seu encontro. Diante de seus olhos surgiu uma gama caleidoscópica de imagens espectrais, todas elas desaparecendo a intervalos na figura de um vasto abismo insondável da noite, onde giravam sóis e planetas de negrura ainda mais profunda. Blake pensou nas lendas ancestrais do Caos Supremo, em cujo centro estende-se Azathoth, o deus cego e idiota, Senhor de Todas as Coisas, rodeado por sua horda convulsa de dançarinos irracionais e amorfos e embalado pelos suaves trenos de uma flauta demoníaca tocada por mãos inomináveis.

Então uma súbita percepção do mundo exterior atravessou o transe e despertou-o para o horror inefável da situação. O que foi, ele jamais ficou sabendo — talvez alguma explosão tardia dos fogos de artifício que se fazem ouvir por todo o verão em Federal Hill quando os habitantes saúdam seus vários santos padroeiros, ou os santos de seus vilarejos nativos na Itália. O fato é que ele gritou, caiu da escada em desespero e, cambaleando, atravessou às cegas o chão obstruído da câmara escura onde se encontrava.

Blake reconheceu de imediato o lugar e precipitou-se de qualquer jeito pela estreita escada em espiral, tropeçando e batendo-se a cada curva. Houve uma fuga excruciante através de uma vasta nave tomada por teias de aranha cujas arcadas fantasmáticas erguiam-se aos reinos das sombras zombeteiras, uma agitação às cegas através de um porão cheio de entulho, uma escalada até as regiões de ar fresco e iluminação pública do lado de fora e uma corrida desesperada em que desceu uma pavorosa encosta com empenas desmesuradas, atravessou uma cidade mórbida e silente com torres negras e subiu o íngreme precipício a Oeste até chegar a sua antiga morada.

Ao recobrar a consciência pela manhã, notou que estava deitado no chão do escritório e vestido dos pés à cabeça. Sujeira e teias de aranha cobriam-lhe as vestes, e cada centímetro de seu corpo apresentava inchaços e contusões. Ao encarar o espelho, Blake notou que seu cabelo estava todo chamuscado, e um

odor vil parecia exalar de seu casaco. Foi nesse instante que seus nervos sucumbiram. A partir de então, passando os dias exausto em seu roupão, Blake fez pouco mais além de olhar pela janela oeste, estremecer com a ameaça dos trovões e fazer anotações delirantes em seu diário.

A grande tempestade começou pouco antes da meia-noite no dia oito de agosto. Raios caíam sem parar nos mais diversos pontos da cidade, e houve relatos de duas impressionantes bolas de fogo. A chuva era torrencial, e ao mesmo tempo uma salva de trovões impedia o sono de milhares de habitantes. Blake encontrava-se num estado de frenesi absoluto devido à sua preocupação com o sistema elétrico, e tentou telefonar para a companhia de energia perto da uma hora da manhã, ainda que nesse horário o fornecimento de luz já estivesse temporariamente suspenso por razões de segurança. Ele registrou tudo no diário — os hieróglifos grandes, nervosos e amiúde indecifráveis contam sua própria história de angústia e desespero crescente e de apontamentos rabiscados às cegas, no escuro.

Blake teve de manter a casa às escuras para conseguir enxergar a rua, e parece que durante a maior parte do tempo permaneceu junto à escrivaninha, espiando ansioso através da chuva e seguindo os quilômetros cintilantes de telhados no centro da cidade até a constelação de luzes distantes que assinalava Federal Hill. De tempo em tempo fazia anotações canhestras no diário, e assim frases desconexas como "As luzes não podem se apagar"; "Ele sabe onde estou"; "Preciso destruí-lo"; e "Ele está me chamando, mas talvez não queira o meu mal desta vez" encontram-se espalhadas por duas páginas.

Então as luzes de toda a cidade apagaram-se. Foi exatamente às 2:12 da manhã, de acordo com os registros da companhia elétrica, mas o diário de Blake não faz menção à hora. A entrada diz apenas "As luzes se foram — que Deus me ajude". Em Federal Hill estavam outros observadores tão ansiosos quanto ele, e grupos de homens encharcados desfilavam pela praça e pelas ruelas em torno da igreja com velas protegidas por guarda-chuvas, lanternas elétricas, lampiões a óleo, crucifixos e todo tipo de amuletos obscuros comuns ao sul da Itália. Eles abençoavam cada novo relâmpago e faziam gestos crípticos de temor com a mão direita quando algo na tempestade fez com que os relâmpagos diminuíssem e por fim cessassem. Um vento repentino apagou a maioria das velas, de modo que a cena ficou envolta em trevas ameaçadoras. Alguém chamou o padre Merluzzo, da Spirito Santo Church, que se apressou até a fatídica praça a fim de pronunciar quaisquer sílabas de ajuda que pudesse. Quanto aos incansáveis e curiosos sons no interior da torre negra não podia haver a menor dúvida.

Em relação ao que ocorreu às 2:35 temos o testemunho do padre, um homem

jovem, inteligente e culto; do patrulheiro William J. Monohan da Estação Central, um policial da mais alta confiança que havia parado naquele ponto do trajeto para averiguar a multidão; e da maioria dos setenta e oito homens que se haviam reunido em volta do enorme muro da igreja — em particular daqueles que estavam no quarteirão de onde a fachada leste era visível. Claro, não havia nada que se pudesse atribuir em caráter definitivo ao reino do sobrenatural. As possíveis causas de um acontecimento assim são várias. Ninguém é capaz de falar com autoridade sobre os obscuros processos químicos que operam no interior de uma igreja vasta, antiga, malventilada e deserta que abriga os objetos mais heterogêneos. Vapores mefíticos — combustão espontânea — pressão de gases resultantes de uma longa putrefação — qualquer um desses incontáveis fenômenos pode ter sido o causador. Além do mais, a possibilidade de charlatanismo intencional não pode ser excluída sob hipótese alguma. A coisa em si foi um bocado simples e durou menos de três minutos. O padre Merluzzo, homem devotado à exatidão, olhava constantemente para o relógio.

Começou com o sensível aumento dos sons desordenados no interior da torre negra. Já havia algum tempo que a igreja vinha emanando odores estranhos e vis, mas naquele instante as exalações tornaram-se intensas e repulsivas. Por fim vieram sons de madeira despedaçando-se e de um objeto grande e pesado caindo no pátio contíguo à sobranceira fachada leste. A torre ficou invisível sem o lume das candeias, mas à medida que o objeto se aproximava do chão as pessoas compreenderam que se tratava da fuliginosa adufa do frestão leste.

Imediatamente a seguir um miasma insuportável emanou das alturas ocultas, provocando sufocamentos e náuseas entre os observadores trêmulos e quase prostrando aqueles que estavam na praça. No mesmo instante o ar tremeu com a vibração de um ruflar de asas, e um repentino vento leste que ultrapassou em força todas as rajadas anteriores levou os chapéus e arrastou os guarda-chuvas gotejantes da multidão. Não se podia ver nada com muita clareza, embora alguns espectadores que estavam olhando para cima imaginem ter visto uma enorme mancha de negrura ainda mais profunda espalhar-se contra o breu do céu — algo como uma nuvem de fumaça amorfa que disparou com a velocidade de um meteoro rumo ao leste.

Isso foi tudo. Os observadores estavam atônitos com o susto, o pavor e o desconforto, e mal sabiam o que fazer, ou mesmo se deviam fazer alguma coisa. Sem saber o que tinha acontecido, mantiveram a vigília; e passado um instante uniram-se em uma prece coletiva quando o clarão súbito de um relâmpago tardio, seguido por um estrondo ensurdecedor, rasgou os céus chuvosos. Meia hora depois a chuva parou, e passados mais quinze minutos a iluminação pública voltou a funcionar, mandando os vigilantes encharcados e exaustos aliviados para

casa.

O jornais do dia seguinte, ao noticiar a tempestade, dedicaram pouca atenção a esses incidentes. Parece que o clarão súbito e a ruidosa explosão que sucederam os acontecimentos em Federal Hill foram ainda mais assombrosos em direção ao leste, onde o surgimento do miasma singular também foi noticiado. O fenômeno atingiu seu ápice em College Hill, onde o estrondo despertou todos os habitantes adormecidos e deu azo às especulações mais fabulosas. Dentre os que estavam despertos, poucos avistaram o fulgor anômalo próximo ao cume da montanha ou perceberam a inexplicável rajada de vento que quase desfolhou as árvores da rua e arrancou as plantas dos jardins. Todos concordavam em que o raio súbito e solitário deveria ter caído em algum lugar da vizinhança, embora o local exato da queda não tenha sido encontrado. Um jovem membro da fraternidade Tau Omega pensou ter visto uma grotesca e horrenda nuvem de fumaça no ar assim que o fulgor preliminar iluminou o céu, mas este relato não foi confirmado. Os poucos observadores, no entanto, estavam todos de acordo em relação à violenta rajada do Oeste e ao fedor insuportável que precedeu o trovão a seguir, e os testemunhos acerca do momentâneo odor de queimado após o som do trovão são igualmente unânimes.

Esses detalhes foram discutidos a fundo devido à sua provável ligação com a morte de Robert Blake. Estudantes no prédio Psi Delta, cujas janelas superiores nos fundos dão para o escritório de Blake, perceberam o semblante difuso na janela oeste pela manhã do dia nove e perguntaram-se o que estaria errado com aquela expressão. Quando à noite viram o rosto ainda na mesma posição, ficaram preocupadas e esperaram para ver se as luzes do apartamento seriam acesas. Mais tarde tocaram a campainha do apartamento escuro e, por fim, chamaram um policial para arrombar a porta.

O corpo enrijecido estava sentado junto à escrivaninha, em frente à janela, e quando os invasores viram os olhos fixos, vidrados, e as marcas de horripilante e convulsivo pavor naquela fisionomia contorcida, desviaram o olhar em uma consternação nauseante. Logo em seguida o corpo foi encaminhado à autópsia e, apesar da janela intacta, o legista deu como causa da morte choque elétrico, ou tensão nervosa induzida por descarga elétrica. A expressão horrenda no rosto de Blake foi ignorada como sendo um possível resultado do espanto profundo que acomete pessoas de imaginação fértil e emoções descontroladas. Estas qualidades o legista deduziu a partir dos livros, pinturas e manuscritos encontrados no apartamento, e também das entradas rabiscadas às cegas no diário sobre a escrivaninha. Blake havia persistido em seus apontamentos até o último instante, e o lápis de ponta quebrada foi descoberto no rigor espasmódico de sua mão direita.

As anotações feitas após a queda de luz eram altamente desconexas e legíveis apenas em parte. A partir delas alguns investigadores tiraram conclusões bastante incompatíveis com o materialismo do veredicto oficial, mas tais especulações têm pouca chance de persuadir os conservadores. A tese defendida por esses teóricos imaginativos tampouco se beneficiou da ação do supersticioso dr. Dexter, que atirou a curiosa caixa e a pedra angulosa — um objeto sem dúvida dotado de luz própria, como se viu no sombrio coruchéu desprovido de janelas onde foi encontrado — no canal mais profundo de Narragansett Bay. O excesso de imaginação e o desequilíbrio neurótico por parte de Blake, agravados pelo conhecimento do antigo culto ao mal cujos resquícios havia descoberto, compõem a interpretação mais aceita de seus frenéticos apontamentos finais. Eis aqui suas notas — ou tudo o que se pode apreender delas:

Ainda sem luz — já deve fazer cinco minutos. Tudo depende da iluminação. Yaddith faça com que resista!... Alguma influência parece estar atravessando... A chuva e o trovão e o vento ensurdecem... A coisa está controlando a minha mente...

Problemas de memória. Vejo coisas que jamais conheci. Outros mundos e outras galáxias... O escuro... A luz parece escura e a escuridão parece iluminada...

Não pode ser a montanha e a igreja de verdade o que vejo na escuridão. Deve ser uma impressão retiniana provocada pelos relâmpagos. Deus queira que os italianos estejam nas ruas com velas se os relâmpagos cessarem!

Do que estou com medo? Não seria um avatar de Nyarlathotep, que na umbrosa Khem ancestral assumiu a forma de um homem? Lembro-me de Yuggoth, e do longínquo Shaggai, e do vazio supremo dos planetas negros...

O longo voo alado através do vazio... incapaz de atravessar o universo de luz... recriado pelos pensamentos aprisionados no Trapezoedro Reluzente... mande-o através de horríveis abismos cintilantes...

Meu nome é Blake — Robert Harrison Blake e moro na East Knapp Street, 620, em Milwaukee, Wisconsin... Estou neste planeta...

Azathoth tende piedade! O relâmpago já não brilha — que horror — vejo tudo com a sensação monstruosa de que não está à vista — o claro é escuro e o escuro é claro... as pessoas na montanha... guardam... velas e amuletos... os padres...

Sem percepção da distância — o longe é perto e o perto é longe. Sem luz — sem binóculo — vejo o coruchéu — a torre — janela — ouço — Roderick Usher — louco ou enlouquecendo — a coisa se mexe e se agita na torre.

Eu sou a coisa e a coisa é eu — quero sair… preciso sair e unificar as forças. . a coisa sabe onde estou…

Sou Robert Blake, mas vejo a torre no escuro. Um odor monstruoso… sentidos transfigurados… as tábuas do frestão cedendo e quebrando… Iá… ngai… ygg…

Estou vendo — cada mais perto — vento infernal — azul titânico — asa negra — Yog Sothoth salve-me — o olho abrasador de três lóbulos…

O chamado de Cthulhu

(*Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston.*)

No que tange estes vastos poderes ou seres é possível conceber uma sobrevivência… a sobrevivência de um período infinitamente remoto, em que a consciência talvez se manifestasse através de linhas e formas desaparecidas há muito tempo ante a maré crescente da humanidade. . formas das quais apenas a poesia e a lenda guardaram lembranças fugazes, chamando-as de deuses, monstros, criaturas míticas de todos os tipos e espécies…
Algernon Blackwood

8.1 i O horror no barro

A coisa mais misericordiosa do mundo é, segundo penso, a incapacidade da mente humana em correlacionar tudo o que sabe. Vivemos em uma plácida ilha de ignorância em meio a mares negros de infinitude, e não fomos feitos para ir longe. As ciências, cada uma empenhando-se em seus próprios desígnios, até agora nos prejudicaram pouco; mas um dia a compreensão ampla de todo esse conhecimento dissociado revelará terríveis panoramas da realidade e do pavoroso lugar que nela ocupamos, de modo que ou enlouqueceremos com a revelação ou então fugiremos dessa luz fatal em direção à paz e ao sossego de uma nova idade das trevas.

Os teosofistas especularam a respeito da incrível magnitude do ciclo cósmico, em que o nosso universo e a raça humana não passam de breves incidentes. Sugeriram estranhas permanências em termos que fariam o sangue gelar se não estivessem mascaradas por um brando otimismo. Mas os teosofistas não foram os responsáveis pelo singular relance de éons proibidos que me dá calafrios em pensamento e enlouquece-me no sonho. Esse relance, como todos os temíveis relances da verdade, foi um lampejo decorrente de uma conjunção acidental de coisas separadas — no caso, uma notícia de jornal e as anotações de um professor universitário já falecido. Espero que ninguém mais logre correlatar estes itens; não há dúvida de que, se eu viver, jamais contribuirei elo algum a uma corrente tão horrenda. Creio que o professor também pretendia manter-se calado a respeito do que sabia e destruir as anotações, caso não houvesse sucumbido a uma morte súbita.

Meu conhecimento sobre o assunto começa no inverno de 1926–27, com a morte do meu tio George Gammell Angell, professor emérito de línguas semíticas na Brown University, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era um grande especialista em inscrições antigas e muitas vezes havia prestado serviços a museus famosos; de modo que seu falecimento, aos noventa e dois anos, é um fato lembrado por muitos. Na região onde morava, o interesse foi ainda maior em vista das circunstâncias obscuras ligadas à sua morte. O professor havia tombado enquanto retornava do barco de Newport; conforme o relato de testemunhas, caiu de repente, após receber um encontrão de um negro com ares de marinheiro saído de um dos estranhos pátios sombrios na encosta íngreme que servia de atalho entre a zona portuária e a casa do falecido, na Williams Street. Os médicos não conseguiram detectar nenhuma disfunção aparente, mas após um debate concluíram, perplexos, que alguma lesão cardíaca obscura, decorrente da escalada de um morro tão íngreme por um senhor de idade tão avançada, fora responsável pelo fim. Na época eu não vi motivos para discordar do veredicto, mas ultimamente ando propenso a imaginar — e a mais do que

imaginar.

Na condição de herdeiro e executor do meu tio, que morreu sem deixar filhos nem esposa, eu deveria analisar seus papéis com particular atenção; e, com esse propósito em mente, levei todos os arquivos e caixas que a ele pertenciam para a minha residência em Boston. Grande parte do material que relacionei será publicada mais tarde pela American Archaeological Society, mas há uma caixa que considero demasiado enigmática e cujo conteúdo sinto-me pouco à vontade para mostrar a outras pessoas. A caixa estava trancada, e não encontrei a chave até que tive a ideia de examinar o chaveiro que o professor levava sempre no bolso. Foi assim que logrei abri-la, porém logo me vi confrontado por uma barreira maior e de transposição mais difícil. Afinal, qual seria o significado daqueles estranhos baixos-relevos em barro, dos rabiscos, devaneios e recortes que encontrei? Será que meu tio, na idade avançada, ter-se-ia interessado por essas imposturas superficiais? Decidi sair em busca do excêntrico escultor que, ao que tudo indicava, transtornara a paz de espírito do pobre velho.

O baixo-relevo era um retângulo áspero, com menos de três centímetros de espessura e cerca de treze por quinze centímetros de área; sem dúvida, uma peça moderna. Os entalhes, porém, não tinham nada de moderno em termos de ambiência e sugestão; pois, ainda que as variações cubistas e futuristas sejam frequentes e radicais, via de regra não reproduzem a regularidade críptica que se esconde nas escritas pré-históricas. E boa parte dos entalhes parecia ser algum tipo de escrita; mas a minha lembrança, apesar da grande familiaridade com os papéis e coleções do meu tio, não conseguia identificar esse espécime em particular nem mesmo aventar hipóteses sobre suas mais remotas afinidades.

Acima dos hieróglifos havia um entalhe sem dúvida figurativo, ainda que a execução impressionista não permitisse uma ideia muito exata a respeito de sua natureza. Parecia algum tipo de monstro, ou de símbolo representando um monstro, tal como apenas um intelecto perturbado poderia conceber. Se eu disser que minha fantasia extravagante conjurava ao mesmo tempo as imagens de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não incorro em nenhum tipo de infidelidade ao espírito da coisa. Uma cabeça polpuda, com tentáculos, colmava um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares; mas era a *silhueta* da figura o que a tornava ainda mais horrenda. Atrás da figura aparecia a vaga sugestão de um cenário arquitetônico ciclópico.

As anotações que acompanhavam o curioso artefato, à exceção de alguns recortes de jornal, estavam escritas na caligrafia tardia do professor Angell; e não tinham nenhuma pretensão literária. O que aparentava ser o documento principal trazia o título de O CULTO A CTHULHU em letras desenhadas com todo o

cuidado necessário para evitar dificuldades na leitura de uma palavra tão esdrúxula. O manuscrito era dividido em duas seções, a primeira delas intitulada "1925 — O Sonho e a Obra Onírica de H. A. Wilcox, 7 Thomas St., Providence, R.I." e a segunda, "Relato do Inspetor John R. Legrasse, 121 Bienville St., Nova Orleans, La., no Cong. da A.A.S. em 1908 — Notas sobre o Insp. e Depoimento do Prof. Webb". Os outros papéis que compunham o manuscrito eram anotações breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, outras citações de livros e periódicos teosóficos (em especial de *Atlântida e Lemúria*, de W. Scott-Elliot) e o restante comentários a respeito de sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há séculos, com referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como *O ramo de ouro* de Frazer e *O culto das bruxas na Europa ocidental* da srta. Murray. Os recortes referiam-se, na maior parte, a distúrbios mentais bizarros e a surtos de loucura e histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal trazia um relato bastante peculiar. Parece que, no dia primeiro de março de 1925, um jovem magro, taciturno, de aspecto neurótico e eufórico havia procurado o professor Angell, trazendo nas mãos o singular baixo-relevo em barro, que na ocasião ainda estava úmido e fresco. O cartão dele trazia o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio reconheceu-o como o filho mais moço de uma excelente família, que estudava escultura na Rhode Island School of Design e morava sozinho no prédio Fleur-de-Lys próximo a essa instituição. Wilcox era um jovem precoce célebre por seu gênio, mas também pela personalidade excêntrica, e desde a mais tenra infância chamava atenção graças às estranhas histórias e sonhos inusitados que habitualmente narrava. O jovem descrevia sua condição como "hipersensibilidade psíquica", mas para os dignos habitantes da antiga cidade comercial aquilo não passava de uma certa "esquisitice". Sempre evitando a companhia de seus semelhantes, Wilcox aos poucos afastara-se de todos os círculos sociais e só era conhecido por um seleto grupo de estetas que moravam em outras cidades. Até mesmo o Providence Art Club, ávido por preservar seu conservadorismo, havia-o considerado um caso perdido.

Segundo o manuscrito do professor, na ocasião da primeira visita o jovem artista recorreu ao conhecimento arqueológico de seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Ele falava de maneira rebuscada e sonhadora, que sugeria afetação e afastava a simpatia; e meu tio foi um pouco rude ao responder, pois o barro ainda fresco do baixo-relevo indicava uma total ausência de relação com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio o suficiente para que mais tarde ele a recordasse *verbatim*, foi uma incrível argumentação poética que deve ter permeado toda a conversa e que, mais tarde, descobri ser uma de suas características mais marcantes. Ele disse:

"De fato, é recente, pois eu terminei a escultura noite passada, sonhando com estranhas cidades; e sonhos são diferentes da Tiro penserosa, ou da Esfinge contemplativa, ou da Babilônia cingida por jardins".

Nesse ponto começou o interminável relato que de repente soou a nota de uma lembrança adormecida e conquistou o vivo interesse do meu tio. Na noite anterior ocorrera um leve tremor sísmico, que ainda assim fora o mais intenso em toda a Nova Inglaterra por alguns anos; e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Depois de recolher-se, o escultor teve um sonho sem precedentes de enormes cidades ciclópicas erguidas com blocos titânicos e monolitos altaneiros, tudo vertendo uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Hieróglifos cobriam os muros e pilastras, e de algum lugar lá embaixo vinha uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que apenas a fantasia seria capaz de transmutar em som, mas que Wilcox tentou capturar no quase impronunciável amontoado de letras *"Cthulhu fhtagn"*.

Essa aberração verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. O mestre questionou o escultor com rigor científico; e estudou com atenção quase frenética o baixo-relevo em que o jovem trabalhara, passando frio e vestindo apenas um pijama, até que a vigília pegasse-o de surpresa. Mais tarde Wilcox afirmou que meu tio culpou a idade avançada por sua demora em reconhecer tanto os hieróglifos como o padrão pictórico. Muitos dos questionamentos pareciam um tanto descabidos ao visitante, em especial os que o presumiam membro de estranhos cultos e sociedades; Wilcox não conseguia entender as reiteradas promessas de silêncio que recebia em troca da admissão no seio de alguma seita mística ou pagã. Quando o professor Angell convenceu-se de que o escultor de fato ignorava os cultos e todo o sistema de sabedoria críptica, impôs um cerco ao visitante exigindo que no futuro fizesse relatórios de seus sonhos. O método rendeu bons frutos, pois após a primeira entrevista o manuscrito registra visitas diárias feitas pelo jovem Wilcox, durante as quais relatava fragmentos assombrosos de paisagens noturnas cujo tema era sempre um terrível panorama ciclópico de pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea gritando, cheia de monotonia, impactos sensoriais irreproduzíveis, salvo na forma de algaravia. Os dois sons repetidos com maior frequência eram aqueles representados pelas letras *"Cthulhu"* e *"R'lyeh"*.

No dia 23 de março, continuava o manuscrito, Wilcox não apareceu; e uma busca em seus aposentos revelou que fora acometido por uma febre obscura e levado à casa de sua família na Waterman Street. Naquela noite ele havia gritado, alarmando muitos outros artistas no prédio, e desde então passou a alternar entre a inconsciência e o delírio. Meu tio telefonou de imediato à família

Wilcox e, a partir de então, começou a acompanhar de perto o caso, fazendo telefonemas frequentes para o consultório da Thayer Street, onde trabalhava o dr. Tobey, responsável pelo doente. A mente febril do jovem, ao que tudo indicava, meditava sobre coisas estranhas; e de vez em quando o doutor estremecia ao relatá-las. Não se tratava apenas de repetições de antigos sonhos, mas também de coisas gigantes "com quilômetros de altura", que caminhavam ou arrastavam-se ao redor. Este ser não foi descrito por inteiro nenhuma vez, mas o desespero nas palavras ocasionais repetidas pelo dr. Tobey bastou para convencer o professor de que aquela era a monstruosidade inominável que Wilcox tentara representar na escultura enquanto sonhava. Qualquer referência a esse ser, acrescentou o doutor, servia de prelúdio a um novo episódio de letargia por parte do jovem. Sua temperatura não estava muito acima do normal, o que era um tanto singular; mas a condição geral do paciente era mais típica de febre do que de distúrbios mentais.

No dia dois de abril, às três horas da tarde, todos os sintomas da moléstia de Wilcox sumiram de repente. Ele se endireitou na cama, surpreso ao ver-se em casa e alheio a tudo o que havia acontecido em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois de receber alta do médico, voltou a seus aposentos no terceiro dia; porém não pôde mais ajudar o professor Angell. Todos os resquícios dos estranhos sonhos haviam desaparecido com a melhora, e meu tio parou de registrar os pensamentos noturnos de Wilcox após uma semana de relatos pífios e irrelevantes de visões absolutamente corriqueiras.

Neste ponto acabava a primeira parte do manuscrito, mas referências a certas anotações esparsas deram-me farto material para reflexão — tão farto, na verdade, que apenas o ceticismo inato da minha filosofia incipiente poderia explicar a desconfiança que eu nutria em relação ao artista. As anotações a que me refiro traziam descrições dos sonhos de várias pessoas durante o mesmo período em que o jovem Wilcox relatou suas estranhas visões. Parece que meu tio não tardou a começar uma investigação abrangente entre todos os amigos a quem poderia, sem parecer inoportuno, solicitar relatos diários de sonhos e as datas precisas de quaisquer visões notáveis surgidas por aquela época. As reações ao pedido parecem ter sido as mais diversas; mesmo assim, o professor Angell deve ter recebido mais respostas do que qualquer um seria capaz de arquivar sem a ajuda de um secretário. As correspondências originais não foram preservadas, mas as anotações do professor traziam resumos completos e esclarecedores. Pessoas envolvidas em assuntos sociais e negócios — o "sal da terra" da Nova Inglaterra — quase sempre davam resultados negativos, apesar de alguns relatos esparsos de impressões noturnas inquietantes, mas difusas, sempre entre 23 de março e dois de abril — o período que o jovem Wilcox passou delirando. Homens ligados à ciência também se mostraram pouco

suscetíveis, ainda que quatro descrições vagas sugiram relances de estranhas paisagens e um relato mencione o temor de alguma coisa sobrenatural.

Foi dos artistas e dos poetas que as respostas pertinentes surgiram, e sem dúvida o pânico ter-se-ia alastrado caso houvessem tido a chance de comparar suas anotações. Na falta das correspondências originais, suspeitei de que o compilador houvesse feito perguntas tendenciosas ou editado toda a correspondência de modo a confirmar o que, na época, estava determinado a ver. Assim continuei a acreditar que Wilcox, a par dos velhos dados coletados por meu tio, estivesse a aproveitar-se do cientista veterano. As respostas dos estetas contavam uma história bastante perturbadora. De 28 de fevereiro a dois de abril, a maioria deles havia sonhado as coisas mais bizarras, sendo que a intensidade dos sonhos teve um aumento descomunal durante o delírio do escultor. Mais de um quarto dos estetas relatava cenas e sons de algum modo semelhantes aos que Wilcox havia descrito; e alguns dos sonhadores manifestavam verdadeiro pavor da enorme coisa inominável surgida nos últimos episódios. Um dos casos, descrito com riqueza de detalhes nas anotações, foi bastante triste. A vítima, um arquiteto célebre com inclinações à teosofia e ao ocultismo, perdeu completamente a razão no dia em que Wilcox adoeceu e, por fim, sucumbiu depois de vários meses, gritando para que o salvassem de alguma hoste infernal. Se meu tio houvesse feito referências aos casos por meio de nomes em vez de números, eu teria buscado provas e começado uma investigação pessoal; mas, da forma como tudo aconteceu, só consegui rastrear uns poucos missivistas. Todos, no entanto, corroboravam a íntegra das anotações. Muitas vezes perguntei-me se todas os pessoas questionadas pelo professor sentiam-se tão desorientadas quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais os alcance.

Os recortes, conforme já expliquei, discutiam casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período. O professor Angell deve ter contratado algum serviço de recortes, pois a quantidade de notícias era imensa, e as fontes espalhavam-se por todos os cantos do mundo. Eis aqui um suicídio noturno em Londres, em que um homem adormecido atirou-se da janela após soltar um grito horripilante. Eis aqui, da mesma forma, uma carta divagante ao editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático anuncia o futuro horrendo que lhe foi revelado em uma visão. Uma notícia da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestidos de branco à espera de um "acontecimento glorioso" que não chega nunca, enquanto os recortes da Índia discutem com cautela as tensões entre os nativos do país durante o fim de março. Orgias vodu multiplicam-se pelo Haiti, e os postos avançados na África noticiam balbucios nefastos. Na mesma época, os oficiais americanos nas Filipinas relatam problemas com certas tribos, e os policiais de Nova York veem-se atacados por levantinos histéricos na noite de 22 de março. O oeste da Irlanda também sente a influência de rumores e lendas,

e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot expõe uma "Paisagem de Sonho" blasfema no salão de Paris durante a primavera de 1926. Os problemas noticiados nos asilos para loucos são tão numerosos que só um milagre pode ter impedido a classe médica de notar os estranhos paralelismos e tirar conclusões enigmáticas. No geral, um amontoado de recortes um tanto esquisitos; hoje mal posso conceber o racionalismo convicto com que os pus de lado. Mas na época eu estava convencido de que o jovem Wilcox conhecia os velhos assuntos mencionados pelo professor.

8.2 ii O relato do inspetor Legrasse

Os velhos assuntos que justificavam toda a importância dada ao sonho e ao baixo-relevo do escultor eram o tema abordado na segunda parte do longo manuscrito. Parece que em uma ocasião anterior o professor Angell tinha visto a silhueta infernal daquela monstruosidade inominável, indagado sobre a natureza dos hieróglifos desconhecidos e ouvido as sílabas nefastas que só se deixam reproduzir como *"Cthulhu"* como resposta; e tudo de forma tão perturbadora e horrível que não surpreende o fato de o acadêmico ter perseguido o jovem Wilcox com perguntas e pedidos de informação.

Essa primeira experiência ocorreu em 1908, dezessete anos atrás, durante o congresso anual da American Archaeological Society em St. Louis. O professor Angell, como convinha a alguém de seu renome, ocupou uma posição de destaque em todas as deliberações; e foi uma das primeiras pessoas a serem abordadas por vários estranhos que aproveitavam o evento para fazer perguntas e expor problemas aos especialistas.

O líder desses forasteiros, e logo o principal foco de atenção durante todo o congresso, era um homem de meia-idade, com aparência comum, que tinha viajado desde Nova Orleans em busca de algumas informações específicas que não se podiam obter em nenhuma fonte de pesquisa local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e ele trabalhava como inspetor de polícia. O homem trazia consigo o motivo da visita: uma grotesca e repulsiva estatueta em pedra, que aparentava ser muito antiga, e cuja origem ele não conseguia determinar. Não se deve supor que o inspetor Legrasse tivesse o mais remoto interesse por arqueologia. Pelo contrário; buscava esclarecimentos por razões puramente profissionais. A estatueta, ídolo, fetiche ou o que fosse fora encontrado alguns meses atrás nos pântanos ao sul de Nova Orleans durante uma operação policial em um suposto ritual vodu; e os rituais de adoração à imagem eram tão singulares e tão hediondos que os policiais acreditavam ter encontrado um culto nefasto até então desconhecido, infinitamente mais diabólico do que os mais obscuros círculos vodu de toda a África. Sobre a origem do culto, afora as histórias erráticas e absurdas contadas pelos membros capturados, não se descobriu nada; o que explicava a ânsia da polícia em ter acesso à sabedoria dos antiquários, que poderiam ajudá-los a compreender o tenebroso ícone e, assim, rastrear o culto até sua origem.

O inspetor Legrasse não estava preparado para a comoção que seu relato gerou. Bastou um relance do objeto para que os homens de ciência lá reunidos fossem tomados pela euforia e logo estivessem acotovelando-se ao redor do inspetor a fim de ver a diminuta figura cuja absoluta estranheza e cujos ares de antiguidade

abismal traziam fortes indícios de panoramas desconhecidos e arcaicos. Nenhuma escola conhecida de escultura havia animado aquele terrível objeto, mas o passar de séculos e talvez milênios parecia estar registrado na superfície opaca e esverdeada da pedra indefinível.

A imagem, que aos poucos foi passada de mão em mão a fim de propiciar um exame mais detido e minucioso por parte dos especialistas, tinha entre dezoito e vinte centímetros de altura e ostentava uma técnica artística notável. Representava um monstro de traços vagamente antropoides, mas com uma cabeça de polvo cujo rosto era um amontoado de tentáculos, um corpo escamoso, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras e longas asas estreitas nas costas. A coisa, que transpirava uma terrível malevolência sobrenatural, tinha um aspecto inchado e sentava-se em uma pose vil sobre um bloco ou pedestal retangular coberto por caracteres indecifráveis. A ponta das asas tocava a borda traseira do bloco e o corpo ocupava o centro, enquanto as longas garras curvas das pernas traseiras, que estavam dobradas, agarravam-se à borda frontal e estendiam-se para baixo em direção à base do pedestal. A cabeça do cefalópode projetava-se para a frente, de maneira que a ponta dos tentáculos faciais tocava o dorso das enormes garras dianteiras, que cingiam os joelhos da criatura sentada. O aspecto da figura era de um realismo anormal, tornado ainda mais temível porque nada se sabia a respeito de sua origem. Não havia dúvida quanto à antiguidade vasta, assombrosa e incalculável do artefato; no entanto, não se percebia elo algum com a arte do nascimento da civilização — nem com a de qualquer outra época. O próprio material era um mistério insondável; a rocha preto-esverdeada, com veios e listras dourados ou iridescentes, não se assemelhava a nada conhecido pela geologia ou pela mineralogia. Os caracteres em torno da base eram igualmente desorientadores; e, ainda que o evento reunisse a metade dos especialistas mundiais no assunto, nenhum participante foi capaz de sugerir qualquer afinidade linguística. Assim como o tema e o material, os hieróglifos pertenciam a alguma coisa terrivelmente remota e distinta da humanidade tal como a conhecemos; algo que sugeria antigos ciclos profanos da vida, em que o nosso mundo e os nossos conceitos não têm lugar.

Contudo, enquanto os participantes sacudiam a cabeça um após o outro e declaravam-se vencidos pelo desafio do inspetor, um homem percebeu um bizarro toque familiar na escultura e na escrita monstruosas e declarou, com certa hesitação, o pouco que sabia. Este homem era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Princeton University e notável explorador. Quarenta e oito anos antes, o professor Webb havia participado de uma excursão à Groenlândia e à Islândia em busca de inscrições rúnicas que não foram encontradas; e, nos picos do oeste da Groenlândia, descobriu uma tribo ou um culto singular de esquimós degenerados cuja religião, uma forma curiosa de

adoração ao demônio, enregelou-lhe os ossos com a sanguinolência e o horror deliberados. Era uma crença sobre a qual os outros esquimós pouco sabiam, mencionada sempre em meio a calafrios; diziam que se originara em éons pavorosamente remotos, quando o mundo sequer existia. Além de ritos indescritíveis e sacrifícios humanos, havia sinistros rituais hereditários que rendiam homenagem a um demônio supremo e ancestral, ou *tornasuk*; e o professor Webb fez uma transcrição fonética minuciosa ao ouvir a palavra de um velho *angekok*, ou feiticeiro-sacerdote, registrando os sons em alfabeto romano da maneira mais clara possível. Mas naquele instante o ponto central era o fetiche que este culto adorava, e ao redor do qual os esquimós dançavam quando a aurora surgia por entre as escarpas geladas. Tratava-se, afirmou o professor, de um baixo-relevo primitivo, em pedra, com uma figura execranda e inscrições crípticas. Segundo acreditava, em todas as características essenciais era um paralelo rústico do artefato bestial que naquele instante era discutido no congresso.

Essas informações, recebidas com suspense e espanto pela assembleia de especialistas, pareceram ainda mais instigantes ao inspetor Legrasse; e logo ele começou a pressionar o informante com outras perguntas. Tendo transcrito e copiado um rito de tradição oral praticado pelos adoradores que a polícia havia prendido nos pântanos, o inspetor solicitou ao acadêmico que tentasse relembrar as sílabas colhidas entre os esquimós diabolistas. Começou então uma minuciosa comparação de detalhes, e fez-se um instante do mais espantoso silêncio quando o detetive e o cientista concordaram na identidade da frase comum a dois rituais infernais situados em mundos tão diversos. O que tanto os feiticeiros esquimós quanto os sacerdotes do pântano de Louisiana cantavam a seus ídolos era algo como o que segue, sendo as divisões entre as palavras meras suposições baseadas nas pausas feitas durante a entoação das frases:

"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn."

Legrasse estava um passo adiante do professor Webb, pois muitos dos prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o significado que os adoradores mais velhos atribuíam a essas palavras. A tradução era algo como:

"Na casa em R'lyeh, Cthulhu, morto, aguarda sonhando."

Nesse instante, em resposta ao clamor e à impaciência gerais, o inspetor Legrasse relatou em detalhe sua experiência com os adoradores do pântano; e contou uma história à qual percebo que meu tio atribuiu grande importância. A narrativa tinha o sabor dos sonhos mais loucos dos mitômanos e teosofistas e revelava um grau impressionante de imaginação cósmica em meio aos mestiços

e párias que seriam os menos propensos a desenvolvê-la.

No dia primeiro de novembro de 1907, a polícia de Nova Orleans recebeu um chamado urgente para comparecer aos pântanos e lagoas no Sul. Os posseiros que lá habitavam, em sua maioria descendentes primitivos mas bondosos dos homens de Lafitte, estavam desesperados por conta de uma coisa desconhecida que havia surgido à noite. Era algum tipo de magia vodu, porém o vodu mais terrível que jamais haviam visto; e algumas das mulheres e crianças estavam desaparecidas desde que os tamborins haviam começado o incessante ruflar malévolo em meio aos longínquos bosques escuros e assombrados aonde nenhum morador se aventurava. Havia gritos ensandecidos e berros aterrorizantes, cânticos de enregelar a alma e demoníacas chamas dançantes; e, segundo o relato do mensageiro desesperado, os habitantes não aguentavam mais.

Então um destacamento de vinte policiais, em duas carruagens e uma viatura, dirigiu-se até o local, tendo por guia o trêmulo posseiro. O grupo parou no final da estrada e, a pé, avançou chapinhando em meio ao silêncio dos terríveis bosques de cipreste onde o sol jamais resplandecia. Raízes abomináveis e forcas malévolas de barba-de-pau assediavam os homens por todos os lados e, de quando em quando, um amontoado de pedras úmidas ou o fragmento de um muro pútrido, ao sugerir uma habitação mórbida, intensificava a atmosfera depressiva que cada árvore disforme e cada ilhota infestada de fungos ajudava a criar. Por fim o vilarejo dos posseiros, um lamentável amontoado de casebres, descortinou-se logo adiante; e os habitantes histéricos vieram correndo amontoar-se em volta do grupo de lanternas errantes. O ruflar abafado dos tamborins podia ser ouvido ao longe, muito ao longe; e um grito apavorante ressoava a intervalos irregulares, sempre que o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia filtrar através da pálida vegetação rasteira para além dos intermináveis caminhos da noite na floresta. Relutantes em ficar sozinhos, os posseiros recusaram-se terminantemente a dar mais um passo sequer em direção ao local do culto profano, e assim o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas avançaram sem ter quem os guiasse rumo às arcadas de horror que nenhum deles jamais havia cruzado.

A região explorada pela polícia tinha fama de ser amaldiçoada, e era em boa parte desconhecida e inexplorada pelos brancos. Havia lendas a respeito de um lago secreto jamais visto por olhos mortais, onde habita uma coisa branca, informe, cheia de pólipos e com olhos luminosos; e em voz baixa os posseiros contavam histórias sobre demônios com asas de morcego que, à meia-noite, saíam de cavernas subterrâneas para adorá-lo. Diziam que já estava lá antes de d'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e até mesmo antes das bestas enérgicas e dos pássaros do bosque. Era um pesadelo encarnado, e vê-lo era

morrer. Mas o monstro fazia os homens sonharem, então eles mantinham-se afastados. A orgia vodu era celebrada, de fato, na periferia daquela área execranda, mas ainda assim o local era ruim o bastante; talvez o próprio lugar do culto houvesse assustado os posseiros mais do que os terríveis sons e incidentes.

Só a poesia ou a loucura poderiam fazer justiça aos clamores ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto abriam caminho através do negro lodaçal em direção ao fulgor rubro e ao som dos tamborins. Existem certas qualidades vocais particulares ao homens, e outras particulares às bestas; e é terrível escutar uma sair da garganta da outra. A fúria animal e a libertinagem orgíaca incitavam paroxismos demoníacos por meio de gritos e êxtases ruidosos que explodiam e reverberavam pelos bosques noturnos como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando os uivos discordantes cessavam e, do que parecia ser um coro bem-treinado de vozes ríspidas, erguia-se em um cântico aquela terrível frase ou feitiço: *"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn."*

Foi quando os homens, depois de chegar a um ponto onde o bosque era menos denso, conseguiram divisar o espetáculo. Quatro deles sentiram vertigens, um desmaiou e dois foram acometidos por gritos frenéticos, que a cacofonia delirante da orgia por sorte abafou. Legrasse jogou água do pântano no rosto do policial desmaiado, e todos começaram a tremer, quase hipnotizados por aquele horror.

Uma clareira natural do pântano abrigava uma ilha coberta de grama, com talvez um acre de extensão, sem nenhuma árvore e razoavelmente seca. Lá saltava e contorcia-se uma horda indescritível de aberrações humanas que apenas um Sime ou um Angarola seriam capazes de pintar. Despidos, aqueles seres híbridos zurravam, mugiam e convulsionavam-se ao redor de uma colossal fogueira circular, em cujo centro, visível por entre as frestas ocasionais que abriam-se na cortina de fogo, erguia-se um enorme monolito granítico com dois metros e meio de altura; e no topo deste, em sua contrastante estatura diminuta, repousava o odioso ídolo entalhado em pedra. De um amplo círculo composto por dez patíbulos montados a intervalos regulares ao redor do monolito envolto em fogo pendiam, de cabeça para baixo, os corpos terrivelmente mutilados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era no interior do círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, movendo-se da direita para a esquerda em bacanais intermináveis entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas a imaginação ou apenas um eco o que levou um dos homens, um espanhol de sangue quente, a imaginar que ouvia respostas antifônicas ao ritual vindas de algum ponto longínquo e escuro nas profundezas

daquele bosque de lenda e horror ancestrais. O homem, Joseph D. Galvez, eu mais tarde encontrei e questionei; e ele mostrou ter a imaginação um tanto fértil. Chegou até mesmo a insinuar o leve bater de enormes asas, um relance de olhos brilhantes e um descomunal volume branco além das árvores mais remotas — mas desconfio que estivesse muito impressionado pelas superstições locais.

De fato, a pausa horrorizada feita pelos homens durou pouco tempo. O dever vinha em primeiro lugar; e ainda que houvesse quase cem mestiços naquela multidão, os policiais recorreram às armas de fogo e arrojaram-se cheios de determinação em meio ao caos nauseante. Durante os cinco minutos seguintes o alarde e a confusão foram indescritíveis. Golpes foram desferidos, tiros foram disparados e fugas foram efetuadas; mas no fim Legrasse pôde contar quarenta e sete prisioneiros carrancudos, que foram obrigados a vestir-se de imediato e a fazer uma fila entre duas outras de policiais. Cinco dos celebrantes jaziam mortos, e dois feridos graves foram removidos em macas improvisadas por seus colegas de crime. A imagem do monolito, é claro, foi removida e transportada com todo o cuidado por Legrasse.

Examinados na delegacia após uma viagem muito tensa e cansativa, todos os prisioneiros revelaram-se homens vis, mestiços e mentalmente perturbados. Muitos eram marinheiros, e alguns negros e mulatos, na maior parte caribenhos ou portugueses de Brava, no Cabo Verde, davam a cor do vodu ao culto heterogêneo. Mas logo após as primeiras perguntas ficou evidente que a descoberta envolvia algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro. Degradados e ignorantes como eram, aquelas criaturas atinham-se com surpreendente obstinação à ideia central de sua odiosa fé.

Disseram ser adoradores dos Grandes Anciões que viveram eras antes do primeiro homem nascer e chegaram a um mundo ainda jovem vindos do céu. Os Anciões já haviam sucumbido, no interior da Terra e no fundo do mar; mas seus corpos mortos haviam revelado segredos nos sonhos dos primeiros homens, que iniciaram um culto imortal. Este era o culto que seguiam, e os prisioneiros afirmaram que sempre havia existido e sempre iria existir, escondido em longínquas regiões inóspitas e em lugares sombrios por todo o mundo, até que o alto sacerdote Cthulhu, de sua casa sinistra na grandiosa cidade submersa de R'lyeh, caminhasse mais uma vez sobre a Terra e voltasse a impor seu jugo. Um dia Cthulhu lançaria seu chamado, quando as estrelas estivessem alinhadas; e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

Até lá não se deveria dizer mais nada. Havia um segredo que não se obtinha nem mediante tortura. A humanidade não estava sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os fiéis. Mas estes não eram

os Grandes Anciões. Ninguém jamais vira os Anciões. O ídolo entalhado em pedra era o grande Cthulhu, mas ninguém saberia dizer se os outros eram parecidos com ele. Ninguém mais sabia ler a antiga escrita, porém a sabedoria conservava-se na tradição oral. Os cânticos rituais não eram o segredo — este não era dito jamais em voz alta, apenas em sussurros. O cântico significava apenas: "Na casa em R'lyeh, Cthulhu, morto, aguarda sonhando".

Apenas dois prisioneiros mostraram-se sãos o bastante para merecerem a forca, enquanto os outros ficaram aos cuidados de várias instituições. Todos negaram participação nos assassinatos rituais e alegaram que as mortes eram obra de Alados Negros que haviam deixado sua assembleia imemorial no bosque assombrado. No entanto, jamais se obteve um depoimento coerente sobre estes misteriosos aliados. O que a polícia conseguiu descobrir veio em grande parte de um *mestizo* muito velho chamado Castro, que disse ter navegado a estranhos portos e conversado com os líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro citou fragmentos de antigas lendas que deitavam por terra as especulações dos teosofistas e faziam o homem e o mundo parecerem coisas muitíssimo recentes e efêmeras. Houve éons em que outras Coisas reinaram sobre a Terra, e Elas construíram cidades esplendorosas. Suas ruínas, teria dito o chinês imortal, ainda podiam ser vistas como pedras ciclópicas nas ilhas do Pacífico. Todas essas Coisas morreram em épocas ancestrais, muito antes do primeiro homem nascer, mas havia uma arte capaz de trazê-Las de volta quando as estrelas voltassem a se alinhar no ciclo da eternidade. De fato, Elas próprias tinham vindo das estrelas e trazido Suas imagens Consigo.

Os Anciões, prosseguiu Castro, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma — não era o que provava aquela imagem em forma de estrela? —, mas essa forma não era constituída de matéria. Quando as estrelas estavam alinhadas, Eles podiam viajar ao mundo através dos céus; mas quando as estrelas estavam desalinhadas, Eles não conseguiam viver. Mas, ainda que não vivessem, Eles não morreriam jamais. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados graças aos feitiços do poderoso Cthulhu enquanto esperavam o dia da ressurreição gloriosa quando as estrelas e a Terra mais uma vez estivessem prontas. Mas ao mesmo tempo alguma força externa deveria ajudá-Los a libertar Seus corpos. Os feitiços que Os preservavam ao mesmo tempo impediam-Nos de fazer o gesto inicial, e Eles só conseguiam ficar acordados no escuro e pensar enquanto incontáveis milhões de anos passavam. Sabiam de tudo o que acontecia no universo, pois a língua Deles era o pensamento telepático. Naquele exato instante Eles estavam falando em Seus túmulos. Quando, passadas eras infinitas, surgiram os primeiros homens, os Grandes Anciões falaram com os mais sensatos dentre eles através de sonhos; pois só assim a Sua língua poderia

alcançar o mundo carnal dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, os primeiros homens formaram o culto aos pequenos ídolos que os Grandes Anciões haviam lhes mostrado; ídolos trazidos em épocas imemoriais das estrelas sombrias. O culto não morreria enquanto as estrelas não se alinhassem uma vez mais, e os sacerdotes retirariam o grande Cthulhu de Seu túmulo para restituí-Lo a Seus súditos e dar continuidade a Seu legado sobre a Terra. Seria fácil identificar o momento oportuno, pois então a humanidade estaria como os Grandes Anciões; livre e descontrolada e além do bem e do mal, com todas as leis e tábuas deixadas de lado e todos os homens gritando e matando e rejubilando-se em êxtase. Então os Anciões libertos haveriam de ensinar novas formas de gritar e matar e rejubilar-se em êxtase, e toda a Terra explodiria em um holocausto de arrebatamento e liberdade. Até lá, por meio dos ritos apropriados, o culto deveria manter viva a memória desses costumes antigos e profetizar o retorno dos Grandes Anciões.

Em tempos passados, os escolhidos falavam com os Anciões sepultados através de sonhos, mas então algo aconteceu. R'lyeh, a grande cidade de pedra com monolitos e sepulcros, foi engolida pelas ondas; e as águas profundas, repletas do mistério primevo que nem mesmo o pensamento consegue atravessar, cortaram toda a comunicação espectral. Mas a lembrança não morreu, e os altos sacerdotes diziam que a cidade ressurgiria quando as estrelas estivessem alinhadas. Então os espíritos negros surgiram da terra, bolorentos e ensombrecidos, e com rumores abafados juntaram-se em cavernas ignotas no fundo do mar. Mas a esse respeito Castro falou pouco — o homem interrompeu-se de repente e não houve persuasão ou artimanha que o fizesse dizer mais uma palavra sobre o assunto. Também se recusou a comentar o *tamanho* dos Anciões. Em relação à sede do culto, disse acreditar que ficasse no insondável deserto da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intocada. O culto não tinha relação alguma com a bruxaria europeia e era praticamente desconhecido para além de seus membros. Não era mencionado em livro algum, ainda que o chinês imortal houvesse afirmado que havia passagens alegóricas no *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred que os iniciados podiam ler como quisessem, em especial o controverso dístico:

Não está morto o que eterno jaz,
No tempo a morte é de morrer capaz.

Legrasse, muito impressionado e não menos perplexo, havia feito várias perguntas infrutíferas sobre as afiliações históricas do culto. Ao que tudo indicava, Castro dissera a verdade ao afirmar que a seita era absolutamente secreta. Os especialistas da Tulane University não conseguiram esclarecer nada

a respeito do culto ou da imagem, e assim o detetive saiu à procura dos maiores especialistas do país e deparou-se com nada menos do que a história do professor Webb sobre a expedição à Groenlândia.

O vivo interesse que o relato de Legrasse despertou durante o encontro, corroborado pela estatueta, subsistiu nas correspondências trocadas mais tarde entre os presentes, embora as menções nos periódicos oficiais da sociedade sejam esparsas. A desconfiança é a primeira reação de quem está acostumado à charlatanice e à impostura. Por um tempo, Legrasse emprestou a imagem ao professor Webb, mas quando este faleceu a estátua foi devolvida ao detetive e permanece até hoje em seu poder, como a vi um tempo atrás. É um artefato terrível que sem dúvida tem afinidades com a escultura do jovem Wilcox.

Não me surpreendeu a empolgação com que meu tio recebeu a história do escultor; afinal, para quem já conhecia o relato de Legrasse sobre o culto, que fantasias não devem ter se excitado com a história de um jovem sensitivo que havia *sonhado* não só com a figura e com hieróglifos idênticos àqueles presentes na imagem do pântano e na tábua demoníaca da Groenlândia, mas que *nos sonhos* havia escutado pelo menos três das valiosas palavras entoadas pelos diabolistas esquimós e pelos mestiços de Louisiana? A prontidão com que o professor Angell empenhou-se em uma investigação minuciosa foi absolutamente natural; ainda que, de minha parte, eu suspeitasse de que o jovem Wilcox tivesse obtido informações sobre o culto de maneira indireta e também inventado uma série de sonhos para aumentar e fazer perdurar o mistério às custas de meu tio. Claro, os relatos dos sonhos e os recortes coligidos pelo professor eram fortes evidências; mas a minha natureza racional e a extravagância do tema levaram-me a tirar as conclusões que eu julgava mais sensatas. Assim, depois de estudar a fundo o manuscrito e de relacionar as anotações teosóficas e antropológicas à narrativa de Legrasse sobre o culto, viajei a Providence para encontrar o escultor e fazer-lhe as censuras que eu considerava justas por ter se aproveitado com tamanha desfaçatez de um homem culto e idoso.

Wilcox ainda morava no prédio Fleur-de-Lys na Thomas Street, uma pavorosa imitação vitoriana da arquitetura bretã do século XVII que ostenta sua fachada de estuque em meio às adoráveis casas coloniais na montanha, e à sombra do mais perfeito coruchéu georgiano nos Estados Unidos encontrei-o em um de seus aposentos e, de imediato, deduzi a partir dos objetos espalhados no recinto que o gênio do homem era de fato profundo e autêntico. Acredito que um dia ele venha a ser considerado um dos grandes decadentistas; pois cristalizou no barro e um dia ainda há de espelhar no mármore os pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa e que Clark Ashton Smith materializa em versos e

pinturas.

Com um aspecto sombrio, frágil e algo desleixado, Wilcox virou-se em minha direção ao ouvir a batida e perguntou o que eu desejava sem levantar-se. Quando identifiquei-me, o escultor demonstrou algum interesse; pois meu tio havia despertado sua curiosidade ao sondar-lhe os sonhos, porém sem nunca explicar o objetivo do estudo. Não lhe ofereci mais informações a esse respeito, mas usei alguns ardis para ganhar sua confiança. Logo me convenci da absoluta sinceridade do jovem, pois ele falava de seus sonhos com inelutável convicção. Os sonhos e seus resíduos inconscientes tiveram uma profunda influência em sua arte, e Wilcox mostrou-me uma estátua mórbida cuja silhueta fez-me estremecer com a impressão macabra que produzia. Ele não lembrava de ter visto o original dessa criatura em nenhum outro lugar que não o seu próprio baixo-relevo, mas a silhueta havia se formado de maneira imperceptível sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante que ele havia mencionado no delírio. Logo ficou claro que, em relação ao culto secreto, Wilcox não sabia nada além do que o catequismo incansável de meu tio permitiria supor; e mais uma vez renovei meus esforços em imaginar de onde ele poderia ter recebido aquelas impressões singulares.

O artista relatava seus sonhos em um tom de estranho lirismo; fez-me ver com terrível clareza a gotejante Cidade Ciclópica de pedras verdes e musgosas — cuja *geometria*, disse ele com uma nota estranha na voz, era *toda errada* — e ouvir em trêmula expectativa o chamado, em parte mental, que emergia das profundezas: *"Cthulhu fhtagn"*, *"Cthulhu fhtagn"*. Essas palavras eram parte do terrível ritual que narrava a vigília em sonho empreendida por Cthulhu, morto no túmulo de pedra em R'lyeh; apesar de minhas crenças racionais, fiquei muito abalado. Eu achava que Wilcox teria ouvido algum comentário vago acerca do ritual, logo esquecido em meio ao caos de suas leituras e fantasias igualmente estranhas. Mais tarde, em virtude de seu caráter impressionante, o ritual ter-se-ia expressado de maneira inconsciente em sonhos, no baixo-relevo e na temível estátua que naquele instante eu tinha diante dos meus olhos; de modo que a impostura do artista para com meu tio fora algo um tanto inocente. O jovem era o tipo de pessoa a um só tempo afetada e algo insolente que eu jamais consegui apreciar, mas a estas alturas eu já era capaz de admitir o gênio e a honestidade dele. Despedimo-nos em termos cordiais, e desejei-lhe todo o sucesso que seu talento promete.

O culto continuou a exercer um poderoso fascínio sobre mim, e às vezes eu me imaginava famoso por ter pesquisado sua origem e suas relações. Fiz uma visita a Nova Orleans, conversei com Legrasse e os outros integrantes do grupo de busca, vi a terrível imagem e pude até mesmo interrogar os prisioneiros mestiços

sobreviventes. O velho Castro, infelizmente, havia falecido alguns anos atrás. Os vívidos relatos que escutei em primeira mão, ainda que não passassem de confirmações mais detalhadas dos apontamentos feitos por meu tio, voltaram a despertar meu interesse; pois eu tinha certeza de estar na pista de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta haveria de tornar-me um antropólogo notável. Minha atitude foi de absoluto materialismo, *como eu gostaria que ainda fosse*, e descartei com uma teimosia quase inexplicável a coincidência entre os relatos de sonhos e os singulares recortes coligidos pelo professor Angell.

Comecei a suspeitar, e agora temo *saber*, que a morte de meu tio não foi nada natural — ele caiu na estreita ruela que vai da zona portuária infestada de estrangeiros mestiços até o alto do morro depois de ser empurrado por um marinheiro negro. Eu não havia esquecido o sangue misturado e as ligações marítimas entre os adoradores de Louisiana, e não me surpreenderia ao descobrir métodos e ritos e crenças secretas. É verdade que Legrasse e seus homens foram deixados em paz; mas na Noruega um marujo que viu certas coisas morreu. Será que as buscas de meu tio, enriquecidas com a descoberta do escultor, haviam chegado a ouvidos sinistros? Creio que o professor Angell morreu por saber demais, ou por estar na iminência de saber demais. Resta saber se vou ter o mesmo fim, pois agora eu também sei muito.

8.3 iii A loucura que veio do mar

Se o céu algum dia quiser conceder-me uma bênção, esta será o esquecimento absoluto do acaso que dirigiu meu olhar a um pedaço de papel usado para forrar uma estante. Não era nada que eu fosse perceber durante a minha rotina normal, pois tratava-se de um velho exemplar do periódico australiano *Sydney Bulletin* de 18 de abril de 1925.

O material havia escapado até mesmo à empresa de recortes que, na época da impressão, buscava material para a pesquisa de meu tio.

Para todos os efeitos eu havia abandonado minhas buscas relativas ao que o professor Angell chamava de "Culto a Cthulhu" e estava visitando um amigo em Paterson, Nova Jersey, que era o curador do museu local e um mineralogista de renome. Certo dia, ao examinar os espécimes armazenados em uma sala nos fundos do museu, chamou-me a atenção a estranha figura estampada em um dos velhos jornais sob as pedras. Era o *Sidney Bulletin* que mencionei, pois meu amigo tinha contatos com todos os países estrangeiros imagináveis; e a gravura mostrava uma odiosa imagem de pedra quase idêntica à que Legrasse havia encontrado no pântano.

Depois de remover o precioso conteúdo das estantes, examinei atentamente a ilustração; e fiquei desapontado com seu pequeno tamanho. A sugestão que trazia, no entanto, era de vital importância para a minha busca negligenciada; e, com todo o cuidado, arranquei-a do jornal para tomar providências imediatas. O texto dizia:

ENCONTRADO MISTERIOSO NAVIO À DERIVA

O Vigilant *atracou com um iate armado de bandeira neozelandesa a reboque.*

Um sobrevivente e uma vítima foram encontrados a bordo Relato de uma batalha desesperada e de mortes em alto-mar.

O marujo resgatado recusa-se a falar sobre o estranho acontecimento. Um estranho ídolo foi encontrado em sua posse. O caso será investigado.
O cargueiro *Vigilant*, da Morrison Co., ao retornar de Valparaíso, atracou essa manhã no cais de Darling Harbour, trazendo a reboque o iate armado *Alert*, de Dunedin, N.Z., avistado com avarias no dia 12 de abril na latitude Sul 34°21', longitude Oeste 152°17' com um sobrevivente e uma vítima fatal a bordo.

O *Vigilant* deixou Valparaíso em 25 de março e, no dia dois de abril, teve a rota desviada em direção ao Sul por conta de fortes tormentas e ondas gigantes. No dia 12 de abril o navio à deriva foi avistado; e, ainda que à primeira vista

parecesse deserto, na verdade trazia um sobrevivente acometido por delírios e um outro homem que sem dúvida estava morto havia mais de uma semana. O sobrevivente estava agarrado a uma terrível escultura em pedra, de origem desconhecida e com cerca de trinta centímetros de altura, que deixou perplexos os especialistas da Sidney University, da Royal Society e do museu na College Street; o sobrevivente afirma tê-la encontrado na cabine do iate em uma pequena caixa lavrada.

Depois de voltar a si, o homem contou uma estranha história de pirataria e morticínio. Seu nome é Gustaf Johansen, um norueguês inteligente que fora segundo imediato da escuna de dois mastros *Emma*, de Auckland, que zarpou de Calao no dia 20 de fevereiro com uma tripulação de onze homens. O *Emma*, segundo o norueguês, sofreu um atraso e foi arrastado muito ao Sul da rota original durante a tempestade em primeiro de março, e, no dia 22 de março, na latitude Sul 49°51', longitude Oeste 128°34', encontrou o *Alert*, tripulado por canacas de aspecto vil e outros mestiços. O capitão Collins recusou-se a acatar ordens expressas para recuar; foi quando, sem aviso prévio, a estranha tripulação abriu fogo contra a escuna, usando uma pesada bateria de canhões que integrava o equipamento do iate. Os homens do *Emma* deram combate, afirma o sobrevivente, e, mesmo com a embarcação a pique em decorrência de tiros recebidos abaixo da linha-d'água, conseguiram aproximar-se do navio inimigo e abordá-lo, lutando contra a tripulação selvagem no convés do iate e vendo-se obrigados a matá-los todos, por estarem os inimigos em vantagem numérica e também em decorrência da maneira odiosa e desesperada, embora canhestra, como lutavam.

Três tripulantes do *Emma*, entre eles o capitão Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; e os oito homens restantes, comandados pelo segundo imediato Johansen, puseram-se a navegar o iate capturado, seguindo a rota original para descobrir o que teria motivado as ordens para voltar atrás. No dia seguinte a tripulação aportou em uma pequena ilha, ainda que não se conheça nenhum acidente geográfico do tipo naquela parte do oceano; e seis homens morreram em terra, ainda que Johansen seja um tanto reticente no que tange a essa parte da história e limite-se a dizer que todos caíram num precipício rochoso. Ao que parece, mais tarde ele e o companheiro restante tripularam o iate e tentaram navegá-lo, mas foram derrotados pela tormenta do dia dois de abril. O homem não recorda quase nada do que se passou entre essa data e o dia 12, quando foi salvo, tendo esquecido até mesmo o dia em que William Briden, seu último companheiro, veio a falecer. Não há nenhuma causa aparente para a morte de Briden, provavelmente motivada por uma crise nervosa ou por uma insolação. Telegramas de Dunedin indicam que o *Alert* era bem conhecido como navio mercante e que tinha má fama em toda a zona portuária. A embarcação

pertencia a um curioso grupo de mestiços, cujos frequentes encontros e incursões noturnas aos bosques despertavam muitas suspeitas; e havia zarpado com grande pressa logo depois da tempestade e dos tremores de terra em primeiro de março. Nosso correspondente em Auckland atribui ao *Emma* e a seus homens uma excelente reputação, e Johansen é descrito como um homem equilibrado e valoroso. Amanhã o almirantado abrirá um inquérito para investigar o caso, e espera-se que Johansen forneça mais detalhes do que revelou até o presente momento.

Além da imagem infernal que a acompanhava, esta era a íntegra da notícia; mas que turbilhão de ideias provocou em minha fantasia! Ali estava um verdadeiro tesouro de informações acerca do Culto a Cthulhu, com indícios de que seus estranhos interesses manifestavam-se não apenas em terra, mas também no mar. Que motivo teria levado a tripulação mestiça a ordenar o retorno do *Emma* enquanto navegavam com o ídolo pavoroso? Qual seria a misteriosa ilha onde seis homens do *Emma* pereceram e sobre a qual o segundo imediato Johansen preferiu guardar silêncio? O que a investigação do vice-almirantado teria descoberto, e o que se sabia a respeito do culto maléfico em Dunedin? E, acima de tudo, que profunda e terrível relação entre as datas seria essa, que conferia uma relevância maligna e incontestável aos vários acontecimentos registrados com tanto desvelo pelo meu tio?

O dia primeiro de março — nosso 28 de fevereiro, segundo a Linha Internacional de Data — trouxe o sismo e a tempestade. Em Dunedin, o *Alert* zarpou apressado com sua ruidosa tripulação, como se atendesse a um chamado urgente, e no outro lado da Terra poetas e artistas sonharam com uma estranha e úmida cidade ciclópica enquanto um jovem escultor, em um acesso de sonambulismo, moldou as formas do temível Cthulhu. Em 23 de março a tripulação do *Emma* desembarcou em uma ilha desconhecida onde seis homens pereceram; e nessa noite os sonhos de um homem sensível adquiriram uma vividez ainda maior e obscureceram-se com o terror inspirado por um monstro gigante, enquanto um arquiteto enlouqueceu e um escultor de repente sucumbiu ao delírio! E o que dizer da tempestade em dois de abril — a data em que todos os sonhos relativos à cidade úmida cessaram e Wilcox libertou-se dos grilhões de sua estranha febre? O que dizer de tudo isso — das insinuações do velho Castro sobre os Anciões, vindos das estrelas e enterrados no mar, e de seu reinado futuro? O que dizer de seus fiéis adoradores e do *poder que exercem sobre os sonhos*? Será que eu estava prestes a descobrir horrores cósmicos além da compreensão humana? Em caso afirmativo, tais horrores deveriam ser apenas quimeras, pois de alguma forma o dia dois de abril havia posto um fim à ameaça monstruosa que preparava um cerco às almas de toda a humanidade.

Naquela noite, depois de mandar alguns telegramas às pressas e de fazer alguns planos, despedi-me do meu anfitrião e tomei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin; onde, no entanto, descobri que pouco se sabia em relação aos adeptos do culto que haviam ficado pelas antigas tavernas portuárias. A escória do porto era demasiado ordinária para merecer atenção; mesmo assim, ouviam-se menções a uma viagem empreendida pelos mestiços, durante a qual o som abafado de tambores e uma chama rubra foram percebidos nas montanhas mais distantes. Em Auckland descobri que Johansen, outrora loiro, havia voltado com os cabelos *completamente brancos* de um interrogatório rotineiro e inconclusivo em Sydney, depois do que vendeu sua cabana na West Street e tomou um navio com a esposa a fim de voltar à sua velha casa em Oslo. Aos amigos, não dizia nada além do que revelara aos oficiais do almirantado sobre a sua impressionante vivência no mar, e tudo o que pude conseguir deles foi o endereço do segundo imediato em Oslo.

A seguir viajei a Sydney e tive conversas improdutivas com marujos e membros do tribunal do vice-almirantado. Vi o *Alert*, que foi vendido para uso comercial, no Circular Quay em Sydney Cove, mas não descobri mais nada ao contemplar aquele vulto indefinido. A imagem sentada, com cabeça de cefalópode, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal hieroglífico estava preservada no museu do Hyde Park; e depois de um exame aprofundado e minucioso, considerei-a um exemplar sinistro de grande habilidade artística, que mantinha o mistério absoluto, a antiguidade inefável e a estranheza sobrenatural que eu já notara no pequeno exemplar de Legrasse. Para os geólogos, a peça era um enigma monstruoso, disse-me o curador; pois asseguraram-me que não havia, em lugar algum do mundo, outra rocha como aquela. Então lembrei com um calafrio do que o velho Castro havia dito a Legrasse sobre os Grandes Anciões: "Eles vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens Consigo."

Abalado por esta revolução mental sem precedentes, decidi visitar o segundo imediato Johansen em Oslo. Ao chegar em Londres, reembarquei sem demora rumo à capital norueguesa; e aportei em um dia de outono nos charmosos cais à sombra da Egeberg. Logo descobri que o endereço de Johansen ficava na antiga cidade do rei Harald Hardråde, que manteve vivo o nome de Oslo durante os séculos em que a cidade maior passou disfarçada de "Christiania". Fiz o breve percurso de táxi e, com o coração aos sobressaltos, bati na porta de uma construção antiga com a fachada em estuque. Uma senhora de preto com olhar triste abriu a porta, e fui tomado pela decepção quando, num inglês hesitante, ela me explicou que Gustaf Johansen havia falecido.

Disse que o marido morrera logo após voltar à Noruega, pois os acontecimentos no mar em 1925 haviam acabado com sua fibra. Johansen não lhe havia dito

nada além do que revelara ao público, mas deixara um longo manuscrito — nas palavras dele, relativo a "questões técnicas" — escrito em inglês, sem dúvida para salvaguardar a esposa de uma leitura casual. Durante uma caminhada por uma ruela estreita nas docas de Gotemburgo, um fardo de papéis jogado de uma trapeira atingiu o segundo imediato. Dois marinheiros lascares prontamente ajudaram-no a se levantar, mas o homem morreu antes que o socorro chegasse. Os médicos não encontraram nenhuma causa plausível para o óbito, e atribuíram-no a problemas cardíacos e a uma constituição frágil.

Neste ponto eu senti em minhas entranhas o terror negro que só me deixará no dia em que eu também descansar; seja por "acidente" ou de outra forma. Após convencer a viúva de que meu interesse nas "questões técnicas" de seu marido era suficiente para assegurar-me a posse do manuscrito, levei o documento embora e comecei a lê-lo no barco de volta a Londres. Era um relato simples e divagante — uma tentativa de diário *post factum* por um marinheiro humilde — que buscava relembrar, dia após dia, os terrores daquela última viagem fatídica. Não ensejarei uma transcrição integral das inúmeras obscuridades e redundâncias do diário, mas faço aqui um resumo dos pontos centrais que bastará para demonstrar por que o som da água batendo no costado do navio pareceu-me tão insuportável que precisei tapar os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo depois de ver a cidade e a Coisa, mais eu jamais dormirei tranquilo outra vez ao pensar nos horrores constantes que nos espreitam por trás da vida, no espaço e no tempo, e nas blasfêmias profanas das estrelas ancestrais que sonham no fundo do mar, conhecidas e adoradas por um culto infernal ávido por lançá-las sobre a Terra assim que um outro sismo trouxer a monstruosa cidade de pedra mais uma vez à superfície e à luz do sol.

A viagem de Johansen começara tal como em seu testemunho ao vice-almirantado. O *Emma*, carregado com lastro, zarpou de Auckland no dia 20 de fevereiro e sentiu toda a força da tempestade provocada pelo terremoto, que deve ter arrancado do fundo do mar os horrores que infestaram os sonhos dos homens. Mais uma vez sob controle, o navio avançava em condições normais quando foi confrontado pelo *Alert* em 22 de março; e senti o pesar do imediato ao descrever o bombardeio e o posterior naufrágio da embarcação. Os satanistas de tez escura a bordo do *Alert* são descritos com um sentimento de profunda aversão. Havia algo de abominável naqueles homens, que fez com que sua aniquilação parecesse quase um dever, e Johansen demonstra legítima surpresa com a acusação de crueldade feita contra sua tripulação durante o inquérito judicial. Em seguida, movidos pela curiosidade no iate recém-capturado sob o comando de Johansen, a tripulação avistou um enorme pilar rochoso que se

erguia do oceano e, na latitude Sul 47°9', longitude Oeste 126°43', encontrou um litoral composto por uma mistura de barro, gosma e pedras ciclópicas recobertas por algas que não poderiam ser nada menos do que a substância palpável que compunha o terror supremo da Terra — o cadáver da apavorante cidade de R'lyeh, construída incontáveis éons antes da história por formas vastas e odiosas vindas de estrelas sombrias. Lá estavam o grande Cthulhu e suas hordas, ocultos sob as catacumbas viscosas e enfim transmitindo, depois de eras incalculáveis, os pensamentos que semeavam o medo nos sonhos dos homens sensíveis e os clamores imperiosos que incitavam os fiéis a partir em uma jornada de libertação e restauração. Johansen não suspeitava de tudo isso, mas Deus sabe que ele viu o suficiente!

Acredito que um único cume montanhoso — a horrenda cidadela encimada pelo monolito, onde o grande Cthulhu estava enterrado — tenha surgido das águas. Quando penso nas *dimensões* de tudo o que pode estar acontecendo nas profundezas, quase tenho vontade de suicidar-me no mesmo instante. Johansen e seus homens ficaram estarrecidos com a opulência visual da Babilônia gotejante onde os antigos demônios habitavam e, mesmo sem nenhum conhecimento prévio, devem ter intuído que aquilo não poderia ser nada normal ou terreno. O pavor ante os colossais blocos de pedra esverdeada, a altura vertiginosa do enorme monolito entalhado e a semelhança assombrosa das estátuas e baixos-relevos colossais que representavam a mesma imagem singular descoberta no *Alert* ficam patentes em todas as descrições do pobre imediato.

Sem saber o que era o futurismo, Johansen chegou muito perto de descobri-lo ao falar da cidade; pois, em vez de descrever estruturas e construções individuais, ateve-se à impressão geral de ângulos vastos e superfícies rochosas, grandes demais para pertencer a qualquer coisa própria ou típica deste mundo — um panorama impiedoso coberto por terríveis imagens e hieróglifos. Faço menção aos *ângulos* descritos por Johansen porque relacionam-se a algo que Wilcox havia me dito a respeito de seus abomináveis sonhos. O jovem afirmou que a *geometria* do cenário que avistara tinha algo de anormal, de não euclidiano, que sugeria esferas e dimensões abjetas muito além das que conhecemos. No diário, um marujo semianalfabeto registrara a mesma impressão ao contemplar a terrível realidade.

Johansen e seus homens atracaram em um barranco lodoso naquela Acrópole monstruosa e escalaram os titânicos blocos viscosos que não poderiam ser obra de nenhum mortal. O próprio sol do firmamento parecia distorcido quando visto através do miasma polarizante que emanava daquele naufrágio perverso, e um suspense deformante pairava zombeteiro nos insanos ângulos furtivos da pedra lavrada, em que um segundo relance mostrava uma superfície côncava logo

depois de havê-la mostrado convexa.

Algo muito similar ao pânico apoderou-se de todos os exploradores mesmo antes que encontrassem qualquer coisa além de gosma e algas. Todos os homens teriam fugido se não temessem a chacota dos companheiros, e assim procuraram sem muito entusiasmo — e em vão — por algum *souvenir* que pudessem levar consigo.

Foi Rodriguez, o português, que escalou até o sopé do monolito e aos gritos anunciou sua descoberta. Os outros seguiram-no e viram, com o olhar cheio de curiosidade, uma enorme porta decorada com o já familiar baixo-relevo do dragão com cabeça de lula. Era como uma enorme porta de galpão, segundo Johansen; e todos os exploradores acreditaram tratar-se de uma porta por causa do lintel decorado, do umbral e das jambas que a emolduravam, ainda que fossem incapazes de decidir se a porta era horizontal como um alçapão ou inclinada como a porta externa de um porão. Conforme Wilcox dissera, a geometria do lugar era toda errada. Não se podia afirmar com certeza que o mar e o chão estivessem na horizontal, e assim a posição relativa de todo o resto adquiria uma instabilidade fantasmática.

Briden forçou a pedra em diversos pontos sem obter nenhum resultado. Então Donovan passou as mãos por toda a extensão das bordas, apertando cada ponto à medida que prosseguia. Escalou por um tempo interminável a grotesca muralha de pedra lavrada — ou melhor, teria escalado se o objeto não estivesse em um plano horizontal — enquanto os outros se perguntavam como poderia existir uma porta tão vasta no universo. Então, aos poucos, o painel de um acre começou a ceder na parte superior; e os homens perceberam que ele estava equilibrado. Donovan deslizou ou de alguma outra forma impulsionou-se para baixo ou ao longo da jamba e reuniu-se a seus companheiros, e todos observaram o singular movimento para trás do monstruoso portal esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, o portal moveu-se de modo anômalo em um plano diagonal, violando todas as leis da física e da perspectiva.

A brecha estava escura, envolta em trevas quase tangíveis. Essa tenebrosidade era de fato uma *qualidade positiva*; pois ocultava paredes internas que deveriam estar visíveis, e chegava a espalhar-se como fumaça para fora do claustro onde havia passado éons aprisionada, obscurecendo o sol a olhos vistos enquanto afastava-se em direção ao céu murcho e distorcido no ruflar de asas membranosas. O odor que recendia do sarcófago recém-aberto era intolerável, e passado algum tempo Hawkins, que tinha uma audição notável, julgou ter escutado um terrível chapinhar naquelas profundezas. Todos se puseram a escutar, e seguiam escutando quando a Coisa emergiu diante de todos e, babando,

espremeu Sua imensidão gelatinosa através do portal negro em direção ao ar conspurcado que então pairava no exterior sobre a pestilenta cidade da loucura.

Neste ponto a caligrafia do pobre Johansen quase sofria um colapso. Dos seis homens que jamais retornaram ao navio, o imediato acredita que dois tenham morrido de susto naquele mesmo instante. A Coisa era indescritível — não há idioma em que se possa expressar tais abismos de angústia e loucura imemorial, tais contradições preternaturais da matéria, da força e de toda a ordem cósmica. Uma montanha caminhava ou arrastava-se. Meu Deus! Será mesmo surpreendente que no outro lado do mundo um grande arquiteto tenha enlouquecido e o pobre Wilcox tenha delirado de febre naquele instante telepático? A Coisa dos ídolos, o rebento verde e viscoso das estrelas havia despertado para reclamar o que era seu. As estrelas haviam se alinhado, e o que os adoradores ancestrais não foram capazes de fazer, por mais que tentassem, um grupo de marinheiros inocentes conseguiu por acaso. Passados vigesilhões de anos, o grande Cthulhu caminhava mais uma vez sobre o mundo, ávido por prazer.

Três homens foram abalroados pelas garras flácidas antes que tivessem tempo de se virar. Que descansem em paz, se existe alguma paz no universo. Eram Donovan, Guerrera a '27Angström. Parker escorregou enquanto os três homens restantes corriam desesperados em meio a panoramas intermináveis de rocha coberta por algas para chegar ao barco, e Johansen jura que foi engolido por um ângulo de pedra lavrada que surgiu à sua frente; um ângulo agudo, mas que se comportava como se fosse obtuso. Assim, apenas Briden e Johansen alcançaram o barco e zarparam sem perder mais um instante na direção do *Alert* enquanto a monstruosidade montanhosa debatia-se sobre as pedras viscosas e cambaleava hesitante à beira d'água.

Ainda restava algum vapor na caldeira, mesmo que toda a tripulação estivesse em terra; e bastaram alguns instantes de labuta febril entre o leme e os motores para que o *Alert* deslizasse sobre as águas. Devagar, em meio aos horrores disformes daquela cena indescritível, a embarcação começou a desbravar as águas funestas; enquanto sobre a pedra lavrada nas tétricas margens extraterrenas a monstruosa Coisa estelar babava e urrava como Polifemo ao amaldiçoar o barco de Odisseu. Então, com mais ousadia do que o lendário ciclope, o grande Cthulhu deslizou envolto em gosma para dentro d'água e começou a perseguição, erguendo ondas com suas descomunais braçadas de poderio cósmico. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando as gargalhadas estridentes que o acompanharam até que a morte o levasse certa noite na cabine, enquanto Johansen delirava pelo navio.

Mas Johansen ainda não havia sucumbido. Sabendo que a Coisa poderia muito bem alcançar o *Alert* enquanto a caldeira não estivesse a todo vapor, o imediato fez uma aposta desesperada; e, depois de acelerar o navio ao máximo, correu como um raio pelo convés e virou a roda do leme. Um poderoso redemoinho espumante formou-se no clamor das águas salgadas e, enquanto a pressão do vapor subia a níveis cada vez mais altos, o bravo norueguês pôs o navio em rota de colisão com a criatura gelatinosa que se erguia acima da escuma impura como a popa de um galeão demoníaco. A terrível cabeça de lula e os tentáculos convulsos por pouco não tocaram o gurupés do robusto iate, mas Johansen seguiu em frente sem a menor hesitação. Sobreveio um estrondo como o de uma bexiga explodindo, uma massa viscosa como a de um peixe-lua cortado ao meio, um fedor como o de mil covas abertas e um som que o cronista foi incapaz de registrar no papel. Naquele instante o navio foi envolvido por uma acre e cegante nuvem verde, e logo não havia mais do que uma convulsão peçonhenta a ré; onde — Deus do céu! — a os fragmentos espalhados daquele rebento celestial inominável estavam se *recombinando* para voltar à odiosa forma original, ao passo que a distância aumentava a cada segundo enquanto o *Alert* ganhava mais ímpeto com o aumento do vapor na caldeira.

Isso foi tudo. Passado o pior, Johansen não fez mais do que meditar sobre o ídolo na cabine e cuidar de assuntos relativos às provisões para si e para o maníaco gargalhante que o acompanhava. O homem não tentou navegar depois dessa fuga heroica, pois a reação lhe arrancara um pedaço à alma. Então veio a tempestade do dia dois de abril, e as nuvens toldaram-lhe a razão. Nesse ponto há uma sensação de vertigem espectral por entre abismos líquidos de infinitude, de passagens atordoantes por universos giratórios na cauda de um cometa e de investidas histéricas do precipício à lua e da lua de volta ao precipício, sensações tornadas ainda mais pungentes pelo coro de escárnio formado pelos disformes e grotescos deuses ancestrais e pelos verdes demônios zombeteiros com asas de morcego que habitam o Tártaro.

Mas desse sonho veio o socorro — o *Vigilant*, o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta a Noruega, até a antiga casa junto à Egeberg. Mas não havia como contar — Johansen seria tido por louco. Assim, decidiu escrever o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não deveria saber de nada. A morte seria uma bênção se pudesse apagar as memórias.

Foi esse o documento que li e depois guardei na caixa de latão junto ao baixo-relevo e aos demais papéis do professor Angell. O mesmo fim deve ter meu relato — essa provação à minha sanidade que correlaciona o que eu espero jamais seja correlacionado outra vez. Vi tudo o que o universo abriga em termos de horror, e desde então até mesmo os céus da primavera e as flores do verão

são veneno para mim. Mas creio que viverei pouco. Assim como meu tio se foi, como o pobre Johansen se foi, eu também irei. Sei demais, e o culto ainda vive.

Imagino que Cthulhu também ainda esteja vivo naquele abismo de pedra que o abriga desde a época em que o sol era jovem. A cidade maldita afundou outra vez, pois o *Vigilant* singrou aquelas águas depois da tormenta de abril; mas os mensageiros de Cthulhu na Terra ainda bradam e desfilam e matam ao redor de monolitos coroados por ídolos em lugares ermos. A criatura deve ter ficado presa em seu abismo negro durante o naufrágio, pois de outra forma hoje o mundo estaria mergulhado no pavor e na loucura. Que fim terá essa história? O que emergiu pode afundar, e o que afundou pode emergir. A repulsa aguarda e sonha nas profundezas, e a decadência espalha-se pelas frágeis cidades dos homens. O momento chegará — mas não devo e não posso pensar! Rezo para que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus executores ponham a cautela antes da ousadia e cuidem para que ninguém mais lhe ponha os olhos.

Parte II
apêndice

Carta a R. Michael

QUANTO A MIM e às condições em que escrevo — temo serem assuntos um tanto insignificantes, uma vez que, a despeito de meus gostos excêntricos, em verdade sou um indivíduo deveras medíocre e desinteressante que mal produziu qualquer coisa que se possa chamar de literatura. Contudo — eis aqui alguns dados.

Sou uma criatura prosaica de meia-idade prestes a fazer 39 anos no dia 20 do mês próximo — natural de Providence, de uma antiga família de Rhode Island por parte de mãe e um pouco mais inglês por parte de pai. Nasci na parte leste do antigo distrito colonial, de modo que eu podia olhar para o Oeste em direção a ruas pavimentadas e para o Leste em direção a prados verdejantes e bosques e vales. Por força de minha herança campestre, eu olhava a Leste com maior frequência do que a Oeste; de modo que até hoje sou três-quartos rústico.

Neste instante, encontro-me sentado às margens verdejantes do rio cintilante que meus primeiros olhares conheceram e amaram. Esta parte do mundo de minha infância permanece imutável porque faz parte do sistema de parques local — louvados sejam os deuses por manterem imaculadas as cenas que a minha tenra fantasia povoou com faunos e sátiros e dríades!

Meu gosto por coisas estranhas começou muito cedo, pois sempre tive uma imaginação absolutamente descontrolada. Eu sentia medo do escuro até o meu avô curar-me ao fazer com que eu caminhasse por cômodos e corredores vazios à noite, e tinha uma tendência natural a urdir fantasias em torno de tudo o que via. Muito cedo, também, surgiu o gosto por coisas *antigas* que é uma parte tão característica de minha personalidade atual.

Providence é uma cidade antiga e pitoresca, inicialmente construída em uma encosta íngreme pela qual ainda enveredam as vielas da época colonial com vãos de entrada entalhados, providos de claraboias, lances duplos de escada com corrimãos de ferro e afilados coruchéus georgianos. Este ancestral precipício vertiginoso situa-se entre a área residencial e o distrito financeiro, e os relances que dele tive na meninice instilaram-me uma profunda reverência pelo passado — a época das perucas e tricornes e livros encadernados em couro com *ss* longos.

Meu gosto por estes últimos viu-se fomentado pela existência dos inúmeros exemplares na biblioteca de minha família — a maioria deles em um quartinho sem janelas, no sótão, onde eu tinha um pouco de medo de entrar sozinho, embora o terror potencial na verdade aumentasse os encantos dos vetustos tomos que lá encontrei e li.

Coisas estranhas sempre me cativaram mais do que quaisquer outras — desde o princípio. De todas as histórias que nos contam durante a infância, as fábulas e lendas de bruxas e fantasmas deixaram as impressões mais profundas. Comecei a ler ainda pequeno — aos quatro anos — e as fábulas dos irmãos Grimm foram minha primeira leitura contínua. Aos cinco anos li *As mil e uma noites* e fiquei absolutamente deslumbrado. Minha mãe preparou um canto árabe em meu quarto — com tapeçarias, lamparinas e objetos de arte comprados no "Damascus Bazaar" da vizinhança — e assumi a identidade fictícia de *Abdul Alhazred*; um nome que desde então celebro em minha fantasia, e que em tempos recentes usei para designar o autor do lendário *Al Azif* ou *Necronomicon*.

Por volta dos seis anos interessei-me pela mitologia greco-romana, à qual aos poucos fui levado pelo *Wonder Book* e pelos *Tanglewood Tales* de Nathaniel Hawthorne, bem como por um exemplar perdido da *Odisseia* na Half-Hour Series da Harper. Desmontei incontinente o meu cantinho de Bagdá e tornei-me um romano — voltando-me à *Idade da fábula* de Bulfinch e aos assombrosos museus de belas-artes aqui e em Boston. Foi por esta época que comecei minhas grosseiras tentativas no gênero literário. Aprendi a escrever no papel — em letra de forma — assim que aprendi a ler; mas não tentei nenhuma composição original até a época de meu sexto aniversário, quando, a muito custo, dominei a arte de escrever em letras cursivas. Curiosamente, a primeira coisa que escrevi foi em *verso*; uma vez que sempre tive um bom ouvido para o ritmo e ainda pequeno houvesse estudado um livro antigo sobre "Composição, rhetorica e syllabas poeticas" impresso em 1797 e usado pelo meu trisavô na East Greenwich Academy em idos de 1805.

Os primeiros versos infantis dos quais me recordo são "The Adventures of Ulysses"; ou, "The New Odyssey", escritos quando eu tinha sete anos. Este começava:

Na noite escura, vê a bravura do campeão da guerra
Que voga ao lar, co'a glória a ecoar, e a esposa aguarda em terra.
No embate vil, o muro ruiu, e Troia está acabada.
Mas no caminho o deus marinho engendra-lhe ciladas.[1]

Na época a mitologia era o meu alimento, e eu chegava quase a *acreditar* nos deuses gregos e romanos — imaginava vislumbrar faunos e sátiros e dríades ao crepúsculo nos bosques de carvalho onde agora mesmo estou sentado. Quando eu tinha cerca de 7 anos, por obra de meus devaneios mitológicos eu queria ser — não apenas *ver* — um fauno ou um sátiro. Em geral imaginava que a parte superior das minhas orelhas começava a afilar-se e que sinais de chifres incipientes começavam a surgir em minha fronte — e deplorava o fato de que

meus pés levassem tanto tempo para transformar-se em cascos! De todos os jovens pagãos, eu era o mais obstinado. A catequese — que comecei a frequentar aos cinco anos — não me impressionou em nada (embora eu amasse a antiga graça georgiana da igreja hereditária de que minha mãe era adepta, a imponente First Baptist, construída em 1775); e eu chocava a todos com minhas inclinações pagãs — a princípio declarei-me muçulmano e, mais tarde, romano pagão. Cheguei de fato a construir altares em honra de Pã, Jove, Minerva e Apolo, e sacrifiquei pequenos objetos em meio ao odor de incenso. Quando, um pouco mais tarde, a ciência obrigou-me a descartar este paganismo infantil, tornei-me um ateu materialista radical. Desde então dedico-me um bocado à filosofia e não vejo nenhuma razão que justifique crenças em qualquer forma de mundo espiritual ou sobrenatural.

Tudo indica que o cosmo seja uma eterna massa de forças em constante mudança e interação; que o atual universo visível, nossa minúscula Terra e nossa raça de seres orgânicos inferiores formem apenas um incidente transitório e desprezível. Assim, minha concepção séria da realidade é dinamicamente oposta à posição fantástica que assumo como esteta. Em estética, nada me atrai mais do que a ideia de estranhas suspensões das leis naturais — vislumbres bizarros de mundos de horror ancestral e dimensões anômalas, e insinuações de longínquos abismos desconhecidos nos limites do cosmo desconhecido. Creio que esse tipo de coisa fascina-me ainda mais porque não lhe dou o menor crédito!

Bem — comecei a escrever contos fantásticos aos 7 ou 8 anos, quando tive o primeiro contato com meu ídolo Poe. Mas o material era demasiado ruim, e foi em boa parte destruído; porém ainda tenho dois exemplares ridículos que escrevi aos 8 anos — "The Secret of the Grave" e "The Mysterious Ship". Não escrevi nenhum conto aceitável antes dos 14 anos. Entre os 8 e 9 anos, meus interesses sofreram uma grande reviravolta, e tomei-me de entusiasmo pelas ciências — em particular, pela química. Eu tinha um laboratório no porão e gastava toda a minha mesada em instrumentos e livros científicos. Nesta fantasia eu contava com o incentivo de minha mãe e de meu avô (meu pai já falecera), uma vez que eu era muito doente — quase um inválido por conta de meus nervos.

Aos 7 anos comecei a estudar violino, mas aborreci-me com o instrumento 2 anos mais tarde e desde então tenho um gosto musical duvidoso. Muitas vezes eu não podia frequentar a escola, mas recebi educação em casa, da minha mãe, das minhas tias e do meu avô, e mais tarde tive um tutor. Vez por outra tive breves relances da escola, e consegui frequentar o ginásio por quatro anos — mesmo que o esforço tenha provocado uma crise nervosa tão aguda que não pude entrar para a universidade. De fato, minha saúde só melhorou oito ou nove anos atrás — embora agora, por mais estranho que seja, eu pareça estar me transformando

em um velho pássaro robusto e magro!

O período da juventude que dediquei à ciência mostrou-se longo; embora ao mesmo tempo eu me dedicasse à literatura e também brincasse como outra criança qualquer. Eu não tinha nenhum interesse por jogos ou esportes, que hoje tampouco me interessam — mas gostava de brincadeiras que incluíssem algum elemento de interpretação dramática; guerra, polícia, fora-da-lei, estradas de ferro etc. Aos poucos, da química passei à geografia e por fim à *astronomia*, que me fascinaria e influenciaria o meu modo de pensar mais do que qualquer outra coisa em qualquer outra época. Obtive um pequeno telescópio — que ainda guardo — e comecei a escrever com grande entusiasmo sobre as esferas celestes. Ainda tenho alguns de meus velhos manuscritos e uma cópia mimeografada do meu periódico juvenil "The Rhode Island Journal of Astronomy". Ao mesmo tempo minhas inclinações ao antiquariato faziam-se notar cada vez mais.

Vivendo em uma cidade antiga em meio a livros antigos, tomei Addison, Hope e o dr. Johnson por modelos na prosa e no verso; eu literalmente vivia naquele mundo emperucado, ignorando o mundo presente. Quando eu tinha 14 anos meu avô faleceu; e no caos financeiro que sobreveio, a casa onde nasci precisou ser vendida. A dupla perda tisnou-me com uma melancolia que custou a passar; pois tenho afinidades geográficas demasiado fortes, e venerava cada centímetro da casa, do pátio, que mais parecia um parque, das estranhas fundações e do estábulo à sombra onde eu passara a minha juventude. Por muito tempo sonhei em recomprar a casa "quando eu enriquecesse" — mas, passados alguns anos, percebi que eu não tinha o menor instinto aquisitivo nem as habilidades necessárias ao sucesso financeiro.

Eu e o comercialismo não temos quase nada em comum, e desde aquele triste ano de 1904 levo uma vida de limitações e penúria cada vez maiores.

Antes da morte da minha mãe, tínhamos um apartamento próximo à antiga casa. Logo vieram malfadadas excursões a outros lugares, incluindo dois anos em Nova York, cidade que aprendi a detestar como se fosse veneno. Agora tenho um quarto em um silencioso recanto vitoriano no pico do velho morro de Providence — em uma tranquila vizinhança antiga que tem a aparência exata da área residencial de um vilarejo adormecido.

Minha tia mais velha — com a saúde frágil e incapaz de cuidar da casa — ocupa um quarto na mesma residência; e uma vez que tanto ela como eu guardamos o máximo possível dos antigos móveis, fotografias e livros (os quartos são muito amplos), ainda temos muito da antiga atmosfera familiar por aqui.

Sabendo que jamais serei rico, dar-me-ei por satisfeito se puder ficar aqui até o fim dos meus dias — em um lugar tranquilo como as minhas mais tenras lembranças, de onde posso ir a pé aos bosques, aos campos e à beira dos rios onde passei a minha infância. Minha principal ocupação remunerada é a revisão profissional de prosa e verso para outros escritores — uma tarefa odiosa, porém mais garantida do que os riscos da escrita original para os que não produzem obras populares e comerciais.

Escrevo meus próprios contos quando tenho oportunidade, o que não ocorre com a frequência que eu gostaria. Sempre que possível, carrego meus aprestos em uma pasta de couro preto a fim de escrever ao ar livre — ora nas margens verdejantes do rio que tanto amo, ora no cenário mais selvagem ao norte de Providence. Meu único passatempo puramente recreativo são viagens históricas — visitar outras cidades antigas e estudar espécimes de arquitetura colonial. O parco conteúdo de minha carteira torna as viagens um tanto limitadas, mas de qualquer modo consegui percorrer um pequeno trajeto histórico de Vermont à Virgínia nos últimos anos.

As primeiras coisas que publiquei foram uma série mensal de artigos sobre astronomia em um jornal de Providence. Eu tinha 16 anos na época e sem dúvida senti-me importante. Neste mesmo período, comecei a duvidar de meu talento ficcional e dediquei-me à versificação. Aos 18 anos resolvi que eu não sabia escrever narrativas e queimei todos os meus contos salvo alguns grotescos experimentos infantis e duas peças mais recentes — "The Beast in the Cave" e "The Alchemist". Não me arrependo em nada, pois o material era imaturo ao ponto de causar irritação. Mas o que mais faz com que eu me sinta ridículo é o modo solene com que eu encarava meus versos — pois a bem dizer eu nunca fui nem jamais serei poeta!

Minhas ilusões persistiram porque na época eu era um semi-inválido e praticamente um recluso, de modo que não recebi muitas críticas salutares. Então — aos 24 anos — juntei-me a uma associação literária amadora cujas atividades eram conduzidas por correspondência; e assim obtive grandes incentivos e muitas sugestões críticas. Quisera eu que hoje a organização ainda fosse tão ativa quanto naquela época — mas infelizmente ela encontra-se às portas da morte, sem nenhuma chance de melhora. Neste ponto as minhas ambições, que desviaram-se da ciência para a literatura quando ficou claro que a saúde frágil não me facultaria empenhar os esforços necessários às pesquisas astronômicas ou químicas, tornaram-se mais claras; e pouco a pouco vi que a prosa, e não o verso, era o meu ambiente natural. Ao mesmo tempo, as mais patentes excentricidades do século XVIII começaram a afastar-se do meu estilo.

Em 1916, permiti que um dos editores amadores no meu círculo literário publicasse um dos dois contos que eu salvara do desastre em 1908; e logo a seguir um amigo disse-me que a ficção fantástica era o meu único forte — o único ponto em que eu teria chances de chegar efetivamente ao nível da legítima criação artística.

A princípio fiquei um tanto incrédulo, pois eu desconfiava do valor de meus contos; mas fui persuadido a fazer mais uma tentativa após meu silêncio ficcional de 9 anos. Os resultados foram "A tumba" e "Dagon", escritos respectivamente em junho e julho de 1917. Eu receava que a falta de prática recente no gênero narrativo resultasse em fracasso, mas logo me asseguraram que ambos eram muito superiores aos dois contos remanescentes de minha juventude.

Então comecei a trabalhar a sério, produzindo um número considerável de novas histórias das quais aproveitei cerca de 7/8. Eu não tinha nenhuma ideia a respeito do mercado profissional até a fundação da *Weird Tales* — e ainda duvido de que outra publicação fosse aceitar contribuições regulares de minha autoria.

Elas não parecem más ao lado do lixo indescritível que constitui grande parte do conteúdo da *W. T.*, mas temo que eu não fosse me sair tão bem como escritor literário — ao lado da grande literatura de Poe, Machen, Blackwood, James, Bierce, Dunsany, De la Mare e assim por diante. A maior honra que recebi até agora foi uma menção com três estrelas e uma nota biográfica no volume "Best Short Stories of 1928" editado por O'Brien — por conta de meu "A cor que caiu do espaço".

Bem — acho que é tudo a meu respeito! Pouca coisa, mas você pode ver como um velho envaidecido pode tornar-se prolixo quando alguém o incita a falar sobre si!

Sou um sujeito assim — um cético materialista com gostos clássicos e tradicionais; afeito ao passado e a suas relíquias e tradições, convicto de que a única busca de sentido digna de um homem neste universo caótico é a busca dos prazeres requintados e inteligentes que se obtêm mediante uma vívida existência mental e imaginativa. Uma vez que não creio em valores absolutos, aceito os valores estéticos do passado como os únicos pontos de referência disponíveis — os únicos valores relativos trabalháveis — em um universo de outro modo conturbado e insatisfatório.

Assim, sou ultraconservador em termos sociais, artísticos e políticos e, ao mesmo tempo, apesar dos meus 39 anos, um modernista radical em todos os assuntos científicos e filosóficos. Como amante da liberdade ilusória do mito e do sonho,

entrego-me à literatura escapista; da mesma forma, como amante do passado, pinto minhas ideias com a paleta do antiquário.

Meu período moderno favorito é o século XVIII; meu período antigo favorito, o intocado mundo viril da Roma republicana. Não consigo interessar-me pela Idade Média — até a mágica e os mitos daquela época desolada parecem-me demasiado ingênuos para soarem convincentes.

Voltando ao meu amor por abandonar o mundo real em direção a um mundo imaginário, prefiro o dia à noite quando não estou no campo aberto. Da mesma forma, minhas horas são terríveis e maravilhosas em casa — em geral, de pé ao pôr do sol e na cama pela manhã.

É raro eu estar na rua tarde — mas raro estar de pé cedo! No inverno eu literalmente hiberno, pois tenho uma sensibilidade extrema ao frio. A menor friagem me derruba! Por outro lado, não sei o que é passar calor. O aperto só começa quando faz 35 à sombra!

No geral, sou quase um eremita, como fui em minha juventude. A maioria dos meus contatos literários — um "time" bastante agradável com nomes que você reconhecerá dos sumários da *W. T.* (Frank Belknap Long Jr., Donald Wandrei, Clark Ashton Smith, H. Warner Munn, Wilfred B. Talman, August W. Derleth etc., etc.) — moram em outras localidades, e estou ficando velho demais para apreciar conversas que fujam aos meus assuntos favoritos.

A velhice levou-me cedo. Meu temperamento é o mesmo de 20 anos atrás, e também será o mesmo daqui a 20 anos, caso eu viva até lá. Quanto à escrita — em geral sei o que pretendo dizer antes de iniciar um conto, porém muitas vezes altero o enredo no meio do caminho se a pena sugere-me novas ideias. Escrevo sempre em letra cursiva — não consigo sequer pensar com uma maldita máquina à minha frente — e faço correções minuciosas.

A grande rapidez com que escrevo material não destinado a publicação dá lugar a uma cautela muito vagarosa quando enceto um novo texto sério em prosa. Dedico muita atenção aos detalhes, inclusive ao ritmo e às sutilezas do tom; embora meu grande objetivo seja alcançar a máxima simplicidade — a arte que esconde a arte. Em geral, dedico três dias a um conto de extensão média — em sessões de duração variável. Não gosto de interromper meus pensamentos, então não admito que nenhuma outra tarefa me distraia.

Escrevo apenas quando o clamor íntimo pela expressão torna-se irresistível. Nada me inspira maior desprezo do que a escrita forçada ou mecânica ou comercial. A não ser que se tenha algo a dizer, deve-se permanecer calado!

Tenho uma agenda onde anoto ideias estranhas e enredos rudimentares para uso posterior, e também um arquivo de notícias estranhas de jornal que uso como possível fonte de inspiração. Uns poucos contos foram baseados em sonhos — os meus são muito estranhos e fantásticos. Na juventude eu tinha mais pesadelos do que tenho agora — aos seis anos encontrava com bastante frequência terríveis demônios dos sonhos que chamei de "noctétricos". Usei-os em uma das minhas histórias. Tenho as melhores ideias entre as duas da madrugada e o amanhecer.

O que mais temo é datilografar os meus manuscritos, pois abomino a visão e o som das máquinas. Não tenho como delegar o serviço a outros, pois ninguém é capaz de ler meus originais cheios de rabiscos, entrelinhas e inúmeras correções. Às vezes nem eu mesmo consigo decifrá-los!

Mas creio que agora não resta muito a dizer sobre o suposto autor ou suas efusões!

Por fim, devo pedir desculpas por este arroubo de prolixidade senil! É assim que a velhice manifesta-se ante uma oportunidade de recordar épocas passadas — em especial quando o cenário relembra o passado de maneira tão intensa como as margens deste rio.

Mas o ocidente fulgura com o sol que parte, e acima das copas ancestrais a alongada foice prateada da jovem lua perturba. Preciso ir para casa…

20 de julho de 1929

1

"The night was dark O reader hark! and see Ulysses' fleet / All homeward bound, with vict'ry crown'd, he hopes his spouse to greet. / Long hath he fought, put Troy to naught, and levell'd down its wall. / But Neptune's wrath obstructs his path, and into snares he falls!"

Notas sobre a escritura de contos fantásticos[1]

O QUE ME LEVA a escrever contos é a satisfação de visualizar com maior clareza, detalhe e estabilidade as impressões vagas, efêmeras e fragmentárias de assombro, beleza e expectativa aventureira que me são comunicadas por visões (cênicas, arquitetônicas, atmosféricas etc.), ideias, acontecimentos e imagens presentes na arte e na literatura. Escolhi os contos fantásticos porque melhor se adaptam à minha inclinação — um dos meus desejos mais ardentes e perenes é criar, por alguns instantes, a ilusão de uma estranha suspensão ou violação dos irritantes limites impostos pelo tempo, pelo espaço e pelas leis naturais que eternamente nos aprisionam e frustram nossa curiosidade relativa aos espaços cósmicos infinitos além do alcance de nossa visão e de nossa análise. Esses contos muitas vezes enfatizam o elemento de horror porque o medo é nossa emoção mais profunda e mais intensa, e também a que mais se presta à criação de ilusões que desafiem a Natureza. O horror e o desconhecido, ou o estranho, mantêm sempre uma relação muito estreita, de modo que é difícil pintar um retrato convincente do esfacelamento das leis naturais ou da estranheza ou singularidade cósmica sem destacar a emoção do medo. O tempo assume um papel importante em muitas das minhas histórias porque é o elemento que assoma na minha imaginação como sendo aquele que evoca os dramas mais profundos e os terrores mais sinistros do universo. A batalha contra o tempo parece-me ser o tema mais poderoso e mais fértil de toda a expressão humana.

Embora a forma que escolhi para as minhas histórias seja sem dúvida especial e talvez limitada, não deixa de ser um modo persistente e permanente de expressão, tão antigo quanto a própria literatura. Sempre haverá um número diminuto de pessoas que sentem uma curiosidade ardente a respeito do espaço sideral desconhecido e um desejo ardente de escapar da prisão do conhecido e do real rumo às terras encantadas de incríveis aventuras e possibilidades infinitas aonde os sonhos nos transportam, e que os bosques densos, as fantásticas torres urbanas e os pôres do sol chamejantes sugerem-nos por breves instantes. Essas pessoas incluem grandes autores e também amadores insignificantes como eu — sendo Dunsany, Poe, Arthur Machen, M.R. James, Algernon Blackwood e Walter de la Mare os mestres do gênero.

Em relação ao modo como escrevo um conto — não existe um método único. Cada um dos meus contos tem uma história diferente. Por uma ou duas vezes fiz o relato literal de um sonho; mas, em geral, começo com uma ambientação ou uma ideia ou uma imagem que desejo expressar e então trabalho-a na minha imaginação até que me ocorra uma forma plausível de materializá-la em uma cadeia de acontecimentos dramáticos passível de ser registrada em termos

concretos. Costumo fazer uma lista mental das condições básicas ou das situações que mais se prestam à ambientação ou à ideia ou à imagem e então começo a especular sobre as explicações lógicas e racionais para a ambientação ou ideia ou imagem, tendo em vista a condição básica ou a situação escolhida.

O processo de escritura, claro, é tão variado quanto a escolha do tema e da ideia inicial; mas se as histórias de todos os meus contos fossem analisadas, é possível que as seguintes regras pudessem ser abstraídas a partir do procedimento padrão:

1. Prepare uma sinopse ou um cenário para os acontecimentos na ordem em que ocorreram — não na ordem da narrativa. Descreva com riqueza suficiente para contemplar todos os pontos vitais e motivar todos os incidentes planejados. Detalhes, comentários e estimativas das consequências às vezes são desejáveis nessa estrutura temporária.
2. Prepare uma segunda sinopse ou cenário para os acontecimentos — agora na ordem da narrativa (não na ordem de ocorrência), com grande riqueza de detalhes e notas relativas a mudanças de perspectiva, ênfases e clímax. Faça as alterações necessárias na sinopse original caso essa mudança aumente o impacto dramático ou a eficácia geral do conto. Interpole ou exclua incidentes à vontade — não se prenda jamais à ideia original, mesmo que o resultado seja um conto absolutamente diferente do planejado. Faça acréscimos e alterações na medida em que ocorrerem durante o processo de formulação.
3. Escreva todo o conto — depressa, com fluência e sem tecer muitas críticas — de acordo com a segunda sinopse, na ordem da narrativa. Altere os incidentes e o enredo sempre que o andamento do processo sugerir alterações, sem jamais se ater a qualquer esquema prévio. Se em algum ponto o desenvolvimento revelar novas oportunidades de efeito dramático ou de narração vívida, faça os acréscimos necessários — depois volte atrás e reconcilie as partes preexistentes com o novo plano. Acrescente e exclua seções inteiras de acordo com o necessário ou com o desejado, tentando diferentes inícios e fins até encontrar o melhor arranjo. Certifique-se de que todas as referências ao longo da história estejam completamente adaptadas ao esquema final. Remova todas as excrescências possíveis — palavras, frases, parágrafos ou mesmo episódios e elementos inteiros —, tomando as precauções habituais em relação a conciliar todas as referências.
4. Revise todo o texto, com especial atenção ao vocabulário, à sintaxe,

ao ritmo da prosa, à proporcionalidade das partes, às sutilezas do tom, à graça e ao poder persuasivo das transições (de uma cena a outra, da ação lenta e detalhada à ação rápida e superficial e vice-versa... etc., etc., etc.), à eficácia do início, do fim, dos clímaxes etc., ao suspense e ao interesse dramático, à plausibilidade, à atmosfera e a vários outros elementos.

5. Prepare uma cópia datilografada — acrescentando revisões finais conforme o necessário.

O primeiro estágio muitas vezes é puramente mental — trabalho com um conjunto de variáveis e acontecimentos na minha imaginação e não escrevo nenhuma palavra até que me sinta capaz de preparar uma sinopse detalhada dos acontecimentos na ordem da narrativa. Mas é verdade que às vezes começo a escrever antes mesmo de saber como desenvolver a ideia — assim, este começo constitui um problema a ser motivado e explorado.

Creio que existem quatro tipos distintos de conto fantástico; um que expressa uma ambientação ou uma impressão, outro que expressa uma composição pictórica, um terceiro que expressa uma situação, condição, lenda ou composição intelectual, e um quarto que explica um quadro determinado ou uma situação dramática ou clímax específico. De outro modo, os contos fantásticos podem ser agrupados em duas categorias amplas — aqueles em que o portento ou o horror refere-se a alguma condição ou fenômeno e aqueles em que se refere a uma ação humana relacionada a uma condição ou fenômeno bizarro.

Os contos fantásticos — em particular os de horror — parecem depender de cinco elementos bem definidos: (A) um horror ou uma anormalidade subjacente — uma condição, entidade etc., (B) os efeitos gerais e consequências do horror, (C) a forma da manifestação — o objeto que corporifica o horror e os fenômenos observados, (D) as reações de medo que pertencem ao domínio do horror e (E) os efeitos específicos do horror em relação ao conjunto de condições dadas.

Ao escrever um conto fantástico, sempre empenho o maior cuidado para obter a ambientação e a atmosfera desejadas e enfatizar os pontos críticos da história. É impossível, salvo no charlatanismo ficcional mais imaturo, apresentar o relato de fenômenos impossíveis, improváveis ou inconcebíveis como uma narrativa ordinária de ações objetivas e emoções convencionais. Acontecimentos e condições inconcebíveis apresentam-se como um obstáculo a ser transposto, o que só pode ser feito por meio da manutenção de um realismo minucioso em todas as partes da história, exceto naquela em que se aborda o prodígio em questão. O portento deve receber um tratamento deliberado e impressionante —

com uma atenta preparação emocional — sob pena de soar banal e pouco convincente. Sendo o principal elemento da história, sua mera existência deve obscurecer todos os demais personagens e acontecimentos. Mas os personagens e acontecimentos devem ser consistentes e naturais, exceto quando deparam-se com o singular portento. Em relação a este prodígio central, os personagens devem manifestar as mesmas emoções incontroláveis que personagens semelhantes manifestariam diante de tal prodígio na vida real. Um prodígio não pode jamais ser tratado com indiferença. Mesmo quando os personagens têm alguma familiaridade com o prodígio, tento comunicar um espanto e uma grandeza análogos aos que o leitor deve sentir. Um estilo casual arruína qualquer fantasia com pretensões sérias.

A atmosfera, e não a ação, é o grande *desideratum* da ficção fantástica. Em verdade, tudo o que um conto maravilhoso almeja é pintar o retrato convincente de um determinado sentimento humano. No momento em que tenta fazer qualquer outra coisa, o conto torna-se barato, pueril e irrelevante. Deve-se dar ênfase à insinuação sutil — pistas e pinceladas discretas relativas a detalhes associativos que expressem diferentes tonalidades de sentimento e componham a vaga ilusão da estranha realidade do elemento irreal. Evite listas inócuas de acontecimentos fantásticos sem nenhuma substância ou relevância senão como nuvens de cor e simbolismo.

Eis as regras e padrões que sigo — de forma consciente ou inconsciente — desde que me propus a escrever contos fantásticos. O sucesso de minhas obras pode muito bem ser disputado — mas estou certo de que, houvesse eu ignorado as considerações feitas nos parágrafos precedentes, seriam muito inferiores ao que são.

42mm EdiçãoBruno Costa Coedição Iuri Pereira e Jorge Sallum Capa e projeto gráfico Júlio Dui e Renan Costa Lima Imagem de capa *Cthulhu*, Tulio Caetano http://moovooka.blogspot.com Programação em LaTeX Marcelo Freitas RevisãoBruno Costa e Guilherme da Silva Braga Assistência editorial Bruno Oliveira e Thiago Lins ColofãoAdverte-se aos curiosos que se imprimiu esta obra na Digital Page em , em papel off-set 90 g/m², composta em tipologia Minion Pro, em GNU/Linux (Gentoo, Sabayon e Ubuntu), com os softwares livres LaTeX, DeTeX, VIM, Evince, Pdftk, Aspell, SVN e TRAC.

---

1 Publicado postumamente em junho de 1937 na *Amateur Correspondent*.

Advertem-se os curiosos que...